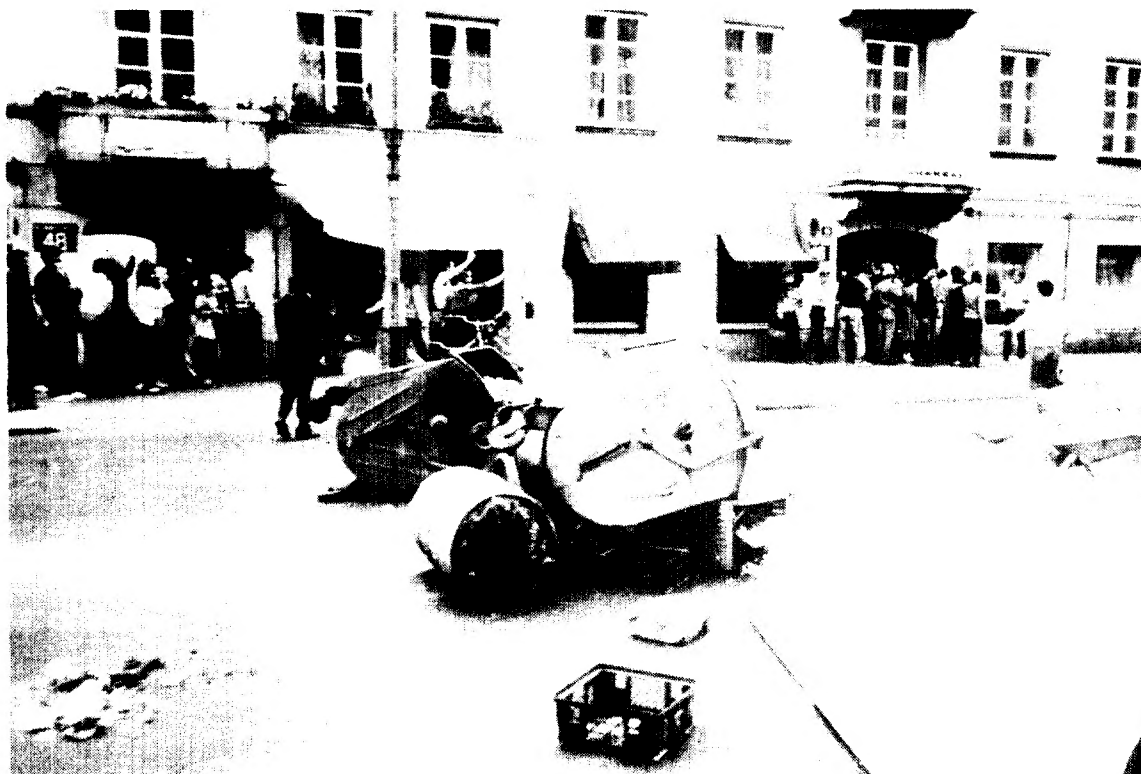


Enquanto Igreja critica "impacientes"

Polónia: "Solidariedade" ameaça com greve geral

Um dos elementos da direcção clandestina do «Solidariedade», Wladislaw Frasyuniuk, escreve no boletim n.º 38 daquela organização que «o 31 de Agosto constituiu uma grande vitória moral» e que o «Solidariedade» se deve preparar agora «activamente para uma eventual greve geral na Polónia». Foram distribuídos exemplares do boletim aos correspondentes da Imprensa estrangeira em Varsóvia. Frasyuniuk, que tem pendente contra ele um mandado de processo sumário e está a ser activamente procurado pela Polícia (segundo aqueles corpondentes) acrescenta: «Conservamos no espírito que o combate para o restabelecimento das liberdades cívicas no nosso país vai prosseguir e que a tarefa mais urgente que se nos depara neste momento é reconstituir estruturas activas do sindicato». Entretanto, monsenhor Glemp, primaz de Varsóvia incitou os polacos a manterem a fé na «prudência» da Igreja, condenando a actuação dos «impacientes», numa aparente alusão às manifestações de 31 de Agosto.

Pág. 12



Barricada nas ruas de Varsóvia durante as manifestações que assinalaram o segundo aniversário do «Solidariedade»



Emmanuele De Francesco, de 61 anos, chefe dos serviços secretos italianos, foi encarregado do combate à Mafia

Após morte de Dalla Chiesa

Governo italiano declara guerra à Mafia

Pág. 12

Castrado e quase degolado

— operário moribundo encontrado numa camarata de Sacavém

O servente Manuel José dos Santos, de 47 anos, natural de Abrantes, apareceu ao princípio da madrugada de ontem a esvaír-se em sangue numa camarata, em Sacavém, ocupada por operários de um prédio em construção naquela localidade. Transportado de urgência para o Hospital de Santa Maria, onde esta manhã ainda se encontrava em estado de coma no Serviço de Urologia, apresentava castração dos testículos e do pénis para além de um profundo golpe no pescoço.

Embora as informações fornecidas aos jornalistas pela GNR de Sacavém e pela Polícia Judiciária tenham sido quase nulas, ainda assim conseguimos apurar que na origem da violenta agressão a Manuel José dos Santos, perpetrada segundo tudo indica por companheiro ou companheiros de camarata, estão problemas de origem pessoal e rática. Registe-se, a propósito, que a maioria dos

Continua na pag. 24

Presidente da Câmara de Arronches

“Votei em Eanes e voltaria a votar”

Pág. 5



Vinte anos depois

Salgueiros arranca 1.ª divisão mesmo no fim do risco branco

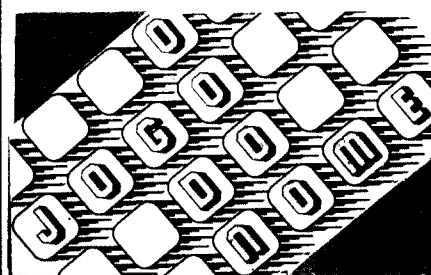
Já se desesperava em «Vidal Pinheiro». Já exultavam os conimbricenses. Eis senão que o professor Henrique Calixto (dos mais jovens técnicos do nosso futebol) manda entrar um suplente salgueirista: Santos, de seu nome. Santos (de casa) que fez o «milagre»: um rapaz de 23 anos que, a três minutos do apito final, carregou o Salgueiros para o lugar de onde fora apeado há duas décadas: o quadro de honra do futebol português.

Págs. 15 e 16

Metalúrgicos em greve 4.ª feira

• *Dirigente sindical responsabiliza o Governo*

Pág. 10



1.º Prémio

Um
televisor
«GRUNDIG»
a cores

HOJE
MAIS
TRÊS
LETRAS
DO
JOGO
4

Págs. 13 e 14



Envie já os cupões
do Jogo 3

A CRÓNICA AGRÍCOLA

A CAP e o Governo

Alexandre Ramos

A Imprensa do dia noticiava que o MACP — ou, seja, o Ministério da Agricultura Comércio e Pescas — de que é actualmente titular o Senhor Basílio Horta havia assinado um documento com a CAP — como quem diz a Confederação da Agricultura Portuguesa — no âmbito do qual, a CAP vai integrar a partir de agora, em pé de igualdade com os representantes governamentais, as delegações portuguesas nas negociações à adesão à CEE, no domínio da agricultura.

O convénio visa promover o reforço técnico das estruturas da CAP, através da cedência de técnicos especializados no MACP, preenchendo uma lacuna no sentido da evolução e progresso de agricultura portuguesa, permitindo ao mesmo tempo uma real capacidade para a participação da CAP nos trabalhos para a adesão de Portugal ao Mercado Comum.

José Maria Queiroga considerou que a assinatura do protocolo marca uma nova fase no associativismo agrícola em Portugal, surgindo numa altura em que se apresentam grandes desafios ao sector, nomeadamente a necessidade do aumento da produção, melhoria do nível de vida das produções rurais e integração europeia.

O documento — disse — permitirá a estruturação técnica de que a CAP carecia e abre as portas a uma forma de

diálogo em pé de igualdade à participação nas negociações com a CEE, que a CAP sempre defendeu dever ser o mais activo, reforçado agora pela obtenção de uma capacidade técnica, humana e de meios inerentes ao protocolo. Basílio Horta afirmou por seu lado que a escolha da CAP como representante dos agricultores portugueses à mesa das negociações não pretende excluir outra organização do sector, sublinhando que caberá à Confederação informá-las e aumentar as suas opiniões neste contexto.

O ministro salientou a necessidade de uma lavoura organizada para assumir o papel que lhe cabe para a comercialização directa de cereais e outros produtos agrícolas, responsabilidade que não pode caber somente ao governo mas que tem de ser transferido para os sectores que garantem a produção.

Basílio Horta referiu que a CAP passará a ter representantes e técnicos em cada um dos grupos de trabalho formado para analisar e discutir cada um dos dossiers do processo de adesão no domínio da agricultura, o que se torna possível a partir da altura em que o governo garante o fornecimento de técnicos à Confederação.

Tudo isto trocado por miúdos, quer dizer, que o governo AD, por intermédio do Senhor Basílio Horta vai dar dinheiro à CAP,

funcionários e funcionárias e caixas, bancos, secretárias papel, tinta e mala-borrão, viagens, ajudas de custo e roupas novas para ir ao Mercado Comum.

Há muito tempo se sabia que a CAP estava falida, que não tinha dinheiro para mandar tocar o cego que poisa nos túneis do metro.

Na situação de falência a CAP tinha três alternativas: ou findava ou acabava ou se transformava.

A CAP nunca logrou implantar-se ao meio da sociedade rural como agremiação que defendesse a sério os interesses dos produtores agrícolas. Passado o período exploratório de um anticomunismo cavernícola, entrou, rapidamente, no marasma resultante das contradições da adesão a toda a política reaccionária dos governos AD, e, aquilo que deveria ser a defesa dos interesses dos produtores agrícolas que se situavam e situam no campo contrário à política geral do governo, mormente ao da política agrícola.

Assim procedendo, faltou-lhe a base de apoio real, e, em consequência faltaram-lhe os meios naturais de sustentação.

Mas a CAP, na lógica de uma política AD, que no campo agrícola aposta na adesão ao Mercado Comum, adesão que trará consigo malefícios agravados e dilatados ao sector agrícola não poderia acabar.

Era precisa ao governo AD, como precisa, também, aos interesses latifundiários, como precisa, ainda, aos interesses pes-

soais dos seus militantes dirigen-

tes. Era precisa ao governo como organização amortecedora de choques, lutas e reivindicações que o sector poderia desenvolver face à repressiva política agrícola do governo.

A CAP é precisa ao governo para apoiar com o seu silêncio e acomodação — e, esta é uma razão de fundo —, a política de desmantelamento da organização de coordenação económica, e uma substituição por uma liberalização comercial que, retirando o exclusivo e condicionamento da importação de cereais e outros bens fundamentais das mãos do Estado, abra este vasto campo de negócios à exploração de empresas privadas nas quais as forças económicas e políticas da AD estão vivamente empenhadas.

Assim, conveio ao governo acordar com a CAP.

E à CAP conveio acordar com o governo.

Mas na vida somente sintonias românticas pouco significam.

Necessário se torna cobrir os casamentos com dinheiros, facilidades e honra, mesmo que os dinheiros sejam dinheiros públicos, as facilidades violações de direitos e honras sejam desonras.

Mas, para além disso, como o senhor Basílio Horta é do CDS, este integrou a CAP no seu espaço político, no seu campo de manobra acabando de uma vez para sempre com as tricas, acabando com restos da veledade pequeno-burguesa do PSD de fazer política agrícola de peque-

nos granjeiros. Daqui em diante nem o senhor Balsemão, nem o senhor Casqueiro, irão mais ao Alentejo inaugurar os campos de futebol agrícolas.

Agora a batuta é outra. As desatinações estragam o conjunto. Afinou-se a orquestra.

Há parceiros sociais e parceiros sociais.

Certos acordos que se estabelecem sobre questões de fundo exigem, por vezes, o assumir consciente da responsabilidade do despudor, da violação das mais elementares regras de comportamento democrático.

Para a direita, para o Governo AD, no caso vertente, para o senhor Basílio Horta nada disso importa.

O acordo CA/governo fez-se à margem e à revelia da Confederação Nacional de Agricultura — e de inúmeras cooperativas, ou de Unões e Federações de Cooperativas, algumas delas, como, por exemplo, a Lacticoop constituindo poderosas organizações de milhares de pequenos produtores associados e representativos de vastos interesses económicos.

O acordo da CAP/governo fez-se à margem e à revelia de inúmeras associações de produtores.

Algumas destas Associações ou Cooperativas nada têm a ver com a CAP, nada querem com a CAP, nem podem querer.

Mas o senhor Basílio Horta outorga à CAP o privilégio, de só com ela dialogar, outorga-lhe o direito de ser o interlocutor entre o governo e todas as outras organizações e associações.

O governo abdicou do direito e dos deveres de informar e de ouvir as organizações agrícolas para além da CAP, e, esta, obteve do governo o privilégio de só ela receber fundos e auxílios de vária ordem.

★ ★
★

Apesar de tudo, o Mercado Comum tem regras de convivência, e os democratas e produtores agrícolas portugueses não podem, nem devem, consentir este atentado aos seus direitos de cidadãos e contribuintes.

O acordo agora assinado entre a CAP e o governo de que deve exigir-se a publicação integral, é mais um acto de afronta e tem de ser denunciado como escândalo, mesmo no âmbito da CEE.

O governo e o vinho

Tarde e a más horas a Junta anunciou, agora, a intervenção no mercado do vinho.

No anúncio publicado dizia-se, também, que a Junta continuava, como sempre, a retirar os vinhos adulterados.

Claro. Foi-se, propositadamente, deixando avançar o tempo para que este fizesse os estragos necessários.

Os vinhos ainda são, há uns meses atrás, estão, agora, leprosos, pestilentos. Vão para a caldeira, para destilar.

Correm o seu destino. Valem metade do que valiam.

Este quadro de defesa dos interesses dos produtores é surrealista.

entrevista

Lester R. Brown

Antigo conselheiro do secretariado de Estado da Agricultura dos Estados Unidos, Lester R. Brown é hoje presidente do Worldwatch Institute de Washington. Ele preocupa-se com as deteriorações no planeta e seus habitantes e propõe soluções.

O Worldwatch Institute foi criado em Washington em 1975. Agrupa uma dúzia de investigadores que tentam analisar globalmente os problemas que condicionam a nossa sobrevivência: população, meio ambiente, alimentação, energia, inflação, emprego, segurança nacional. É dada uma particular atenção ao desenvolvimento da cooperação internacional e ao equilíbrio das nossas relações com o Terceiro Mundo.

O seu presidente, Lester R. Brown entrou em 1959 para o secretariado de Estado americano da Agricultura, onde em 1964 se tornaria conselheiro de política estrangeira. Dirigiu programas de desenvolvimento das culturas de viveres nuns quarenta países do Terceiro Mundo. Segundo ele, o Worldwatch deve ter o papel de explorador que, na época das conquistas do Oeste galopava à frente dos comboios para se assegurar de que a linha estava livre. Mas o instituto não se limita a constatar os factos, ele propõe soluções. Algumas delas são desenvolvidas no último livro de Lester R. Brown. *Building a sustainable society*.

Pode ler-se neste livro a seguinte inscrição: «Não herdamos a terra dos nossos pais, pedimo-la emprestada aos nossos filhos» (1).

— Porque resolveu abandonar as suas funções oficiais para fundar o Worldwatch Institute?

— Porque não podemos continuar a agir como se não houvesse nenhum elo entre a deterioração do meio ambiente e as

tensões económicas. As descobertas da arqueologia e da história mostraram-no suficientemente. Hoje, perante as crises, os governos limitam-se a tomar medidas fiscais ou monetárias, quando os números indicam que a produção de bens essenciais por habitante vai diminuindo regularmente a nível mundial. Essa regressão é um sinal de alarme. Ela começa em 1964 nas madeiras, em 1970 no peixe, em 1973 no petróleo, em 1976 na carne de vaca, e em 1978 nos cereais.

Um pouco de bom-senso

— Como inverter este movimento?

— O primeiro esforço a empreender diz respeito à população. Ela aumenta demasiado depressa. O Banco Mundial acha que, ao ritmo actual, o subcontinente indiano deverá contar com 2,3 mil milhões de habitantes no ano de 2020, isto é, mais do que a totalidade do planeta em 1940. É necessário diminuir este movimento e atingir uma taxa de crescimento próxima de 0 % a partir do ano 2000 nos países desenvolvidos e do ano 2020 para os outros, isto se não quisermos ultrapassar a base de 6 mil milhões de habitantes, o que seria fatídico para todos nós. Para o conseguir é necessário dar meios contraceptivos a quem o deseja. Calculou-se que em 1975 um casal em dois não tinha acesso à contracepção, e ainda hoje é recusado a um terço das mulheres o direito ao aborto.

Um segundo esforço consiste em proteger as terras aráveis.

Um explorador do ano 2000

Nos Estados Unidos o desaparecimento da camada fértil superficial da terra (em consequência da destruição dos terraços e das protecções contra o vento e outras — provocou uma baixa de produção agrícola em mais de um terço das zonas cultivadas. As terras agrícolas são cada vez mais ameaçadas pela extensão das cidades ou das vilas, dos caminhos-de-ferro, dos locais onde há indústrias, das minas de carvão e urânio, dos campos militares. Entre 1960 e 1970, a sua superfície diminuiu 2,50 % em França e na Grã-Bretanha. Como o disse um perito americano, quando a terra agrícola desaparece, é o alimento que desaparece. O asfalto é a sua última colheita.

Também é necessário um esforço de arborização. O nosso planeta perde anualmente uma superfície de floresta equivalente à área da Hungria. Ora as florestas têm um papel ecológico, e, para além dele, as árvores continuam a ser o combustível de base de 40 % da população mundial.

— Essa parte vai diminuindo...

— E devia ser o contrário. A utilização da madeira de aquecimento desenvolve-se tanto no consumo doméstico como na indústria onde esse material é menos caro do que o petróleo, e se se estiver perto de onde ele existe, menos caro do que o carvão. Hoje, nos Estados Unidos, a madeira de aquecimento produz duas vezes mais energia do que o nuclear. A madeira é um exemplo das perspectivas abertas pelas energias renováveis. Neste domínio cada país deve escolher as suas soluções: micro-centrais hidroeléctricas, edificações, captadores solares, células fotoeléctricas, culturas energéticas, utilização do lixo, energia das ondas, etc.

— E o nuclear?

— Hoje tem-se a certeza de que a energia nuclear não pode

substituir o petróleo. E isto não só por razões ecológicas, mas também económicas. O nuclear custa demasiado caro. Nos Estados Unidos, isto é, no país com maior experiência na matéria, não foram os movimentos ecologistas que condenaram o programa nuclear, mas sim os homens de negócios. Foi Wall Street quem traçou o epitáfio no túmulo da energia nuclear.

— A utilização das energias renováveis, para além da sua importância como apoio, coloca problemas técnicos e pode levar a contradições. Por exemplo, a extensão das culturas energéticas não irá transformar a agricultura em produtor de energia quando o seu papel é produzir alimentos? Iremos ver os complexos petroquímicos produzir proteínas e as herdades, carburantes?

— Os riscos existem e fomos os primeiros a apontá-los, principalmente no que diz respeito ao plano Proalcool no Brasil. Ao subvencionar a produção do álcool de origem agrícola, tem governo só favorece quem tem veículos automóveis, o que por vezes só representa 10 a 15 % da população. Por outro lado é perigoso pôr toda uma economia, meios de produção, serviços técnicos, transportes e crédito bancário, ao serviço do desenvolvimento de uma única energia. Apesar destas reservas a agricultura deverá tornar-se produtora de energia. É possível e necessário evitar a competição com a produção alimentar, ou então os ricos terão carburante para o seu carro enquanto os outros vão morrer de fome.

Também temos que evitar o gasto exagerado de energia e de matérias-primas. Quanto à energia a tomada de consciência já começou. Nos Estados Unidos um decreto que data de 1957 pedia aos condutores de automóvel que num espaço de dez anos fizessem descer a média de

consumo dos veículos de 17 litros para 8,5 aos 100 quilómetros. O aumento do preço dos carburantes levou estes construtores a acelerar os seus estudos, e alguns deles já atingiram este ano o seu objectivo.

— Os países europeus iniciaram estudos similares com objectivos ainda mais ambiciosos. Mas estes esforços são devidos ao impacto dos dois choques petrolíferos. No domínio das matérias-primas o que é que poderia levar um país a fazer economias?

— Um pouco de bom-senso. Basta olhar para os números. A energia necessária para reciclar uma tonelada de alumínio equivale a 4 % da que é necessária para fabricar a mesma quantidade a partir da bauxite. Para o cobre, a proporção é de 10 %. Tomemos o Japão como exemplo. Ele tem uma política exemplar no que diz respeito à reciclagem. Neste país, entre 1974 e 1978 a parte de materiais reciclados no consumo total das matérias-primas, passou de 16 % para 48 %. Os japoneses importam dos Estados Unidos carros que já não prestam e recuperam tão bem o metal que os americanos dizem que o Toyota deste ano é o Buick do ano passado.

Limitar as despesas militares

— Como fazer com que as pessoas tenham consciência de que é necessário recuperar as matérias-primas?

— Criando sistemas de colecta eficazes e, se possível, motivadores como o do depósito. A Noruega faz isso com os carros desde 1978. Quando um cidadão norueguês compra um veículo, entrega ao Estado uma soma de 1200\$00 que lhe é entregue quando ele se desembaraça do carro num centro de recuperação. Para mais, ainda recebe um

prémio de um montante equivalente.

A Dinamarca estuda a possibilidade de estandarizar todos os acondicionamentos de bebidas. Só haveria um tipo de embalagem para o leite, os sumos de frutas, o vinho, a cerveja, a água, embora em cinco tamanhos. Só as etiquetas seriam diferentes. Um tal sistema, gerido por meios informáticos à escala do país, permitiria fazer economias importantes em matéria de recuperação e transporte das embalagens.

— Essa uniformização é contrária às actuais políticas comerciais dos industriais que baseiam a sua publicidade na diferença mesmo que, dentro das embalagens, os produtos sejam por vezes idênticos. Mas, para além destas questões psicológicas, não acha que a passagem para uma sociedade que se mantenha necessita de uma reorientação completa dos investimentos públicos e privados?

— Tudo isto vai custar muito caro de início, em especial a reconversão das energias renováveis. É portanto necessário modificar as prioridades. A principal solução é limitar as despesas militares que atingem actualmente 550 mil milhões de dólares por ano. Para tal, a noção de segurança nacional deve evoluir. Hoje, a segurança já não está somente ameaçada pelas relações entre nações mas também por aquelas que se estabelecem entre a humanidade e a natureza.

(1) Este trabalho, assim como outros publicados pelo Worldwatch Institute, principalmente uma análise do papel da ciência e da tecnologia nos anos 80 (The God that limps — o Deus que coxeia —, de Colin Norman), são editados por W.W. Norton and Co (Nova Iorque e Londres).

política de A a Z

Um camponês na cidade

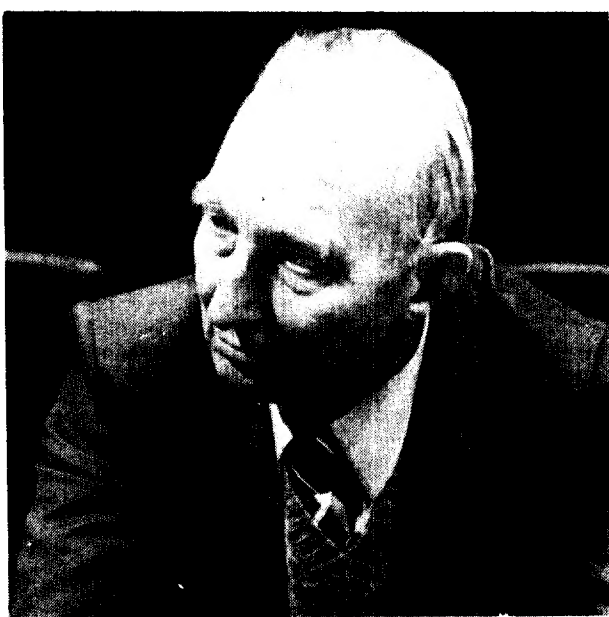


A aldeia o caminho para o Mundo passava por Lisboa. Francisco Ramos da Costa veio para Lisboa trabalhar e estudar. Foi, muito jovem, trabalhador da indústria hoteleira: «Restaurante Leão de Ouro», «Hotel Avenida Palace», «Hotel Aviz». Como trabalhador-estudante diplomou-se no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, onde ingressou após ter concluído o curso do Instituto Comercial de Lisboa. Como economista fez a sua vida profissional.

Em Lisboa descobriu a vida de homem livre e envolveu-se na militância sindical e política. Embrenhou-se em actividades clandestinas. Conheceu as cadeias. Teve a experiência do exílio. Regressou com o 25 de Abril. E a República de Abril mandou-o representar Portugal na Jugoslávia primeiro, na Dinamarca depois. Em Copenhague — já consciente da doença contra a qual travaria com inextinguível coragem uma longa luta — atingiu-o o limite de idade para servir o Estado. Voltou para Portugal. O seu estado de saúde não lhe permitiu uma intervenção na vida política à altura e com a intensidade que teria desejado. Era profundamente crítico, mesmo de amigos seus e de velhos camaradas.

Lutava contra um desafio terrível, consciente da batalha contra o tempo. Começou a pôr ordem nos seus papéis, nos trabalhos publicados, em trabalhos inéditos, colaborações dispersas, recordações, memórias da vida política e diplomática. A morte condenou ao silêncio, a pouco dias da data do seu aniversário — nascera, a 10 de Setembro de 1913, em Alfaiões — uma voz que tinha palavras para dizer, uma experiência a transmitir, um testemunho a prestar.

Tinha orgulho na sua origem popular, oriundo de uma família de camponeses e de ferroviários. Orgulhava-se, também, da sua juventude de pequeno empregado, de estudante em horas roubadas ao repouso, de frequentador assíduo de bibliotecas. Falava com paixão de certezas de que estava convicto. Mas era um homem de espírito independente, compreensivo, crítico. Sabia avaliar, distinguir, escolher. A Revolução de Abril abriu-lhe as portas da Pátria, mas a política de Abril não terá sabido aproveitar a sua experiência e o seu conhecimento dos homens e da realidade económico-financeira do país. A nomeação, como Embaixador, honrou-o, mas a vida de diplomata representou, de algum modo, um prolongamento do exílio. Que num dourado afastamento não deixa de pesar a distância — sentiu-o bem Francisco Ramos da Costa.



Francisco Ramos da Costa

Feitas as contas — e importa fazê-las para os homens das gerações que viveram sob a tirania salazarenta — Francisco Ramos da Costa tinha 13 anos em 1926, 20 anos em 1933. Viveu os melhores anos da sua vida, os de plena pujança, durante o período da opressão, da censura, da perseguição policial, do obscurantismo cultural. Sabemos que, muito jovem, aderiu ao Partido Comunista, nas fileiras do qual ascendeu ao Comité Central. Sabemos que foi membro do grupo «Liberdade» com Álvaro Salema, Álvaro Cunhal, Mário Dionísio, Vasco de Magalhães Vilhena. Sabemos que, sucedendo ao malogrado Alberto Emilio de Araújo, representou o Partido Comunista no Comité Central da Frente Popular. Sabemos que teve uma intervenção destacada no MUD, e, particularmente, na respectiva Comissão de Económicos. Sabemos que esteve empenhado no movimento revolucionário de 10 de Março de 1959, a chamada «Revolução da Sé». Sabemos que tomou parte nos trabalhos conspirativos da Resistência Republicana e Socialista e nos trabalhos de redacção do «Programa para a Democratização da República». Sabemos que, por motivo do assalto ao Quartel de Beja, viveu no exílio, evitando a PIDE, o tribunal e a prisão. Sabemos que foi um dos fundadores do actual Partido Socialista. Sabemos mesmo que foi Francisco Ramos da Costa, com as suas irradiações pessoais e políticas, com o seu prestígio, simpatia, a sua irradiante comunicabilidade, que criou as condições que facilitaram, no plano europeu, a fundação do Partido Socialista e o seu reconhecimento pelas instâncias internacionais.

A sua caminhada de muitos anos no terreno da acção política revela-nos um homem que resistiu ao fascismo e lutou sempre por liberdade e por justiça social. Marxista de formação. Dentro de um quadro bem definido, realizou uma evolução que deverá ser apreciada à luz de um contexto epocal contraditório e dilacerante. Mas que, num homem como Francisco Ramos da Costa foi percorrida, vivida, com sinceridade inteira e uma estrita fidelidade ao «povo operário». Ele foi sempre o camponês que descera à cidade, que da cidade partira para as sete partidas e à sua origem camponesa e proletária ficara fiel. E dessa origem sempre orgulhoso. Orgulhoso ao ponto de exagerar que só por acaso não nascera enquanto a mãe sacava uma leira de milho. Queria marcar, na sua própria família, e através da experiência da sua própria infância, a rudeza extrema do trabalho da terra, a cruz da vida das mulheres do campo. De sua mãe. E com orgulho apresentava o pai aos doutores, aos políticos, aos urbanos. Era um homem de raiz popular. E que tirava força das raízes camponesas e proletárias.

Intellectual foi, a partir do seu ingresso nos estudos médios e superiores, a contribuição que deu em complemento da militância clandestina ou para a substituir em fases de refluxo. Foi Francisco Ramos da Costa que se ocupou de, a partir de um ângulo de análise sociologicamente conotado com o movimento operário, criticar o «Plano Beveridge», então apresentado como panaceia de males universais. É de 1943, e saiu dos prelos da «Seara Nova», em separado, o opúsculo de Ramos da Costa: «O Plano Beveridge Criticado». Nessas páginas de crítica escreveu: «Em primeiro lugar, o que se me afigura mais importante do ponto de vista da crítica financeira, é demonstrar-se com números do plano que

estes benefícios maiores não são dádiva do Tesouro Público ou fruto de uma maior contribuição proporcional das classes patronais. Salvo raríssimas e anacrónicas excepções, as receitas para ocorrer aos encargos com os seguros sociais têm sempre uma triplíce origem: 1.ª) Contribuição da classe trabalhadora com os descontos nos salários e ordenados; 2.ª) Contribuição da classe patronal com uma taxa sobre salários; 3.ª) Contribuição do Tesouro Público.» E logo, colocando-se na posição da classe trabalhadora, comenta: «Antes do 'Plano Beveridge', são estas as fontes de receita do sistema de Seguros Sociais ingleses. O plano mantém-nas, simplesmente, e sob este ponto de vista o plano é bastante retrógrado, a participação das três fontes de receita no aumento dos benefícios trazidos pelo plano é muito desigual, porque mantém quanto às duas últimas (classe patronal, Tesouro Público) o mesmo coeficiente, e aumenta de maneira antieconómica e anti-social o coeficiente da primeira (classe trabalhadora).»

É neste seu trabalho «O Plano Beveridge Criticado» que Francisco Ramos da Costa nos deixou duas páginas, acaso esquemáticas, mas justicieras sobre a palavra «política» e o seu conteúdo. Condenando a «política» dos profissionais, da «classe política», dizia: «Fazer política neste caso é um meio de conquista da fortuna, de prestígio social e intelectual, etc. Claro está que este tipo de política está condenado a objecto de museu...» Talvez. Mas de aqui a quantos anos? A ideia romântica da «administração das coisas» substituir a «administração dos homens» continua a ser depois de Abril, um horizonte distante. E os «políticos» que, com suas ambições e manhas, peralvilhices e brilharetes, deveriam ser «objectos de Museu», são agentes e titulares de Poder. Francisco Ramos da Costa não os poupava no seu juízo crítico.

Outro trabalho seu, «O Desamparo do Trabalho e a Democra-

cia Económica», publicado em 1945, não aborda, simplesmente, a situação da classe trabalhadora e não se limita a traçar um quadro da Democracia Económica, critica frontalmente os princípios orientadores da intervenção do Estado (Novo) na vida económica da Nação. A vida descoberto, Francisco Ramos da Costa ataca em pleno reinado de Salazar. São páginas cuja leitura ainda se recomenda para a compreensão da economia fascista nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Com confiança, escrevia em 1945: «Não podemos ainda neste momento definir com a clareza necessária o que envolve de renovador o conceito de Democracia Económica que nós, democratas trabalhadores, havemos de realizar; mas não deixaremos trair os seus fins porque estaremos presentes dentro dela, disciplinados, orientados e esclarecidos politicamente.»

A experiência mostrou que a Democracia Política era só um nível de luta e de realização, mas que a lógica da liberdade política consentia a recuperação (política e económica) dos adversários (ideológicos) e das forças do passado (os aparentemente vencidos). Francisco Ramos da Costa acompanhou, de Belgrado, de Copenhague, depois em Lisboa (ou em Alfaiões, ou em Queijas) esta recuperação, e a exibição pública da politiquice que quisera arrumada num museu e as inquietantes ressurreições de espec-

Foi, a seu modo, um cooperativista. Considerou as «cooperativas» uma frente de luta. Acompanhou o movimento cooperativo português, dirigiu durante algum tempo a Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal, deu o seu entusiástico apoio à constituição da Cooperativa de Santa Catarina Fonte do Bispo (Tavira). Mas conhecia, e indicou, os limites do «cooperativismo». Leia-se o seu trabalho «Lição do Cooperativismo Sueco», publicado em 1957, numa edição do Autor, mas sob a égide da UNICOPE. Em relação às importantíssimas realizações do cooperativismo sueco, escrevia: «Apesar do indiscutível progresso do sector cooperativo, a estrutura capitalista não foi atingida de molde a ver comprometida a sua estabilidade, bem pelo contrário, a Suécia tornou-se nas últimas décadas um país exportador de capitais...» E linhas adiante perguntava: «Mas, a longo prazo, não será de admitir que o progresso do sector cooperativo, forçando o capitalismo a abandonar posições económicas, cedendo portanto à sua expansão, venha a reduzir o seu campo próprio, e, logicamente, uma vez que o espaço económico nacional é finito, não terá de perecer em face do ímpeto social do cooperativismo?» E concluiu: «A esta nova pergunta responde o autor pela negativa. Em presença dos dados reais da evolução económica paralela dos dois sectores (o «sector capitalista» e o «sector cooperativista»).»

Era a resposta do «economista», não a «opinião» do homem político. Lá fora foi reconhecida a sua competência técnica. O economista François Perroux, do «Collège de France», director do «Institut de Science Économique Appliquée», de Paris, convidou-o para colaborar no volume de «Economies et Sociétés» («Cahiers de l'Institut de Science Économique Appliquée, Laboratoire du Collège de France associé au C.N.R.S.»), dedicado aos problemas de «Progresso e Crescimento». Além do próprio François Perroux, colaboraram no volume Fernando de La Puente, A. Fernandez Diaz, Macrino Suarez, Panayotis Pavlopoulos, François Pernet, Osmar Okyar e Ramos da Costa. O estudo do economista português intitulou-se: «Les inégalités structurelles: le cas du Portugal». Foi escrito quase no termo do exílio parisiense. Está datado de 1973. Creio-lo desconhecido em Portugal.

Compilar as páginas que fora escrevendo e publicando ao longo da vida e intervir na crise do Partido Socialista foram as tarefas que se impusera e não conseguiu realizar. Gozava na «partido» — e no movimento antifascista português — de uma grande autoridade moral e política. A intervenção para que se sentia solicitado, a que se sentia moralmente obrigado, não lhe permitiu a doença terrível que o minava e lhe roubou as forças. Que a coragem, não. Morreu, como vivera. Olhando de frente a morte. Como olhara de frente, em frente, a vida.

ponto a ponto



● O Comité Central do Partido Comunista Português iniciou hoje uma reunião plenária, que deve terminar amanhã e na qual deverá apreciar a situação política e as próximas eleições para as autarquias. Amanhã pelas 16.30, no centro de trabalho da Rua Soeiro Pereira Gomes, o PCP dará uma conferência de imprensa para apresentação das conclusões da referida reunião.



● O brigadeiro Carlos Azeredo já cumpriu a pena de 10 dias que lhe tinha sido aplicada pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, tendo saído na passada sexta-feira das instalações da Academia Militar. Carlos Azeredo apresentou recurso ao Supremo Tribunal Militar, porque considerava que a carta enviada ao CEME «não continha matéria considerada ofensiva».

● O despacho que concede a Medalha de Ouro dos Serviços Distintos ao general Garcia dos Santos e o louvor do Presidente da República pela acção desenvolvida durante o período de quatro anos e meio em que desempenhou as funções de chefe da sua casa militar, foram já publicados na folha oficial.



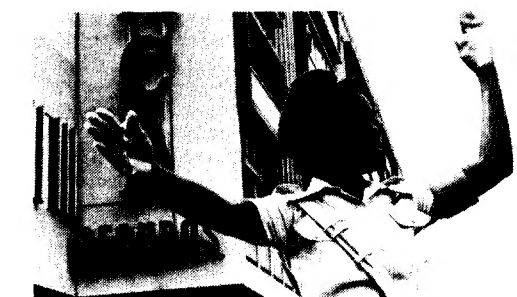
● O ministro das Finanças e do Plano, João Salgueiro, disse que o seu Ministério não deverá conceder qualquer subsídio à Agência Notícias de Portugal, mas que há a intenção de se vir a negociar com a cooperativa um contrato de prestação de serviços.

«Sei que há a intenção do secretário de Estado-adjunto do Primeiro-Ministro para a Comunicação Social de negociar a prestação de serviços da Agência Notícias de Portugal», disse, interrogado sobre o assunto, à partida para Toronto.

«É evidente que qualquer negociação terá que ser feita com a participação do Ministério das Finanças, mas ainda não tivemos qualquer proposta», acrescentou.

Fontes da nova Agência admitiram entretanto que «muito em breve» seja assinado um protocolo financeiro que viabilize a empresa cooperativa.

● O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egídio, deverá presidir no próximo dia 18, em Oeiras, a cerimónia de mudança de chefia, no Quartel-General da Iberlantz e à respectiva promoção a comando-chefe — Cinciberlantz. Nessa cerimónia simultânea, como já tínhamos anunciado, o vice-almirante Elias da Costa (da Armada Portuguesa), receberá das mãos do comandante cessante, contra-almirante da Marinha dos EUA, Tyler Dedman, a transmissão de poderes.



● Chegou hoje a Lisboa o ministro da Indústria da República Popular de Angola, Alberto do Carmo Bento Ribeiro, que estará no nosso país, em visita oficial, até sábado, a convite do seu homólogo Baiao Horta. O ministro angolano visitará o Instituto de Investigação Científica Tropical, a Sociedade Portuguesa de Empreendimentos e algumas empresas entre as quais a Diagal, a Dialap e a Sociedade Nacional de Sabões.

comunicação social

Apesar das carências na Informação

Abril também chegou à comunidade portuguesa dos Estados Unidos

Eu costumo dividir as pessoas em honestas e desonestas e em competentes e incompetentes. A mim só me interessa trabalhar com gente honesta e competente. Sou democrata e julgo uma ofensa que se procure saber qual é a opinião política de qualquer profissional... — assim se exprimiu para o «DL» António Alberto Costa, vice-presidente do Rádio Clube Português de Providence (EUA), emissora que transmite em 19 horas diárias e que, a partir de Outubro, passará a irradiar ininterruptamente em língua portuguesa. Radicado há 33 anos nos EUA, António Costa veio a Portugal para ultimar conversações relativas a um projecto de transmissão diária, via satélite, de um serviço de notícias, além da tarde desportiva dominical, que lhe foi apresentado pela TSF (associação de profissionais de rádio que iniciou a sua actividade em Março último), bem como concretizar outros planos de cooperação informativa com a Rádio Renascença e com a RDP/Açores. Assinalando a importância para a emigração de uma ampla e permanente informação sobre o nosso país, frisou o nosso entrevistado o interesse de tais serviços (incluindo o da ANOP) que poderão vir a ser transmitidos nas principais emissoras e programas de língua portuguesa no Canadá e EUA, para milhão e meio de portugueses.



António Alberto Costa, vice-presidente do Rádio Clube Português de Providence (EUA)

«DL» — Que carências, sob o ponto de vista de informação, tem a comunidade portuguesa onde reside e trabalha?

A.C. — As carências residem de facto, no aspecto informativo. Até aqui a informação tem-se limitado à ANOP, serviço que recebemos por intermédio da Reuter e que chega lá em língua portuguesa, duas vezes por dia. Fora isso temos realmente muitos poucos dados sobre o que se passa em Portugal...

«DL» — Isso significa que se acentua o divórcio entre aquilo que cá se passa e a comunidade que lá existe?

A.C. — O divórcio não é tão acentuado hoje porque o 25 de Abril também chegou à comunidade de língua portuguesa dos EUA. Eu já vivo nos EUA há 33 anos e posso por isso dar testemunho disso. No entanto, continua a sentir-se de certa forma esse divórcio. A comunidade exige, precisa, pergunta por informações concretas sobre o que se passa na sua terra de origem, de que muitos estão afastados geograficamente mas a que continuam ligados por estreitos laços sentimentais, de cultura, de tradição, de amizade e, porque não dizê-lo?, de amor pela terra que deixaram. Muito dificilmente é possível satisfazer esse desejo.

«DL» — Nessa medida, de que forma é que acha possível dar passos em frente para se estabelecer essa cadeia de comunicação?

A.C. — Na minha opinião, fundamentalmente por intermédio da rádio. A rádio continua a ser para os emigrantes portugueses nos EUA o veículo de maior penetração porque é, de momento, o que corresponde à lei do menor esforço, porque não é pago e é fácil porque é o recurso mais fácil para o emigrante português radicado nos EUA. Eu acrescentaria também que, existindo já cinco estações de rádio que, totalmente ou quase, transmitem em língua portuguesa, este é o momento ideal para o arranque de um projecto de informação que in-

teressa às comunidades. Eu acredito muito mais na informação do que na formação. Acho que se pode formar e que se deve formar pela informação, dando a cada um o direito de chegar às suas próprias conclusões. Uma estação de rádio como a minha, por exemplo, que transmite 19 horas diárias e que a partir de 1 de Outubro passará a emitir em 24 horas exclusivamente em língua portuguesa, acolherá com muito agrado um serviço regular de informação. Foi isso de resto que me trouxe a Lisboa e também aos Açores. É preciso acentuar que pelo menos 60 por cento dos emigrantes radicados nos EUA são açorianos. A emissora que dirijo tem pretensões de vir a ser o centro de uma cadeia de informação no Continente Norte-americano virado exclusivamente para os emigrantes. Tenho assim muito gosto em revelar que cheguei a acordos com a Cooperativa TSF, com a Rádio Renascença e com a Radiodifusão Portuguesa nos Açores para implementar esse projecto de informação que passa também pelas transmissões desportivas. Julgo que vai ser possível produzir um bom trabalho e minimizar as carências da nossa comunidade. Fizemos uma experiência com a TSF sobre o Campeonato Mundial de Futebol e posso afirmar que ela foi extraordinariamente positiva. Sou profissional de rádio há dezenas de anos e posso dizer que ainda não ouvi em língua portuguesa trabalho que se possa comparar àquele que nos foi fornecido diariamente pela TSF. As perspectivas são por isso boas. Estamos preparados para espalhar por todas ou quase todas as estações de rádio de língua portuguesa que existem no Canadá e nos EUA, e que manifestem esse desejo, os programas que resultam desses acordos.

Serviço da ANOP é importante

«DL» — Durante a sua estadia em Lisboa foi confrontado com a situação de decorrente da extinção da ANOP. Sendo este, até agora, um dos poucos canais de informação que chegava às co-

munidades, como encara esse facto?

A.C. — Eu não sei bem se a ANOP vai ser extinta. Sei por informações da minha estação de rádio que a ANOP pediu aos subscritores dos EUA que a informassem do interesse que poderiam ter ou não em continuar a receber o seu serviço. Para nós o serviço da ANOP é importante, já que é o único serviço informativo que recebemos. Tenho no entanto de admitir que é insuficiente e, nalguns casos, deficiente o trabalho recebido.

«DL» — Manteve em Portugal contactos com as autoridades que superintendem na emigração...

A.C. — Estive em Ponta Delgada e acordei com o secretário da Informação da Região Autónoma dos Açores aspectos ligados ao incremento de um serviço de notícias da região directamente para os EUA e Canadá. Aqui em Lisboa contactei com o secretário de Estado da Emigração, José Vitorino, com a MARCONI e outras entidades. Em todo o lado tive o melhor acolhimento, o que é muito agradável. Apenas lamento, se me permite um parêntesis, que na terra que me serviu de berço as pessoas continuem divididas entre esquerda e direita. Eu não entendo. Eu costumo dividir as pessoas em honestas e desonestas e em competentes e incompetentes. A mim só me interessa trabalhar com gente honesta e competente. Democrata autêntico que me considero, julgo uma ofensa que se procure saber qual é a opinião política de qualquer profissional. Desde que uma pessoa seja honesta e competente, tenho por essa pessoa toda a consideração. E quando me criticam por eu ter tido contactos com A, B ou C sob o argumento de que é gente de esquerda ou de direita eu, primeiro, sinto-me insultado, e, depois, sinto um grande desgosto por no País que me viu nascer, e que eu procuro continuar a servir nos EUA se continue a pensar assim. E direi mais se tal me permitem: a verdadeira Democracia nunca chegará a Portugal enquanto se pensar dessa forma.

Sérias alterações na situação política ainda antes das eleições autárquicas

—hipótese levantada em Braga por Álvaro Cunhal

«Não consideramos excluído (e lutamos por isso) que nos tempos próximos, antes das previstas eleições para as autárquicas, no mês de Dezembro, haja sérias alterações na situação política» — afirmou em Braga, no comício da «Festa da Alegria», o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal.

Cunhal que, tal como Carlos Costa, do CC, em declarações à RDP-1 revelou a recusa do PS, em Abril passado, de chegar a acordo com o PCP para listas comuns às eleições autárquicas — falou em pormenor de exemplos de intolerância e corrupção da AD instalada no poder. «É vulgar — disse a propósito — que onde há lixo é preciso uma vassoura. A AD é a corrupção instalada no poder e no Estado. É autêntico lixo a exigir uma boa vassourada».

«O País está a saque...»

E a justificar uma afirmação prévia sobre a situação económica («O País está a saque» — disse), o dirigente do PCP falou de vários casos exemplares.

«Nas empresas nacionalizadas — frisou — os gestores nomeados pelo Governo AD para as conduzirem à ruína e prepararem a sua entrega ao capital privado, entram em cheio (com a indicação, a permissão ou aval do Governo) nas negociações mais sórdidas».

E Cunhal perguntou: «entre as centenas de outros negócios escuros, porque não explica o Governo ter proibido o Banco Nacional Ultramarino de comprar 66 por cento das acções do Banco Franco-Português, entregando-as a um grupo internacional associado a Miguel Quina dos velhos monopólios fascistas e tirando assim à banca portuguesa a movimentação de cerca de 15 por cento das remessas dos emigrantes?»; — porque não explica o Governo a decisão de ter consumado o empréstimo de 1,2 milhões de contos do Banco Europeu de Investimentos, às multinacionais CELBI e CAIMA, apesar dos pareceres contrários das Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal?»; — porque não explica o Governo que escuros negócios estão por detrás da tentativa de desmantelamento da EPAC para entrega aos grandes moageiros e grandes multinacionais do monopólio do comércio de cereais?

— porque não explica o Governo que negócio foi esse de entregar à COSIDER o monopólio de importação e comercialização da chapa do aço?

— Porque não explica o Governo como foi possível vender o navio «Ilha de St.ª Luzia» da SNAPA por 6500 contos quando estava avaliado em 43 500 contos? E como foi possível a venda pela TAP de 4 DC-6 por 65 000 dólares quando o seu valor rondava 10 vezes mais? Porque não explica o Governo que na CNN se tenha alugado o «Nova Lisboa» por metade do preço normal, quando se alugam navios estrangeiros a 6000 dólares/dia? E se venderem para a RFA dois navios frigoríficos («Frigoático» e «Frigoantártico») para logo depois os alugar?

E porque não explica a história do célebre arroz «estufado» que, com a cobertura da Direcção-Geral do Comércio Alimentar, apareceu à venda em Dezembro de 1980, fora dos padrões autorizados, com bolores potencialmente nocivos à saúde e ao preço de mais 14\$000/quilo do que o carolino, o que teria dado à empresa respectiva mais 10 000 contos de sobre-lucro?»

A recusa do PS

Cunhal retomou ainda no seu discurso de Braga a revelação feita por Carlos Costa à RDP-1 sobre a recusa do PS em aceitar as propostas feitas em Abril passado pelo PCP para listas comuns nas autárquicas. Segundo Carlos Costa, tal coligação retiraria à AD 44 câmaras.

Cunhal, por sua vez, indicou que bastariam as votações do PS e da APU em 1979, para garantir a vitória em terras tão importantes como Guimarães, Baião, Gondomar, Maia, Santo Tirso, Valongo, Vila Nova de Gaia, Espinho, Santa Comba Dão, Fundão, Belmonte, Mantelgas, Coimbra, Lousã, Peniche, Alcanena, Torres Novas, Mafra, Cadaval, Lisboa, Oeiras, Sintra, Portalegre, Elvas, Sousel, Mourão, Ourique, Faro e Albufeira.

Na sua intervenção Carlos Costa acrescenta que uma previsível «pequena descida» da AD daria ainda para a esquerda ganhar, coligada, as câmaras de Cascais, Feira, Cabeceira de Basto, Vieira do Minho, Famalicão, Alfândega da Fé, Castelo

Branco, Miranda do Corvo, Loulé, Alcobaça, Lousada, Penafiel, Melgaço, Porto e Santa Marta de Penaguião. Nesta perspectiva o PS recuperaria, por exemplo, 33 das 55 câmaras que perdeu em 1979.

Questão religiosa

Outro tema de Álvaro Cunhal em Braga foi, naturalmente, a questão religiosa. «Um católico-disse nomeadamente — que sintam na cabeça e no coração os ensinamentos de Cristo, certamente não pode apoiar a política feroz e cheia de ódio da AD contra o povo trabalhador, contra os pobres, contra as camadas mais desprotegidas, mais infelizes, mais desgraçadas da população, política que serve os grandes senhores na sua vida de luxo, ostentação e feroz egoísmo, à custa da fome, da miséria, dos sofrimentos e das lágrimas de milhões de portugueses».

Falou ainda da existência de numerosos católicos nas fileiras do PCP, partido que — sublinhou Cunhal — «contraria firmemente quaisquer palavras, quaisquer atitudes e quaisquer actos que possam ofender os sentimentos religiosos dos crentes».

110 contos por cidadão...

Noutra festa, a da Unidade, na Amadora, usou da palavra Dias Lourenço, que referiu a catastrófica situação económica do País, revelando que cada cidadão português deve ao estrangeiro, 110 contos.

Dias Lourenço denunciou ainda as falhinhas mansas de última hora, de Freitas do Amaral, ao Ribeiro e Castro, de Marcelo Rebelo de Sousa, ao Júdice de «o diabo», de Balsemão à secretaria de Estado Belezza, prometendo acabar com a guerrilha institucional face ao PR, apenas porque receia que Eanes «recorra às prerrogativas institucionais para travar o caminho à reacção e estabelecer a legalidade democrática, sacudir a AD da área do Poder».

Ramos Costa foi a enterrar

Soares, Zenha e Arnaut presentes no funeral

Centenas de pessoas acompanharam ontem, em Alfândega da Fé, o funeral de Francisco Ramos da Costa, um dos fundadores do Partido Socialista.

O secretário-geral do PS, Mário Soares pronunciou junto à campa o elogio fúnebre de Ramos da Costa, membro da comissão.

Entre outros dirigentes so-

cialistas viam-se Salgado Zenha, Raúl Rego, António Arnaut, José Magalhães Godinho e Jorge Campinos, além de uma delegação do secretariado distrital de Coimbra, chefiada por João Fernandes.

Natural de Alfândega, Ramos da Costa distinguiu-se como combatente antifascista desde os seus tempos de estudante no Instituto Superior de Ciências Económicas e Fi-

nanceiras e exilou-se em Paris, na sequência da tentativa revolucionária de Beja.

Após regressar a Portugal em 25 de Abril de 1974, desempenhou os cargos de embaixador na Jugoslávia, de 1974 a 1977, e na Dinamarca, de 1977 a 1979, ano em que abandonou a carreira diplomática por ter atingido o limite de idade.

Ribeiro Cardoso

México

Petróleo em 1938 e Banca em 82: duas nacionalizações profundas

Dirigentes políticos e sindicais oficialistas e da oposição, tal como analistas independentes, compararam pela sua transcendência e conotação a expropriação petrolífera de 1938 com a nacionalização da banca levada a passada semana pelo governo mexicano.

Situam também num mesmo plano histórico o presidente Lazaro Cardenas (1934-1940) com o presidente Jose Lopez Portillo, que terminará o seu mandato em Dezembro próximo, autores de ambas as nacionalizações, que nas suas respectivas conjunturas, tiveram uma ampla repercussão nacional e internacional.

Em meados de 1937, no quarto ano do seu mandato, o general Cardenas viu-se confrontado num conflito entre os trabalhadores e uma vintena de companhias petrolíferas, a maioria das quais e as mais importantes eram estrangeiras.

Encontravam-se entre elas, as subsidiárias da anglo-holandesa «Royal Dutch Shell e das norte-americanas «Standard Oil of New Jersey» (Esso, hoje Exxon), Sincvair e «Gulf Oil».

Os trabalhadores reclamavam aumentos para os seus míseros salários e um melhoramento nas condições de trabalho. Num esforço para conciliar os interesses de ambas as partes, o general Cardenas conseguiu que os trabalhadores suspendessem uma greve, mas não pôde evitar a terceira negativa das companhias.

Em Dezembro de 1937, a junta arbitral difundia uma decisão na qual assinalava que as companhias deviam conceder um aumento salarial cifrado em pouco mais do dobro do que ofereciam inicialmente as empresas, mas ao mesmo tempo pouco mais de um terço do que reclamavam os operários.

As companhias recorreram ao Supremo Tribunal de Justiça, todavia esta alta instância, ratificou, a 1 de Março de 1938, a decisão tomada pela Junta e intimou as empresas a acatar esta disposição nos sete dias seguintes.

Em resposta, as companhias rejeitaram a sentença do Supremo Tribunal, mas ante diligências pessoais do presidente Cardenas aceitaram pagar apenas 22 dos 26 milhões de dólares estabelecidos, o que afastava o seu argumento inicial de carecerem de recursos para esses pagamentos.

Um historiador mexicano afirma que o problema reduzia-se a um capricho das companhias. «Resolvidas a revelar-se, a demonstrar a sua força, a não aceitar que um país modesto como o México lhes impusesse a sua autoridade, acostumadas a mandar sem qualquer oposição em extensos territórios».

Perante a obstinação dos consórcios, na noite de 18 de Março de 1938, o general Cardenas, após se haver reunido com o seu gabinete, anunciou ao país a expropriação dos bens das 16 empresas petrolíferas que se haviam negado a cumprir a decisão do Supremo Tribunal de Justiça. Do mesmo modo, convocaram-se as companhias a fim de se fixar o montante da indemnização a pagar-lhes.

No dia seguinte teve início o boicote das empresas afectadas pela medida.

A 19 de Março todos os técnicos e directores das companhias petrolíferas em questão partiram, os navios-tanques abandonaram os portos mexicanos e todos os camiões-cisterna atravessaram a fronteira em direcção aos Estados Unidos.

A população mexicana apoiou maciçamente a decisão do presidente Cardenas e os trabalhadores das companhias expropriadas utilizaram toda a espécie de meios para debelar os problemas originados pela falta de técnicos e recursos de infraestrutura.

Quarenta e quatro anos depois, o presidente Lopez Portillo é protagonista duma acção similar no seu significado histórico à do general Cardenas, ao fazer frente a um império financeiro hoje representado principalmente por seis grandes bancos, de entre os 36 existentes no país.

O «Bancomer», o «Banamex», «Banco Serfin», «Somex», «Comermer» e banco internacional são os gigantes do império em torno dos quais giram a maioria das finanças privadas do México. À excepção do «Somex» e «Internacional», nos quais o Estado é sócio maioritário, os restantes bancos pertenciam exclusivamente ao sector privado, que obviamente fez ouvir vozes divergentes.

Mas, ao mesmo tempo, e tal como em 1938, a resolução presidencial tem o apoio da grande maioria da população, de todas as organizações de trabalhadores, camponeses e de profissionais, dos partidos políticos de oposição e, como o manifestou expressamente o secretário da Defesa, o general Felix Galvan Lopez, também das Forças Armadas.

Aqueles seis bancos monopolizaram o ano passado mais de 83 por cento dos lucros do sistema bancário, quase 60 por cento das receitas totais do mercado e mais de 90 por cento da pasta de créditos concedidos. Os seus activos totais elevavam-se em 1981 a mais de 78 por cento do total dos bancos mexicanos.

Fundamentalmente a sua transcendente resolução, o presidente Lopez Portillo acusou a banca de «haver fomentado, favorecido e mesmo mecanizado a especulação e a fuga de capitais», deixando virtualmente esgotadas as reservas de divisas do Banco do México.

«Um grupo de mexicanos, no uso de direitos e liberdades — disse o presidente no seu relatório governamental divulgado na quarta-feira, ao anunciar a estatização — mas encabeçados, aconselhados e apoiados pelos bancos privados, tiraram mais dinheiro do país do que os impérios que nos exploraram desde o início da nossa história».

Machel recebe Faria de Oliveira

Vamos exportar mais para Moçambique

● FACIM: Portugal mostra o que vale

O secretário de Estado da Exportação está já em Harare, depois de ter visitado a FACIM, no Maputo, e participado nas comemorações de Portugal no âmbito da FACIM, na qual o nosso país se fez representar ao mais alto nível comercial.

Faria de Oliveira foi recebido, nesta sua passagem de alguns dias pelo Maputo, pelo presidente da República de Moçambique, Samora Machel, e vários ministros do Governo da RPM. Em Harare, onde se encontra desde ontem, o secretário de Estado da Exportação assinará um acordo comercial com o Zimbábue, na rota da viagem que Pinto Balsemão fez há escassos meses àquelas paragens africanas.

Na capital moçambicana Faria de Oliveira «avalizou» contratos de fornecimento a Moçambique, assinados por empresas portuguesas na Feira de Maputo (FACIM) que devem ascender a cerca de 40 milhões de dólares, segundo previsões de fontes oficiais portuguesas. Até sábado, pelo menos, tinham sido assinados contratos desse tipo no valor de 25,5 milhões de dólares e tudo apontava para que os números finais atingissem 40 milhões, envolvendo mais de duas dezenas de empresas portuguesas.

O secretário de Estado da Exportação teve conversações com responsáveis moçambicanos visando impulsionar as trocas comerciais e projectos industriais e agrícolas envolvendo empresas portuguesas e, como atrás referimos, foi recebido pelo presidente da RPM, pelos ministros dos Transportes e do Comércio Externo, governador do Banco de Moçambique e secretário de Estado do Algodão.

Faria de Oliveira fez a entrega,

na circunstância, a Samora Machel, de uma mensagem do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão, reafirmando a vontade de Portugal em continuar a desenvolver as relações bilaterais. Teve ainda reuniões com empresários portugueses radicados naquele país à volta de problemas por eles colocados.

Uma parte substancial dos contratos de desenvolvimento acima assinalados que incidem sobre produtos alimentares e equipamentos ligeiros, poderão ascender a 40 milhões dólares se chegarem a bom termo as negociações que decorrem nesse sentido, que vinha sendo estudada desde há dois meses e ascende a 18,5 milhões de dólares. Foi acordado por uma missão comercial moçambicana que em Julho visitou Portugal para conversações destinadas a aumentar o comércio entre os dois países.

Uma vasta gama de produtos

Mais concretamente, nesses contratos de fornecimento avultam os que se relacionam com conservas e vinhos, têxteis e confecções, vidros e louças, cutelaria, material didáctico e de construção civil, medicamentos, alfaias, e utensílios agrícolas.

A principal inovação é a expansão de bens alimentares, cujas encomendas atingem valores e produtos que até agora estavam fora do alcance das exportações portuguesas para Moçambique.

Se o valor global dos contratos vier a elevar-se a 40 milhões de dólares, representará cerca de um quarto do total das exportações portuguesas para Moçambique durante todo o ano passado. Para 1982 prevê-se que as exportações atinjam uns 150 milhões de dólares, quase o dobro de 1981, caso se confirme a tendência de crescimento até agora verificada.

Faria de Oliveira considera o fenómeno como um reflexo do bom entendimento político que marca actualmente as relações bilaterais, que por sua vez permitiu criar condições favoráveis ao incremento do comércio entre os dois países.

O financiamento de parte das exportações portuguesas para Moçambique é garantido por linhas de crédito, mas foram também criadas outras condições que tornam os produtos competitivos.

Em declarações à ANOP, o secretário de Estado previu que o maior salto nas exportações portuguesas se verificará a médio prazo, dadas as perspectivas que se têm estado a abrir, nomeadamente a participação deste ano na FACIM.

A Tepclima é uma das empresas portuguesas que mais serviços prestará a Moçambique, tendo assinado um contrato de um milhão de dólares para fornecimento de equipamento de ar condicionado.

Com o estatuto de cooperativa, é a Tepclima uma das principais empresas nacionais do sector com operações em quase todos os países africanos de expressão portuguesa.

Em Moçambique assegura desde há dois anos uma assistência técnica permanente a três empresas de frio, num contrato a cinco anos que a obriga a manter localmente 26 técnicos dos seus quadros. O contrato agora concluído é o primeiro visando o fornecimento de equipamento de seu próprio fabrico a Moçambique.

A Tepclima está representada na FACIM e aproveitou a oportunidade para concluir o contrato.

Reprivatizações de restaurantes

Os restaurantes, cafés e alguns hotéis da Beira estão a ser reprivatizados, segundo o «Diário de Moçambique» citado pela ANOP. Os estabelecimentos em causa eram geridos pelo Estado.

A medida representa o alargamento à segunda cidade do país de uma política iniciada na capital e que já levou ao trespassse de quase todos os restaurantes, bares e estabelecimentos similares.

Em todos os casos a gestão do Estado foi provocada pelo abandono das empresas pelos seus antigos proprietários, por altura da independência. A experiência não foi considerada positiva dado que as empresas eram mal geridas, dando lugar a uma política de reprivatizações que atingiu sobretudo o pequeno comércio.

Por outro lado, também se pretende estimular a iniciativa privada e, nesse âmbito, foi autorizada há dois meses a criação no país de associações económicas representativas de interesses privados.

Lutar contra a inflação e progredir no controlo de preços

— prioridades definidas pelo Comité do FMI

A luta contra a inflação é a prioridade das prioridades, pois é preciso «progredir ainda, de maneira decisiva, para o estabelecimento dos preços», afirmou o Comité Interino do Fundo Monetário Internacional num comunicado difundido no final da sua reunião, em Toronto. O comité, uma das instâncias dirigentes do FMI, reuniu os ministros das Finanças dos países industrializados e dos países do Terceiro Mundo.

«Se bem que vários grandes países industrializados tenham feito claros progressos nesse domínio, a inflação ainda é demasiado elevada na maior parte dos países», sublinha o comité que toma nota, com satisfação da recente baixa das taxas de juro, devida em parte ao aumento dos preços.

Contudo, o Comité considera ser «essencial avançar ainda mais, de modo decisivo, em direcção a uma estabilidade dos preços sem a qual — especialmente nos países em que os aumentos são relativamente fortes — não poderá haver baixa das taxas de juro, nem relançamento do crescimento económico, nem convergência das taxas de inflação, nem, por conseguinte, estabilização das grandes moedas nos mercados de câmbio».

Depois de ter considerado necessário que as políticas orçamentais «espalhem mais» as políticas monetárias nos países industrializados, o Comité Interino notou que muitos países em vias de desenvolvimento não produtores de petróleo esforçam-se por corrigir os seus desequilíbrios económicos mas sem atingirem os resultados indispensáveis.

O Comité «reconhece» que, no âmbito dos «problemas especialmente agudos com que depara hoje a economia mundial, o FMI tem um papel fundamental a desempenhar no ajustamento das balanças de pagamento».

«É necessário garantir aos países em vias de desenvolvimento, e, antes de mais, aos países de rendimento fraco que só dispõem dum acesso limitado aos mercados financeiros internacionais, um maior volume de ajuda e mais empréstimos com condições liberais», acrescentou o comunicado do Comité Interino do FMI.

«Importa também, sublinha, numa época em que o acesso aos fluxos financeiros privados se torna difícil, que os muitos países cuja dívida externa atinge agora níveis raramente alcançados, tomem medidas realistas para ajustarem as suas economias às circunstâncias do momento».

Relativamente ao próximo aumento dos recursos do FMI, o oitavo desde a sua criação em 1944, os membros do comité concordam «amplamente» em reconhecer «ser urgente aumentar as quotas (dos 146 países membros) de modo substan-

cial». O comité recorda que as quotas deveriam ser a principal fonte financeira do fundo.

Referindo a proposta americana de criação dum fundo de emergência em caso de crise financeira importante, o comité pediu ao Conselho de Administração do FMI que «avalie em que medida os acordos em vigor permitem enfrentar tensões grandes no sistema financeiro internacional».

Finalmente, o comité notou que o pedido dos países em desenvolvimento para uma nova atribuição de direitos de saque especiais para os países mais pobres não pode ser satisfeito no momento actual «já que falta apoio».

A próxima reunião do comité interino deverá realizar-se em Washington em 27 e 28 de Abril de 1983.

Apelo do Terceiro Mundo

Na sessão de abertura desta reunião do Comité Interino do FMI, realizada na sexta-feira passada, os ministros das Finanças do Terceiro Mundo, agitando o espectro de um «afundamento económico e financeiro

internacional» tinha pressionado os países industrializados, assim como as instituições internacionais, para lançarem um «plano de recuperação mundial».

Este relançamento económico mundial sem inflação «deve ser possível», afirmou o presidente do «Grupo dos 24», Victor Bruce, ministro das Finanças de Trinidad e Tobago, durante uma conferência de imprensa. A este respeito, sublinhou que uma redução de «enormes despesas militares através do Mundo deveria permitir aumentar a ajuda aos países em desenvolvimento».

Contudo, no discurso de boas-vindas que pronunciou no início da reunião do «Grupo dos 24», como é designado o Comité Interino do FMI, o presidente do Banco Mundial, Clausen, não se mostrou nada encorajante no que respeita às perspectivas mundiais e do Terceiro Mundo.

As nações do Terceiro Mundo, e em particular as mais pobres, têm perante elas sombrias perspectivas — os últimos acontecimentos no que respeita às dívidas externas de algumas nações sublinham a necessidade de uma acção urgente, anunciou ele, nomeadamente.

Na óptica do Serviço Nacional de Protecção Civil

Incêndios florestais desde 1975 mais devastadores que terramoto de Lisboa

«Os incêndios florestais desde 1975 já causaram mais prejuízos ao País do que o terramoto de Lisboa de 1755», afirmou ontem o tenente-coronel José Pais, responsável pelo planeamento operacional do Serviço Nacional de Protecção Civil, ao considerar a situação relativa aos fogos como «calamidade nacional histórica». Instado a pronunciar-se sobre as causas dos incêndios, José Pais disse acreditar que «10 a 12 por cento» dos incêndios são de origem criminosa, acrescentando, a propósito, que «não há razões válidas para que 80 por cento dos incêndios sejam fogos postos», frisando que Portugal «não é um País de incendiários».

Defendendo a utilização de meios aéreos no combate aos fogos florestais, o tenente-coronel José Pais afirmou que «em Portugal está a perder-se algum tempo discutindo-se assuntos técnicos e não de estratégia para combater fogos florestais».

Salientou o facto de ser necessário proceder-se à limpeza de matas, sobretudo dos subarbustos. A gestão das potencialidades de combates aos fogos na floresta, a sua extinção e prevenção são, disse, «acções de protecção civil» para aplicar ao caso dos fogos no mato.

Bombeiros alvejados em Lousada

Dois jovens, no regresso duma festa, dispararam ontem

de madrugada tiros de caçadeiras sobre vultos que se encontravam no rescaldo dum incêndio na mata de Lustrosa, em Lousada, julgando tratar-se de incendiários. Só que os atingidos eram bombeiros voluntários de Freamunde que após o rescaldo ali se deixaram ficar em vigilância já que se suspeitava de fogo posto. Ao sentirem os chumbos nos capacetes trataram de prender os autores, mas no posto de Lousada da GNR as confusões foram desfeitas e os dois jovens foram libertados pois ficou provado que estes não tiveram intenção criminosa.

Entretanto, três frentes de incêndio eclodiram ontem em matas do concelho da Guarda. Os sinistros localizaram-se nas proximidades das localidades de Trinta e Rapoula, tendo destruído uma área considerável de floresta e cul-

turas. Por outro lado, ainda no mesmo distrito, incêndios de médias proporções deflagraram em matas próximas das vilas de Meda e Trancoso.

Novo quartel em Vila Nova de Foz Côa

Cerimónias oficiais e religiosas assinalaram, ontem, em Vila Nova de Foz Côa, a inauguração do novo quartel da corporação de bombeiros voluntários local. O adjunto do Ministério da Administração Interna, Duarte Lima, que presidiu à sessão solene, anunciou uma futura aprovação pelo Conselho de Ministros de um diploma que equipará os bombeiros em serviço permanente, a trabalhadores da função pública.

Duarte Lima, disse ser este um «passo para a dignificação dos bombeiros», ao mesmo tempo que defendeu que o Governo não deve tutelar as corporações de bombeiros, condenando o que disse ser «falta de solidariedade na hierarquia do Estado».

O vice-presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, por seu turno, defendeu a regionalização dos bombeiros para se poderem «reduzir as assimetrias».



Plano de Pesca "apresentado" em Olhão

Armadores e comerciantes passam a controlar a venda do pescado

A frota portuguesa será amplamente remodelada com o plano nacional de pesca, afirmou em Olhão o secretário de Estado do sector, Faria dos Santos. Nesse contexto, a grande inovação será a criação de uma frota de atuneiros que permita ao país dispor daquela espécie em quantidades suficientes para a indústria do atum.

Apesar de termos grandes reservas de atum no continente e nas águas das Regiões Autónomas, importamos cerca de 10 mil toneladas daquela espécie anualmente. É uma situação caricata, só devida ao facto de não dispormos uma frota pesqueira adequada. A questão põe-se por várias razões, e será ainda mais aguda quando demos, no domínio das pescas, o primeiro passo para a tão decantada adesão à CEE.

A frota atuneira, no âmbito da remodelação prevista no plano nacional de pescas, será de vinte embarcações. Mas espera-se que nos anos 90 possa vir a atingir as duas dezenas e meia de barcos, número considerado suficiente por Faria dos Santos para o controlo da pesca de atum em Portugal.

Entretanto, também em Olhão, o ministro do sector, Basílio Horta, anunciou a fusão da Doca/Pescas com a empresa de lotas e vendagens, na qual os armadores de pesca poderão participar como sócios. O governo pretende assim permitir o acesso dos armadores a uma empresa nacionalizada do sector pesqueiro, porventura a pensar na forma destes assegurarem o controlo do comércio do pescado entre nós.

prevista no Plano Nacional de Pescas.

Nova estrutura de coordenação

De acordo com o ministro do Comércio, Agricultura e Pescas

a medida visa modificar os sistemas de comercialização do pescado, além de introduzir alterações relativamente às competências dos organismos de coordenação económica do sector, nomeadamente a Comissão de Comércio de Bacalhau. Disse Basílio Horta em Olhão que se pretende assim dar uma estrutura empresarial aos serviços de lotas e vendagens, fazendo participar nas decisões não só o Estado, mas outros intervenientes como os armadores e os comerciantes.

Os armadores passam a ser sócios da empresa a criar, através de uma organização de produtores, não estando garantido que não venham a «monopolizar» a empresa, como na época áurea do «tenreirismo». Aliás, tenha-se em conta que ainda hoje não estão bem esclarecidos os motivos por que se demitiu do cargo o antecessor de Faria dos Santos na Secretaria de Estado das Pescas.

O Plano Nacional de Pescas deverá estar pronto antes do fim

deste ano, por forma a entrar em vigor ainda em 1982. Sobre ele, disse Basílio Horta que importa planificar o investimento a realizar no sentido de ser este adequado ao armamento pesqueiro. Nesse sentido, é prioritário modernizar a frota e criar na nova estrutura os órgãos de coordenação económica.

Por outro lado, tudo indica que o regime de concessão de licença aos armadores espanhóis vai ser alterado, e do mesmo passo defendidos os interesses dos armadores portugueses e os nossos recursos marítimos até agora demasiado expostos à saga dos arrastões do país vizinho. O ministro da Agricultura, Comércio e Pescas acrescentou ser de todo o interesse que as licenças a atribuir se situem fora das doze milhas, fórmula a impor já na perspectiva da entrada de Portugal na CEE. «Sem que seja ainda muito clara a política da CEE no referente ao sector das pescas, e apesar do processo de negociações nem sequer se encontrar numa fase avançada, é preciso defender os nossos interesses com a devida antecedência».

O titular do MACP aludiu ainda ao incremento da cooperação relativamente aos países de expressão portuguesa, fomentando a criação de sociedades mistas, projecto em que o Governo — disse — se irá empenhar com vista a um esforço de pesca adicional. As sociedades mistas visam não só a captura, mas também proporcionar a esses países os meios de investigação e tecnologia de que dispomos, acrescentou Basílio Horta.



de ontem para hoje

Contrato a prazo mata operária

ROSA Gomes da Costa, de 37 anos, viúva, operária têxtil, suicidou-se num tanque, em Vila do Conde, depois de lhe ter sido recusada pela entidade patronal a prorrogação do contrato a prazo que a vinculava à empresa onde trabalhava. A ocorrência, tristemente exemplar da situação criada pela legislação laboral de Maldonado Gonet, ministro do Trabalho do executivo de Mário Soares, foi divulgada pelo Sindicato dos Trabalhadores Têxteis do Porto e Aveiro. A malograda operária, que se afogou num tanque da casa onde vivia, no lugar de Bagunte (Vila do Conde), deixa orfão um filho de onze anos.

Quem trava Luís Ganhão?

Luís Ganhão (foto), um dos réus no processo que ficou conhecido pelo «Caso dos 14 de Beja», continua à espera de ser chamado a reiniciar funções, como trabalhador da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos, quase dois meses após o Tribunal da Relação de Évora ter confirmado a sua absolvição. E isto porque o seu processo de reintegração se encontra a aguardar parecer no gabinete do adjunto do secretário de Estado do Orçamento, para que este último possa depois dar o seu despacho. Não deixa de ser curioso referir que quando se tratou da suspensão de Luís Ganhão (afastado do serviço há cinco anos e desde aí apenas a receber um vencimento truncado) tudo se passou quase de imediato, decorrendo apenas, ao que parece, no âmbito da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos



(DGC) ao aplicar o Estatuto Disciplinar dos Funcionários Públicos, legislação ainda eivada de profunda doutrinação salazarista. Decididamente não dá para entender!...

«Ana, venho morrer a teus pés»

Depois de várias tentativas frustradas, Fernando Jesus Augusto, de 42 anos, casado, proprietário da sapataria «Rosi», na Rua de Cedofeita, 203, no Porto, suicidou-se anteontem, ingerindo uma forte dose de veneno de escaravelho, junto à porta da jovem empregada que amava. Ao sair de casa com seus pais Ana Maria, a eleita, reconheceu o carro do patrão e verificou que este agonizava. Abeirou-se e pôde ainda ouvir as suas últimas palavras «Ana, venho morrer a teus pés». E morreu.

Um punhal deveras incómodo

Um punhal que lhe foi deixado como «herança» pelo irmão, neste momento detido em Custódias por tráfico de haxixe, esteve na origem de um pequeno percalço sofrido pelo marítimo Manuel Alexandre Americano da Cruz

Rola, de 20 anos. O jovem, apanhado numa rusga efectuada pela PSP, em Matosinhos, com o referido punhal num dos bolsos acabou por ser detido. Valeu-lhe o JIC (juiz de Instrução Criminal) que determinou a sua libertação, embora sob caução.

Estudante ferido por granada

Ao brincar com uma granada que momentos antes encontrara junto à linha férrea, em Chelas, o estudante Daniel João Machado, de 16 anos, provocou a sua explosão ficando ferido nas mãos e numa das pernas. A pouca gravidade do acidente ficou a dever-se ao facto de o objecto já ter ultrapassado o prazo de validade.

Ferrovário em estado grave

Um funcionário da CP, Virgílio da Costa Martins, de 57 anos, que costuma pernoitar nos dormitórios daquela empresa, foi encontrado sem sentidos nas obras de construção do Centro Comercial da

Mouraria, no Largo Martim Moniz. Bastante ferido foi levado para o Hospital de S. José, onde esta manhã ainda estava em estado grave. A PJ investiga.

Pedras e bastões em Queijas

Cinco feridos, dois dos quais em estado grave, foi o resultado de uma desordem ocorrida ao princípio da noite de ontem, na Rua João XXI, em Queijas. Na origem do incidente, o facto do proprietário de um automóvel estacionado naquela artéria não ter gostado de um operário de um prédio em construção na zona se tivesse encostado ao veículo. Gerou-se confusão.

formaram-se dois grupos e não tardaram a aparecer na liça pedras e bastões. Compareceu a GNR de Barcarena e

Linda-a-Velha detendo seis dos contendores que ainda hoje deverão ser presentes ao Tribunal de Oeiras. Os feridos graves são, Laureano Gomes Amorim e António da Conceição Silva Ferreira ainda internados no Hospital de S. José.

Violada por seis indivíduos

Na Alameda das Fontainhas, uma jovem de 24 anos, residente em Gaia, foi anteontem abordada por seis indivíduos que a arrastaram para uns terrenos próximos de uma antiga fábrica de louça, na Calçada da Corticeira, tendo sido violada e agredida. Após a fuga dos violadores, a PSP esteve no local e ouviu a reclamação da jovem que terá indicado o nome de alguns deles após o que, numa ambulância, foi receber tratamento ao hospital local.

Grave situação na Vidreira da Fontela

Em causa 650 postos de trabalho

A nafta é uma substância líquida neste momento preciosa, para os cerca de 650 trabalhadores da Vidreira da Fontela, no concelho da Figueira da Foz, ameaçados de desemprego pela decisão da administração de declarar a empresa falida. As consequências desse desemprego afectam duas comunidades — Fontela e Vila Verde — que dependem quase exclusivamente desta empresa. E a nafta (fuel) é tanto mais importante quanto depende desse combustível, o funcionamento do forno mais importante da fábrica que, a parar totalmente, implicará um prejuízo de milhares de contos e acrescidas dificuldades para a viabilização futura da empresa.

Por isso os trabalhadores, contra as ordens emitidas pela administração, decidiram não deixar encerrar as instalações, manter-se nos seus postos de trabalho e não admitir nem a paragem total do forno nem a saída de mais garrafas (produto principal da sua actividade) até que a situação se clarifique.

Segundo decisão do último plenário que contou com a presença de 450 trabalhadores (incluindo a maioria dos quadros técnicos), os únicos carregamentos de garrafas autorizados excepcionalmente a sair são apenas os estritamente necessários para pagar o combustível.

Deixar falir, para comprar mais barato

Mas a situação actual (declaração de falência iminente), só é possível através da existência de um negócio idealizado por um dos actuais accionistas, precisamente o que mais se tem batido pela entrega dessa declaração de falência.

Trata-se da Sogrape (que detém 1/8 do capital da Vidreira da

tada, no fim da semana passada, pelo gestor nomeado pela empresa, eng. Moreira dos Santos, será disso claro indicio. Moreira dos Santos é também presona non grata para os trabalhadores que o acusam de ter ajudado a afundar a empresa e de, poucos dias antes de se ter demitido, ter dado ordens para a paragem total do forno.

Uma das «ajudas» que contribuiu também para esta situação foi a decisão da mesma Sogrape de retirar a carteira de encomendas de garrafas para o vinho Mateus Rosé.

Assim se apertou a malha para os trabalhadores e as suas famílias que, controlando hoje o que resta da empresa, se recusam a ser espectadores passivos da jogada que se desenrola noutro tabuleiro e pretendem não perder tudo: o emprego.

A situação dos trabalhadores

Aos trabalhadores é hoje devido mais de 90 000 contos (três

gãos de soberania, para a resolução do problema. Os trabalhadores, por seu turno, levaram a cabo, no passado dia 16 de Agosto, uma manifestação envolvendo aproximadamente 1500 pessoas, que terminou junto da Câmara Municipal, agitando bandeiras negras com o objectivo de sensibilizar a população da cidade para a sua situação e apelar à mediação do presidente da Câmara. A principal solução por eles adiantada é a intervenção da banca enquanto principal credor.

Os trabalhadores entendem que nenhum aspecto negativo da actual situação da empresa lhes pode ser assacado e que tudo têm feito para a não deixar cair no caos, defendendo, com grandes sacrifícios, o seu equipamento. Mas também nos deixaram claro, como sublinhou José Artur, dirigente sindical vidreiro, que, embora continuem abertos ao diálogo com quem for administração, têm consciência de que não é com a pachorra eterna dos tra-



José Artur (ao centro) e outros trabalhadores da Vidreira: «a pachorra não é eterna»

Fontela), ligada aos Quinas, que, sendo também um dos seus credores, poderá depois usar do direito de preferência comprando toda a empresa por baixíssimos custos. Nessa altura ficaria também com a empresa «limpa» de funcionários, admitindo posteriormente quem entendesse. Esta intenção teria sido mesmo por si admitida na reunião da administração que acabou por optar pelo processo de falência, embora a maioria dos accionistas não concordasse com essa decisão. Aliás, uma certa guerrilha tem caracterizado a actuação dos vários accionistas, um pouco desencontrados durante todo o processo. A demissão apresen-

tes de salário em atraso, retroactivos e subsídio de férias de 81). Cerca de duas mil pessoas são directa ou indirectamente abrangidas por esta situação. Sofrem-no também os trabalhadores de empresas que a Vidreira controlava (plásticos e cestaria artesanal) e outras, cuja laboração se destinava quase exclusivamente à Fontela (moldes, por exemplo).

É atingido também o comércio da Figueira da Foz que beneficiava de parte dos 300 000 contos anuais que auferiam os trabalhadores vidreiros.

Por isso no município da Figueira da Foz tem feito várias diligências, sobretudo ao nível dos ór-

balhadores que os problemas se resolvem e que, por isso estão dispostos a continuar a sua luta.

Essa também nos pareceu a disposição de algumas dezenas de trabalhadores com quem contactamos numa visita que fizemos às instalações da Vidreira, já o dia tinha acabado. Enquanto o turno da noite entrava, outros aguardavam a chegada de um camarada de trabalho que traria uma caixa de carapau, reunindo as pessoas à volta de uma «petiscada» e eliminando, por horas, um espectro que já entrou no vocabolário real destes sítios: a fome.

em duas palavras

CIPD INVESTIGA MEDICINA POPULAR

● O presidente do Centro de Informações e Pesquisas para o Desenvolvimento (CIPD) encontra-se no Funchal para prosseguir um estudo sobre investigação química acerca de plantas utilizadas em medicina popular. Aquele cientista português faz-se acompanhar de Lawrence Hills e de Alan Graiger, ambos do International Tree Crops Institut, com sede na Grã-Bretanha, que, para além desta investigação, estudarão também um plano para a criação de um arboreto na ilha de Porto Santo, com plantas provenientes de zonas áridas. Os custos desta deslocação são financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian.

CÂMARA RECOMENDA FERVURA DA ÁGUA

● A Câmara Municipal de For-

nos de Algodres recomendou a fervura da água em todo o concelho antes de ser bebida ou utilizada na preparação de alimentos. A recomendação é justificada pelo facto de a água ser transportada para os depósitos em tanques, dada a escassez motivada pela seca. A edilidade apela ainda para a moderação e poupança no consumo de água.

O VINHO DO DÃO «ADAPTADO» À CEE

● A reconversão do vinho do Dão face à entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia é o tema principal das Jornadas Vitivinícolas que em 11 e 12 de Setembro se realizam em Vila Nova de Tasém, distrito da Guarda. A iniciativa é de um grupo de adegas cooperativas da região demarcada do Dão e

Caixas de Crédito Agrícola Mútuo. Da agenda de trabalhos consta ainda a discussão dos necessários apoios creditícios para a referida reconversão da vinha do Dão.

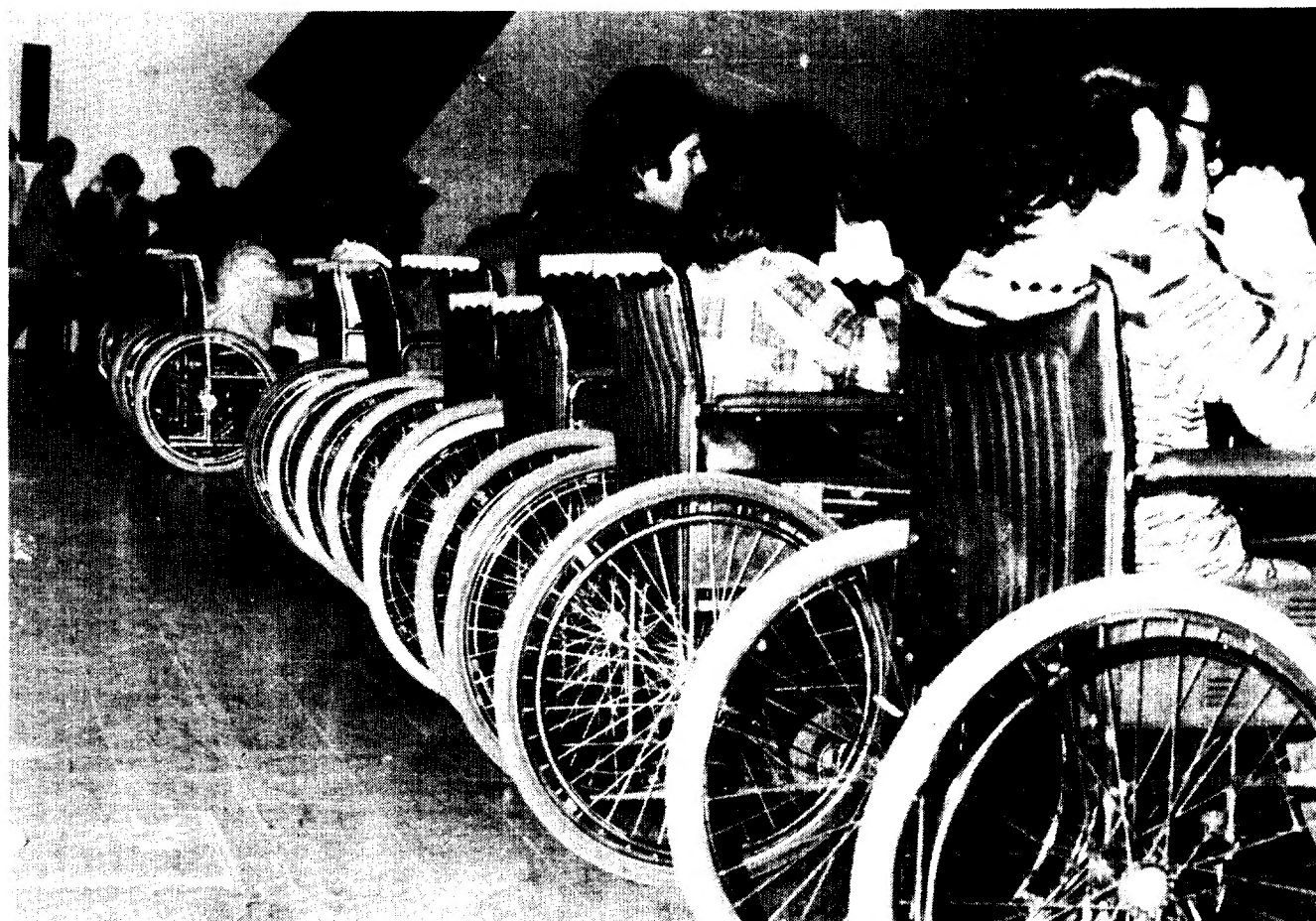
FEIRA DE ARGANIL FOI INAUGURADA

● A FICA-82 — Feira Industrial, Comercial e Agrícola de Arganil — abriu neste fim-de-semana. O certame realiza-se por iniciativa da Câmara arganilense, em segundo ano consecutivo, e integra-se na festa da Senhora de Mont'Alto. Enquanto em 1981 o número de pavilhões ocupados foi de 34, este ano subiu para 66. Seis dos pavilhões são utilizados pelos Serviços de Turismo dos municípios de Arganil, Penacova, Póvoa e Pampilhosa da Serra. Casa da Comarca de Ar-

ganil e Associação Atlética Arganilense.

MISSA ASSINALA CENTENÁRIO DA FIGUEIRA

● O bispo de Coimbra presidiu na Figueira da Foz a uma concelebração religiosa promovida pelas 14 paróquias do arcebispado para assinalar o centenário da elevação da cidade a esta categoria. D. João Alves agradeceu a quantos contribuíram para o progresso da Figueira da Foz e neste concelho confirmaram e enriqueceram, ao longo de um século, a fé herdada dos antepassados. Referiu, a propósito, que nos últimos cem anos foram inúmeros os templos construídos ou restaurados na área do concelho, e diversas as obras e instituições religiosas nele instaladas.



Secretariado Nacional de Reabilitação já tem lei orgânica

Reforçar operacionalidade e eliminar dissonâncias

— são os objectivos propostos

Um diploma hoje publicado no «Diário da República», assinado pela Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças e do Plano, da Defesa Nacional e da Reforma Administrativa, confere ao Secretariado Nacional da Reabilitação (SNR) «meios estruturais mais completos que lhe permitam realizar com mais eficácia as suas atribuições», ao promulgar a respectiva Lei Orgânica.

Criado pelo Decreto-Lei 346/77, de 20 de Agosto, aquele Secretariado só agora vê aprovada a sua estrutura interna. O objectivo, segundo se afirma no preâmbulo do diploma agora publicado (Decreto-Lei n.º 355/82), é «eliminar a dissonância e ausência de complementaridade das acções prosseguidas pelos diferentes serviços e instituições que intervêm na reabilitação de deficientes».

Neste sentido, e sabendo-se que «a reabilitação e a reintegração social dos deficientes implica um complexo processo global que assenta na continuidade e interligação das acções que envolve e que entre si se complementam», sublinha-se no citado preâmbulo que as modificações agora estabelecidas procuram «reforçar a sua operacionalidade, permitindo aos departamentos, instituições ou

associações interessadas uma participação mais alargada e articulada, e portanto, mais profícua nas acções a desencadear».

Segundo o presente diploma, o SNR fica integrado na Presidência do Conselho de Ministros e na dependência do Primeiro-Ministro.

Nos termos do Artigo 3.º, «o Secretariado tem por objectivo ser o instrumento do Governo para a prossecução de uma política nacional de habilitação e reabilitação dos deficientes, assente na planificação das acções que concorrem neste domínio».

Entre as atribuições do SNR, constantes de uma extensa lista, destacam-se as que dizem respeito ao exercício de «uma acção conciliadora da sociedade quanto à necessidade de reabilitação dos deficientes», à obtenção «dos elementos de

informação necessários ao diagnóstico da situação nacional relativa à reabilitação de deficientes», às propostas «ao Governo das medidas necessárias à definição, articulação e execução de uma política nacional de reabilitação de deficientes» à emissão de parecer sobre os projectos de diplomas legais e medidas de política que se relacionem com os seus objectivos e atribuições» e ainda à coordenação da «actividade dos serviços e instituições oficiais afectas à reabilitação de deficientes».

No âmbito da Lei Orgânica agora publicada, o SNR passa a contar, para a prossecução dos seus fins legais, com três órgãos distintos: o secretário nacional, o conselho nacional de reabilitação e o conselho administrativo.

O secretário nacional é nomeado pelo Primeiro-Mi-

nistro, coadjuvado por um secretário-adjunto sendo ambos equiparados aos cargos de director-geral e subdirector-geral.

O Conselho Nacional da Reabilitação é um órgão consultivo do SNR, composto pelo secretário nacional, representantes dos diversos ministérios, e vogais de associações e instituições ligadas à prática de recuperação de deficientes e assistência social.

O conselho administrativo é constituído pelo secretário nacional, por um representante do Ministério das Finanças e do Plano, e pelo chefe da Repartição Administrativa do SNR, com atribuições de natureza orçamental e financeira.

As receitas do SNR ficam igualmente estabelecidas no diploma publicado: dotações e subsídios do Estado ou de outras entidades públicas, doações, heranças, legados ou quaisquer liberalidades que lhe forem destinadas, produto da venda de publicações, rendimento dos bens que fruir a qualquer título e «quaisquer outras receitas que legalmente lhe pertençam ou sejam atribuídas».

No Algarve

Lucas Pires encerra festival de folclore

O ministro da Cultura, Lucas Pires, assistiu domingo, na Praia da Rocha, ao encerramento do Sexto Festival Nacional de Folclore, «Algarve-82».

Perante uma multidão de mais de 50 mil pessoas, 18 grupos folclóricos exibiram-se num palco montado no areal da Praia da Rocha, junto à fortaleza de Santa Catarina.

O festival, organizado pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, com apoio da Secretaria de Estado da Cultura e da colaboração de várias entidades da

região, teve início na sexta-feira, com a realização de espectáculos em 15 dos 16 concelhos do Algarve.

O concelho excluído foi o de Vila Real de Santo António, por decisão da Comissão de Turismo, que alegou a falta de pagamento do imposto de turismo por parte do município local, elevando-se a dívida a mais de 15 mil contos.

O festival teve a participação de 32 grupos do Continente e dos Açores.

Escondidos na falésia

Cem quilos de liamba descobertos em Portimão

Seis sacos de sarapilheira contendo mais de cem quilos de liamba foram encontrados ontem numa falésia na zona de Ferragudo (Portimão). A droga foi detectada por um grupo de pescadores, que avisou a Polícia Marítima da zona.

Durante toda a tarde as autoridades efectuaram buscas nas

embarcações de recreio, numa tentativa de descobrir outros sacos, mas nada mais foi encontrado.

Na opinião do comandante da Capitania do porto de Portimão, Nuno Matias, ter-se-ia tratado de um desembarque efectuado ao longo da madrugada.

THE BRITISH COUNCIL

INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

O Instituto Britânico em Portugal, na sua qualidade de organismo cultural da Grã-Bretanha, DEDICA-SE EXCLUSIVAMENTE AO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA. Dispõe de profissionais competentes de cultura e língua inglesa que formam o seu corpo docente. O ensino é pois, verdadeiramente ESPECIALIZADO. Tem programado uma vasta gama de actividades culturais, nomeadamente a projecção de filmes, audiovisuais, vídeo cassettes, e a organização de exposições. UMA BIBLIOTECA MODERNA, actualizada e confortável está ao dispor dos seus alunos sem qualquer encargo. Seja bem-vindo, aprenda connosco.

Curso Geral de língua Inglesa

Níveis: Elementar, Intermédio e Avançado

Cursos preparatórios para os exames da UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE

Cursos especializados e intensivos para profissionais

Inscrições para o ano lectivo 1982/83 a partir de 13 DE SETEMBRO. Os novos alunos deverão dirigir-se ao Instituto Britânico para marcar o seu teste de avaliação.

Horário: das 9.30 às 12.00 horas das 14.30 às 19.00 horas

PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE-NOS:

RUA LUÍS FERNANDES, 3 (esquina da Rua de S. Marçal) 1294 Lisboa Codex

Telefs: 36 92 08 - 36 92 09 32 01 73 - 32 87 50

O patronato faz nas empresas o que o Governo faz a nível nacional — depoimento de Virgílio Oliveira

Face à grave situação social que hoje se vive neste País, onde o patronato, encorajado pela política do Governo AD, recorre a todos os meios ilegais para retirar aos trabalhadores os seus mais elementares direitos, o «DL» insere nesta edição o primeiro de uma série de depoimentos de dirigentes sindicais dos mais diversos sectores.

O texto com que abrimos esta série de depoimentos é, de algum modo, a denúncia pública de toda uma série de atropelos à legislação laboral em vigor, praticados pelo patronato que, sentindo «as costas quentes» não se coíbe de recorrer à mais cerrada repressão nas empresas, para levar avante os seus intentos.

Começamos assim com as palavras de Virgílio Manuel Ferreira Oliveira, dirigente da Federação dos Metalúrgicos, sector que, na próxima quarta-feira, vai estar em luta contra a tentativa do patronato de impor aos 150 mil metalúrgicos o tecto salarial da AD.

«A situação social no sector da Metalurgia não difere em muito, como é evidente da situação social existente noutros sectores de actividade.

O patronato com o apoio claro do Governo AD atenta diariamente contra as regalias e direitos conquistados pelos trabalhadores.

Aliás o patronato neste como noutros casos faz nas empresas aquilo que o Governo faz a nível nacional. No plano do País o Governo atenta diariamente contra as grandes transformações revolucionárias surgidas após o 25 de Abril. Nas empresas o patronato tenta destruir também todas as transformações conseguidas pelos trabalhadores.

Mas outra das formas da ofensiva patronal é a tentativa de fazer pagar aos trabalhadores os custos da má gestão e até da sabotagem económica feita pelo patronato. Também neste caso o patronato faz o mesmo que o Governo; mostra-se incapaz de

gerir o País, sabota diariamente a economia nacional e tenta fazer com que sejam os trabalhadores e o nosso povo a pagar o preço da crise pela qual é responsável.

A ilegalidade é uma constante da actuação do patronato; é a violação da legislação do trabalho, do clausulado e das tabelas dos CCTs, etc. O patronato mostra-se incapaz de respeitar a legalidade. São os trabalhadores quem permanentemente a defende. O patronato actual tal como o Governo, que mostra cada vez mais ser um Governo fóra da lei.

É a intimidação sobre os trabalhadores mais activos, a proliferação dos contratos a prazo, indo o patronato ao ponto de, como na MOCAR por exemplo — contratar trabalhadores à tarefa ou para irem trabalhar para essa empresa durante o período de férias a que têm direito noutras empresas.

Estas medidas que a admi-

nistração da MOCAR vem tomando pode ser já a preparação de, caso os trabalhadores dessa empresa este ano de novo apresentem o seu caderno reivindicativo e entrem em luta para o defender, substituir os trabalhadores em greve por trabalhadores contratados a prazo ou à tarefa, aliás como já o fez o ano passado.

É a tentativa constante de aliciamento dos trabalhadores mais activos, como por exemplo na Euronadel, em que as chefias tentam aliciar trabalhadores para se des-sindicalizarem do Sindicato dos Metalúrgicos e se sindicalizarem no paralelo, com a promessa de que assim mais facilmente chegarão a postos de chefia ou no caso de contratados a prazo mais facilmente passarão a efectivos.

É a repressão selectiva e dirigida contra dirigentes, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores na tentativa constante de

destruir a organização dos trabalhadores e impedir por todos os meios a continuação da luta.

É a retenção da quotização sindical deduzida no salário dos trabalhadores, como forma de tentar estrangular financeiramente o Movimento Sindical Unitário.

Alguns exemplos de toda esta situação: na Cometna os trabalhadores apresentaram o caderno reivindicativo à administração da empresa em Março deste ano. Esta recusou-se a negociá-lo, recusou-se sequer a reconhecer a existência do Caderno Reivindicativo, vindo depois a impor aumentos salariais de uma forma discriminatória, aumentos que vão entre os 19 e os 35 por cento, isto é, menos para quem menos ganha, mais para quem já mais ganhava.

Os trabalhadores entraram em luta e fizeram até Junho 72 horas de greve. A administração demonstrou sempre incapacidade para o diálogo. Tudo tentou para intimidar e desmobilizar os trabalhadores da luta. Não o conseguiu. Por isso avançou com nova manobra que era descontar a cada trabalhador o dobro das horas da greve que realmente tinha feito. Mas face à unidade e firmeza dos trabalhadores a administração da Cometna foi obrigada a recuar e teve que repor a cada um deles o dinheiro que ilegalmente lhes tinha descontado. Desmascarada e derrotada a administração da Cometna entrou em nova provocação. Assim, instaurou já 33 processos disciplinares, todos eles dirigidos a delegados sindicais, a mem-

bros da CT, actuais ou antigos. Tendo já despedido 4 destes trabalhadores numa forma ilegal e repressiva. Mas os trabalhadores da Cometna não aceitam esta situação. Vão continuar a lutar até que os processos disciplinares sejam arquivados e reintegrados os 4 trabalhadores ilegalmente despedidos e conseguidos os restantes objectivos por que têm lutado.

No grupo Previdente também os trabalhadores foram obrigados a fazer 69 horas de greve devido à intransigência da administração em negociar o Caderno Reivindicativo. A administração face à unidade e disposição para a luta dos trabalhadores recuou, negociou e satisfaz parte das reivindicações. Mas a resposta veio depois com a instauração de 4 processos disciplinares a delegados sindicais e a membros da CT. Também em Setembro os trabalhadores da Previdente darão a resposta devida. Na Casa Hipólito 4 delegados sindicais continuam ilegalmente despedidos. Mesmo depois do acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa apontar para a reintegração destes 4 trabalhadores e considerar ilegais e arbitrários esses despedimentos, a administração continua intransigente.

Hoje é claro para os trabalhadores desta empresa o que pretendia a administração da Casa Hipólito quando despediu ilegalmente os delegados sindicais; são os despedimentos, a tentativa de baixar de categoria trabalhadores, o retirar de regalias e de direitos, como por exemplo, agora, a recusa de pagar o comple-

mento de subsídio de doença e diminuir a verba a que os trabalhadores têm direito em caso de grandes deslocações.

Na Cimpomóvel a administração instaurou dois processos disciplinares a um delegado sindical e a outro trabalhador só porque estes exigiram a realização de um exame técnico-profissional a que tinham direito. Agora como consideram mal elaborado o processo disciplinar entregue ao delegado sindical dizem ir instaurar outro pelo mesmo motivo o que é ilegal face à lei.

A ALAR e a ALUEMBA são dois casos típicos de má gestão e de sabotagem económica. Na ALAR, os trabalhadores no dia 5 de Julho quando chegaram à empresa para trabalhar encontraram as instalações encerradas.

Na ALUEMBA, a administração tenta despedir os 22 trabalhadores sem que tenha instaurado algum processo disciplinar, sem que tenha cumprido as formalidades legais necessárias a um despedimento colectivo, limitando-se a entregar a cada um dos trabalhadores um papelinho dizendo que a partir do dia tal está despedido e deixa de ser trabalhador da empresa.

Estes são alguns exemplos. Muitos outros se poderiam dar mas estes são suficientemente ilustrativos. Mas desengane-se o patronato: os trabalhadores da metalurgia em cada uma das empresas darão a resposta mais adequada para cada uma destas situações e dentro de dias, mais de 5 mil trabalhadores da metalurgia do distrito de Lisboa, irão estar em luta

RN **RODOVIARIA NACIONAL**

EXPRESSO S. DA ESTRELA

S. ROMÃO-LISBOA-S. ROMÃO

LIGAÇÕES AO ALGARVE E PENICHE

A	B	B			C
—	17.00	—	P	LORIGA	C — — 00.30
—	17.30	—	C	S. ROMÃO	P — — 24.00
06.50	14.45	—	18.00 P	SEIA	C 13.00 24.00 —
06.55	14.50	—	18.05	TORROZELO	12.55 23.55 —
07.05	15.00	—	18.15	PÓVOA QUARTAS	12.45 23.45 —
07.10	15.05	—	18.20	OLIV. DO HOSPITAL	12.40 23.40 —
07.25	15.20	—	18.35	SENHOR DAS ALMAS	12.35 23.25 —
07.30	15.25	—	18.40	VENDA DE GALIZES	12.20 23.20 —
07.35	15.30	—	18.45	VENDA ESPERANÇA	12.15 23.15 —
07.38	15.33	—	18.48	CATRAIA MOURONHO	12.12 23.12 —
07.50	15.45	—	19.00	MOITA DA SERRA	12.00 23.00 —
08.00	15.55	—	19.10	S. MARTINHO CORTIÇA	11.50 22.50 —
08.05	16.00	—	19.15	ENT.º DE POIARES	11.45 22.45 —
08.30	16.25	—	19.40	COIMBRA	11.20 22.20 —
09.05	17.00	—	20.15 C	POMBAL	P 10.45 21.45 —
09.20	17.15	—	20.30 P	LEIRIA	C 10.30 21.30 —
09.25	17.55	—	21.10	LISBOA	09.50 20.50 —
18.20	—	21.35	—	—	09.25 20.25 —
12.20	20.45	—	24.00 C	—	P 07.00 18.00 —

A — Excepto Domingos e Feriados
B — Só aos Domingos e Feriados
C — Só às sextas-feiras

* — Este horário permitirá, em Coimbra, ligações para as linhas Expresso do Algarve, Peniche e Porto.

RN

Para mais informações consulte
as agências e filiais RN

Já está à venda

O N.º 142 de

VIDA RURAL

Revista quinzenal
dirigida pelo
Eng.º Sousa Veloso

VIDA RURAL

É uma revista que o
moderno agricultor
não pode dispensar

E.P.N.C. Vida Rural Rua Rodrigues Faria, 103
Telef. 366021 — 1600 LISBOA

Mais de seis mil toneladas para o "cemitério nuclear"

Navios da 'Greenpeace' vão tentar impedir descarga de lixo radioactivo

Dois navios da organização ecologista internacional «Greenpeace» partiram ontem para o Atlântico Norte, onde deverão ser lançados ao mar esta semana mais seis mil toneladas de resíduos radioactivos. Esta operação realiza-se pela terceira vez no espaço de um mês, na sequência de uma série de descargas de material nuclear proveniente da Holanda, Suíça e Bélgica.

«Os navios do «Greenpeace» tentarão impedir o lançamento dos resíduos nucleares, tanto quanto possível por meios não violentos», revelou Mickey Kaufmann, responsável daquela organização.

Recorde-se, contudo, que os dois navios holandeses que transportam os resíduos, o «Marijke Smits» e «Rijnborg», têm autorização holandesa para depositar resíduos suíços e belgas, no âmbito de um acordo internacional celebrado em 1972.

Em terra, os ecologistas de um grupo autodenominado «Deposição 83» reivindicaram a responsabilidade da destruição de cinco camiões que foram utilizados no transporte de resíduos radioactivos. Os camiões foram incendiados na cidade holandesa de Beverwijk.

O mesmo grupo reivindicou ainda a responsabilidade de anteriores ataques a camiões e contra os escritórios da empresa transportadora «Scheldeborg», em Delfzijl.

Em campo, encontra-se também um outro navio, o «Arosa I», que já tentou impedir, anteriormente, a descarga de detritos radioactivos na fossa atlântica.

O «Arosa I» chegou ontem de madrugada ao porto da Corunha, tendo sido recebido por cerca de 1500 pessoas, entre as quais se encontravam o alcaide da cidade e o director da organização «Greenpeace» em França.

A bordo viajavam vários conselheiros da municipalidade da Corunha, o secretário-geral do Partido Comunista da Corunha, e representantes de organizações ecologistas e dos órgãos de informação.

Bruges: peixe morto contra despejos

Dezenas de ecologistas transportando caixotes de peixe morto manifestaram-se ontem em Bruges contra o despejo de detritos nucleares no Atlântico, informou a Polícia belga.

A manifestação realizou-se depois de dois navios holandeses, carregados de detritos de centrais nucleares da Bélgica e da Suíça, terem saído das águas territoriais belgas.

Segundo os organizadores da manifestação de Bruges, trata-se da maior carga de resíduos nucleares jamais despejada no Atlântico.

Enquanto se desenrola esta luta para impedir a transformação do Atlântico num mar de morte, os ecologistas alemães encontram-se empenhados em impedir a construção de um centro de retratamento de resíduos nucleares em Gorleben, na RFA.

Cerca de dois mil manifestantes reclamaram ontem a libertação de manifestantes detidos no sábado, no decorrer de uma violenta manifestação caracterizada por recontros com a Polícia. Nos incidentes tinham ficado feridas cerca de 50 pessoas, das quais mais de 20 eram policiais, atingidos por «cocktails molotov».

As manifestações realizadas no sábado ocorreram em três cidades da RFA.

Em Regensburg, na Baviera, cerca de mil dos 10 mil manifestantes bloquearam a estrada de acesso a uma antiga mina de sal, onde estão a ser construídos armazéns para recolha de resíduos atómicos.

Nas restantes cidades, Kaisersesch (Renânia) e Gorleben (Saxónia), não se registaram incidentes.

Armas nucleares: mais protestos

Quatro mil pessoas desfilaram sábado em Groningue (nordeste da Holanda) para protestar contra o armamento nuclear, e mais especialmente contra a instalação de novos foguetões nucleares da NATO em território holandês.

Não foi assinalado nenhum incidente durante a manifestação que tinha sido organizada por vários movimentos pacifistas, entre os quais o Conselho Interigrejas para a Paz (IKV) e o Movimento Contra a Bomba de Neutrões.

Entretanto, mais de 12 000 pessoas desfilaram ontem através de Roterdão numa manifestação contra as armas nucleares.

O desfile foi organizado pelo IKV e por outros grupos antinucleares para «motivar os eleitores a apoiar os partidos antinucleares nas eleições gerais de quarta-feira», disse um dos organizadores.

«Vota no homem. Vota contra as armas nucleares», lia-se nos dísticos empunhados.

Os jornais holandeses publicaram centenas de anúncios classificados, onde se dizia «eu voto por uma Europa não nuclear» assinados por indivíduos, por casais ou por grupos de pessoas.

Serviço Exclusivo

Le Monde

Diário de Lisboa

Ruínas radioactivas

Paul Caro

A utilização de energia nuclear para a produção de electricidade à escala industrial é recente. Desde 1970 que a França se lançou num ambicioso programa de construção de centrais. Abandonando o sistema grafite-gás de urânio natural, escolheu uma técnica derivada de processos americanos que funciona com água sob pressão, e de urânio enriquecido a 3 % em urânio 235. Este programa teve uma brusca alteração depois da crise petrolífera de 1973. As centrais americanas mais antigas têm 24 anos e as pessoas já começaram a preocupar-se com a altura em que elas ficarem incapazes de funcionar. Com efeito, pensa-se que a duração de uma central é de 30 anos. Ora quando chegar a altura de pôr de parte estes colossais monumentos de arquitectura industrial, os problemas não vão ser simples.

No centro de uma central nuclear encontra-se a cuba do reactor, de aço, que contém o «coração»: o combustível e os seus sistemas de controlo. O calor que provém da ruptura dos nódulos de urânio é absorvido pela água pressurizada de um circuito primário (345° centígrados e 155 bars) e serve, por intermédio de um permutador para fazer ferver a água de um circuito secundário a fim de accionar a turbina e o alternador que fornece a electricidade. Tudo o que está perto do «coração», sobre tudo depois de um longo tempo de funcionamento, é muito radioactivo. O problema está em saber como um país se vai desembaraçar dessas batatas «quentes».

Até agora pensava-se que bastava meter o reactor numa boa camada de betão, moderna pirâmide tumular, e deixar, durante uns setenta anos, a radioactividade diminuir tranquilamente. Mas as coisas não são tão fáceis. Com efeito, não é só o cobalto 60, cuja duração de vida é de 5,27 anos, que seria a causa principal das radiações residuais perigosas. Estudantes modestos que preparavam um banal diploma universitário, mostraram que mais dois componentes menores dos aços, o níquel 59, cuja duração da vida é de oitenta mil anos, e, sobretudo, o nióbio 94, cuja duração de vida é de vinte mil e trezentos anos, mas que emite raios gama muito enérgi-

cos, dominam a emissão radioactiva depois do desaparecimento do cobalto, a um nível tão perigoso, que exigiria que a pirâmide de betão pudesse durar uns milhares de anos. Isto faz com que a nossa época moderna tenha potencialmente, para o futuro, curiosíssimas perspectivas arqueológicas monumentais.

Trata-se pois de desmantelar os reactores nucleares quando chegar a altura de ir para o lixo. É uma operação que pode custar muito cara: os americanos calculam-na em cem milhões de dólares para um reactor de 1200 megawatts, o que é, na verdade, menos de dez por cento do custo da sua construção. Depois há a delicada questão da armazenagem dos resíduos (provavelmente em estruturas geológicas profundas). O que promete belas batalhas ecológicas no horizonte dos anos 2000.

A fragilidade dos aços

Ainda é necessário que o problema não se ponha mais cedo do que o previsto. Num dos últimos números de *Nature*, que publica um estudo consagrado à ciência em França, os ingleses permitem-se fazer algumas alusões discretas mas pérfidas à resistência a longo prazo dos reactores franceses concebidos por Framatome. Segundo eles haverá corrosões ao nível dos permutadores entre os circuitos primário e secundário nos quatro

ou cinco anos próximos, e isso devido à falta de domínio dos problemas postos pela química das águas radioactivas. Sabe-se que a corrosão é a principal fraqueza dos reactores a água pressurizada.

Há, para mais, outro problema potencial: a fragilização dos aços, e particularmente das soldaduras, sob o efeito do bombardeamento neutrónico. E explicam-no tomando como exemplo a paragem do reactor de Gravelines, em Janeiro devido à queda no circuito primário de um espelho que fazia parte da placa que suporta o combustível. Do mesmo modo, a ruptura de uma peça de alumínio destinada a regular a onda de água no circuito primário, acaba de imobilizar a pilha de grande fluxo do instituto Laue-Langevin, de Grenoble, interrompendo numerosos programas de investigação. Desta vez o que estava em causa era a fadiga mecânica depois de dez anos de serviço.

Estas dificuldades não são uma característica dos reactores franceses. Os americanos têm os mesmos problemas. E por vezes difícil substituir peças defeituosas irradiadas, mas muitas vezes é possível fazê-lo. O problema real é o perigo de um acidente. A fragilidade das soldaduras submetidas à irradiação, devida às impurezas, pode levar a rupturas súbitas, se a cuba do reactor sofrer mudanças bruscas de temperatura ou de pressão, isto é, se os técnicos nas salas de controlo não operarem com habilidade o que parece ser muitas vezes o caso, segundo as estatísticas americanas.

A ruptura da cuba levaria, sem dúvida, ao grande acidente nuclear: a fusão do «coração» de óxido de urânio aquecido a mais de 2000° centígrados. Essa massa é susceptível de reagir com a água, ou mesmo ao betão, para fazer reacções explosivas clássicas muito violentas, cujo efeito seria projectar para o meio ambiente materiais terrivelmente radioactivos. Mesmo sem ir tão longe, um acidente menor pode

levar a dificuldades consideráveis, degradando parcialmente o «coração».

No caso da central Three Mile Island (28 de Março de 1979), já houve mais seis acidentes em centrais americanas. O último, ocorrido a 25 de Janeiro de 1982 em Rochester, e provocado pela corrosão de tubos do circuito primário, teria podido conduzir exactamente à mesma situação catastrófica, mas desta vez os técnicos fizeram com prontidão e sangue frio as manobras necessárias.

Os problemas que as centrais nucleares apresentam conforme vão envelhecendo são portanto técnicos — corrosão, fragilização dos materiais sujeitos à irradiação —, mas também humanos. É preciso ter a certeza de que as operações são feitas sem gestos bruscos inúteis, susceptíveis de provocar choques térmicos.

Mas o nuclear não deve, apesar de tudo isto, meter medo. O certo é que, para que cumpra com segurança a sua necessária função, a produção de energia seria desejável que os problemas técnicos e humanos fossem claramente enunciados, confessados e debatidos perante a comunidade nacional. Hoje, no brilhante êxito da sua juventude, a tecnologia nuclear com água sob pressão ainda não enfrentou a dura prova do tempo. Esperemos que essa jovem de doze anos envelheça sem rugas nem lágrimas.

(1) *Nature*, 25 de Março de 1982.

Construir a Paz: uma tarefa feminina?

«O futuro da humanidade reside na mulher, pois ela tem provavelmente mais capacidade que o homem para construir a paz», afirmou a cientista Rita Levi Montalcini, durante a reabertura do Comité Italiano para a Paz.

Presidido por Marcella Glisenti, e composto pelas parlamentares Maria Eletta Martini e Paola Gaoiti, entre outras, o Comité retomou as suas actividades após o período de férias de Verão, com uma reunião em que Rita Levi Montalcini, especialista em biologia celular, professora aposentada da Washington University de Saint Louis e Prémio Saint Vincent de 1979 de Medicina, destacou particularmente a importância do carácter feminino no equilíbrio mundial e na construção da paz.

Para a cientista, a principal causa das guerras não residiria na violência, mas «na aceitação passiva da autoridade», passividade e submissão que, contrariamente ao que possa pensar-se pela «milénaria história de servidão da mulher, é mais masculina que feminina». Assim, para Levi Montalcini, as guerras não teriam origem «na violência congénita do ser humano», tal como o destacou a escola naturalista de Lorenz «Embora seja certo que a espécie humana tem uma tendência à agressão, as

animais — disse — o homem tem, contudo, estruturas cerebrais muito mais complexas que determinam atitudes diversas».

«Em determinadas condições — prosseguiu Levi Montalcini — como por exemplo um estado de cólera ou de grande emotividade, ou mesmo nos casos de sugestão colectiva, os chamados «fenómenos de massa» podem prevalecer condutas incontroláveis. Mas um comportamento tipicamente humano, é por muitas razões tanto mais temível porquanto a agressividade é o espírito gregário e a passividade é a obediência ao líder».

Esse espírito, essa tendência para a submissão «não é um

dado genético, mas uma aquisição cultural — precisou —, e neste sentido é interessante verificar que os nossos antepassados

juntos pela sobrevivência desenvolveram um espírito de submissão ao líder e uma notória tendência para a violência colectiva em função do tipo de situação com que tinham de se enfrentar».

Em contrapartida, as mulheres, que na história da humanidade participaram menos dessa forma de luta pela vida, estariam menos marcadas por esse espírito gregário e, em consequência, estariam muito mais aptas que o homem a desenvolver uma «cultura de paz».

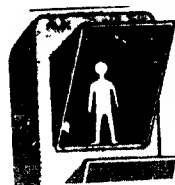
A cientista afirmou em seguida que «por terem estado sempre excluídas do poder, as mulheres são menos propensas que o

homem a aceitar a autoridade, são mais livres para formar opinião, e estão mais dispostas para a rebelião».

Mais adiante, Rita Montalcini sublinhou que para quem queira antepor como argumento o facto de que durante séculos as mu-

lheres foram escravas dos homens e continuava sê-lo ainda em muitas sociedades, haveria que fazer-lhes ver que «a mulher se submeteu ao homem por causa da sua inferioridade física, não porque o tenha escolhido livremente», e que «foi uma escravatura imposta, e tanto assim é que, de cada vez que puderam nas sociedades em que surgiram mudanças, rebelaram-se».

Margarita Galvan, IPS/«DL»



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



Questão palestina

Cimeira árabe de Fez vai debater plano Reagan

Reis e presidentes árabes reúnem-se hoje em Fez (Marrocos) a fim de elaborarem uma estratégia para o Médio Oriente, três meses depois da invasão israelita do Líbano que forçou a retirada dos palestinos de Beirute.

As propostas do presidente norte-americano, Ronald Reagan, para uma solução do problema do Médio Oriente, anunciadas a semana passada, e principalmente a resposta da Organização de Libertação da Palestina a esses planos, dominarão as conversações de Fez.

Países árabes moderados receberam cautelosamente o plano de Washington, que prevê autonomia palestina, sob a direcção da Jordânia, na margem ocidental do Jordão e faixa de Gaza, ocupadas por Israel, mas os radicais rejeitaram-no.

A liderança da OLP, réferu, depois de um debate político em Tunes, ontem, que o plano necessita de ser mais estudado. Fontes palestinas salientaram que a resposta da OLP será

o facto chave da cimeira.

O presidente daquela organização, Yasser Arafat, irá ser interrogado pelos líderes árabes sobre a sua posição relativamente às propostas de Reagan que ignoram a OLP e a questão dos montes Golá, conquistados por Israel à Síria durante a guerra de 1967 e anexados em Dezembro de 1981.

As propostas dos Estados Unidos ensombraram planos separados da Arábia Saudita e da Tunísia, que no essencial, oferecem o reconhecimento implícito de Israel em troca de um Estado palestino.

Os dirigentes árabes reuniram-se em Novembro de 1981, também na cidade marroquina de Fez, mas a cimeira foi suspensa na sequência de divergências sobre o reconhecimento do Estado judeico. Este assunto irá ser provavelmente de novo «o ponto quente» da reunião que hoje se inicia — comentaram informadores em Fez.

A cimeira, que durará três dias, deverá ser inaugurada pelo

rei Hassan II de Marrocos.

Os líderes árabes irão depois para Ifrane, uma estância montanhosa, 60 quilómetros a sul de Fez, onde o rei Hassan tem outro palácio.

Os jornalistas, que já estão sujeitos a rigorosas medidas de segurança, não terão acesso a Ifrane. Além disso, ficaram instalados em Meknés, 60 quilómetros a oriente de Fez.

Os moderados como o rei Fadh da Arábia Saudita, deverão estar representados em massa na cimeira.

Mas, dos líderes da Frente de Firmeza e Rejeição, da qual fazem parte a Síria e a Líbia, só chegou até agora o presidente sírio Hafez Assad.

A ausência de Assad na cimeira do ano passado foi aparentemente um dos motivos principais para ter sido suspensa.

A Argélia, que mantém relações tensas com Marrocos por causa do problema do Sara Ocidental, estará representada pelo

seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmed Taleb Ibrahim.

Desconhece-se por agora se a Líbia e o Iémen do Sul, cujos líderes se reuniram ontem à noite em Trípoli para debater «assuntos árabes decisivos», estarão presentes na cimeira.

O Líbano, cujo conflito com Israel é o principal assunto das conversações, estará representado por um ministro de Estado porque o presidente Elias Sarkis está ocupado com as questões da entrega de poderes ao seu sucessor, Bashir Gemayel.

Outros líderes árabes que não estarão presentes são o presidente do Iraque, Saddam Hussein, e o sultão Qaboos de Omã. O primeiro será substituído pelo seu vice-presidente e o segundo por um conselheiro.

Os participantes deverão discutir também a guerra entre o Irão e o Iraque, que dura há dois anos, e que criou divisões no mundo árabe: os moderados apoiam Bagdade e os radicais Teerão.



O ministro da Defesa de Israel, Ariel Sharon, volta a ameaçar...

‘Muito grave aviso’ de Sharon à Síria

O governo israelita fez um «muito grave aviso» à Síria, ao exigir a «libertação imediata de oito soldados israelitas» desaparecidos no sábado à tarde no Líbano.

As autoridades israelitas afirmaram que os oito soldados foram capturados por forças ainda não identificadas e levados para trás das linhas sírias.

O porta-voz do Ministério da Defesa israelita confirmou que o aviso foi transmitido pelo próprio ministro Ariel Sharon ao diplomata americano Morris Draper, adjunto de Philip Habib.

A imprensa e a rádio israelitas esclareceram hoje de manhã que Ariel Sharon tinha enviado igual advertência à OLP, avisando os palestinos contra «todo o mal que possa acontecer aos soldados israelitas aprisionados».

Uma fonte militar israelita indicou à agência France Presse que o Exército israelita não conseguiu determinar com rigor se os oito homens foram capturados em combate contra os palestinos ou por militares sírios regulares. Da mesma fonte acrescentava-se porém, que Israel considera que a responsabilidade incumbe inteiramente à Síria, visto que os palestinos agem a partir das linhas sírias, sob a tutela e com o apoio tático dessas forças sírias. Esta fonte esclareceu que «não era de se excluir que elementos da população libanesa local prestassem assistência aos assaltantes».

Entretanto três soldados israelitas morreram e três outros ficaram feridos, quando a sua patrulha manteve um encontro com soldados sírios, no vale do Bekaa, informou hoje um porta-voz militar sírio. A mesma fonte indicou que o encontro ocorreu sábado à noite e que um soldado sírio morreu e três ficaram feridos.

A patrulha israelita bateu em retirada após 15 minutos de combate.

Libaneses do norte não reconhecem Gemayel

A União das Forças Políticas do Líbano do Norte publi-

cou um programa político no qual «recusa reconhecer o novo regime» do presidente eleito Beschir Gemayel, apelando para o seu «boicote».

No termo duma reunião presidida pelo antigo primeiro-ministro Rachid Karamé, a união, que reúne várias organizações islâmicas e partidos progressistas, nomeadamente na região de Trípoli, considera que «o novo regime é uma emanção da ocupação israelita no Líbano».

Lança um apelo aos libaneses para que se oponham ao carácter «fascista, partidário e confessional (do novo regime)» e pede às «forças patrióticas e islâmicas que resistam às tentativas hegemónicas do regime» (de Gemayel).

Israel avança com mais colonatos

O Comité Interministerial Israelita para os Problemas de Implantação anunciou, em Jerusalém, a criação de seis novos colonatos na Cisjordânia, e a concessão de um orçamento com vista a dois novos centros de povoamento naquela região.

Há actualmente cerca de 130 colonatos israelitas na Cisjordânia, e na Faixa de Gaza, com um total de 25 000 judeus para uma população global de cerca de 1 200 000 palestinos nesses territórios.

Segundo o comité interministerial, duas das novas implantações serão reservadas aos antigos colonos da região de Yarnit, colonato destruído por Israel antes da restituição do Sinai ao Egipto, em 25 de Abril último.

‘Iniciativa inoportuna’

O secretário de Estado americano, George Shultz classificou a criação de novos colonatos na Cisjordânia de «iniciativa extremamente inoportuna».

Interrogado pela cadeia de televisão «CBS» a propósito da decisão tomada pelo Comité Interministerial Israelita para os Problemas de Implantação, Shultz acrescentou que tal iniciativa «não é compatível com os objectivos da paz na região».

Greve geral na Polónia? Solidariedade deve preparar-se

—afirma dirigente clandestino

O sindicato «Solidariedade» alcançou «uma grande vitória moral» em 31 de Agosto e deve preparar-se activamente para «uma eventual greve geral», afirmou Wladislaw Frasnyniuk, um dos membros da direcção clandestina do sindicato.

No boletim número 38 do «Solidariedade» da região de Wrocław, datado de 2 de Setembro, de que foram distribuídos exemplares aos correspondentes estrangeiros, Frasnyniuk escreve: «consideramos presente no espírito que o combate para a restauração das liberdades civis no nosso país vai prosseguir. A tarefa mais urgente é reconstruir as estruturas activas (do sindicato) e proceder a todos os ne-

parativos com vista a uma eventual greve geral».

Frasyniuk, que é activamente procurado pela Polícia e tem pendente um processo de inquérito sumário, acrescenta: «o 31 de Agosto foi para nós uma grande vitória moral e mostrou ao mundo que a nossa fé nos valores da liberdade e da justiça social é mais forte do que o medo perante um poder cego e impiedoso».

Dirigindo-se aos trabalhadores e à população de Wrocław e da sua região (sudoeste do país) Frasnyniuk prossegue: «A direcção do ‘Solidariedade’ de Wrocław e da baixa Silésia, que apesar dos riscos de prisão e do perigo para a sua vida participa-

ram em grande número nas manifestações»

Posição da Igreja

O primaz da Polónia, monsenhor Gelm, pediu aos polacos, ontem, que tenham confiança na Igreja, «a mais antiga instituição do país», e deplorou que «alguns se mostrem demasiado impacientes» numa velada alusão aos acontecimentos mais recentes, que abalaram quase todo o país a 31 de Agosto, quando do 2.º aniversário da assinatura dos acordos de Gdansk.

Por último, sublinhando que o país se encontra numa viragem

da História, monsenhor Gelm declarou: «a Igreja não pode agir com demasiada precipitação. É preciso conservar a fé e não pôr em causa a prudência da Igreja».

Também o Papa João Paulo II, aludiu ontem breve e discretamente aos recentes acontecimentos sangrentos na Polónia.

No final da alocução que pronunciou no «anglus», em Castel-Giandolfo, o pontífice dirigiu algumas breves palavras a compatriota seus presentes e a quantos na Polónia, o seguiam pela Rádio Vaticano.

João Paulo II pediu que rezassem «por todos quantos sofrerem, particularmente por aqueles que encontraram uma morte trágica nos últimos dias».

Luta contra a Mafia na Itália

Todos os poderes e meios para o sucessor de Dalla Chiesa

O Governo italiano decidiu criar um alto-comissariado nacional para a luta contra a Mafia, com poderes de coordenação entre organismos administrativos e policiais-revela um comunicado do Conselho de Ministros.

O director do comissariado é Emanuele de Francesco, nomeado também novo prefeito de Palermo, capital siciliana.

De Francesco é director geral do serviço secreto civil (SISDE) e substitui o general Alberto Dalla Chiesa, assassinado na sexta-feira passada em Palermo.

A decisão foi explicada numa reunião do Senado, realizada ontem, domingo, facto que se verifica pela quarta vez desde 1953.

O Governo advertiu da «gravidade e profundidade do desafio»

lançado pela Mafia e comparou a situação à criada com o sequestro e assassinio de Aldo Moro, em 1978.

O primeiro-ministro Giovanni Spadolini disse, no Senado, que a expansão dos bandos da Mafia se deve à inserção directa «da grande Mafia na rede de contribuições e contratos públicos e financiamentos bancários».

Acrescentou que a acção de Dalla Chiesa se dirigia no inquérito a esses sectores.

Spadolini afirmou que o novo prefeito de Palermo terá todos os poderes e meios para combater a Mafia e sublinhou a importância da lei contra a «Cosa Nostra», que será estudada hoje nas comissões do Interior e Justiça do Congresso.

A lei será votada amanhã.

Grã-Bretanha

Novas e significativas adesões à próxima greve geral

Os três maiores sindicatos britânicos anunciaram o seu apoio à greve geral contra o governo da primeira-ministra Margaret Thatcher, que enfrentou várias greves sectoriais este Verão.

Os sindicatos, representando cerca de 1,5 milhões de trabalhadores, aderem, assim, à primeira greve geral desde 1926.

Juntaram-se hoje à convocatória de greve de 22 de Setembro os sindicatos dos mineiros (350 mil associados), o dos trabalhadores municipais (900 mil) e dos gráficos e aliados (240 mil).

«Espero que todos os trabalhadores da Grã-Bretanha observem a paralisação», disse o presidente do sindicato dos mineiros Arthur Scargill.

Os sindicatos dos trabalhadores da saúde (1,2 milhões de

membros) apoiam a greve geral, depois de terem realizado várias paralisações, reivindicando melhores salários.

Entretanto, inicia-se segunda-feira a contenda anual do Congresso dos Sindicatos Britânicos (TUC) em Brighton, que deverá analisar a mobilização para a greve geral.

Um dos pontos mais conflituosos é a adesão dos trabalhadores da saúde, tornada ilegal através de uma lei do governo Thatcher.

O secretário-geral do TUC, Len Murray, afirmou hoje que algumas formas de greve podem ter efeito contraproducente junto da opinião pública, naquilo que é interpretado como alusão indirecta aos trabalhadores deste sector.

O futuro da Namíbia

Linha da Frente rejeita exigências para a retirada cubana de Angola

Seis dirigentes da África Austral rejeitaram categoricamente em Lusaca o que classificaram de tentativas norte-americanas para ligar a retirada das tropas cubanas estacionadas em Angola com as negociações para a independência da Namíbia.

Em comunicado divulgado no final de uma cimeira de quatro horas dos chefes de Estado dos países da Linha da Frente, afirma-se que a questão cubana é contrária ao espírito de uma resolução das Nações Unidas aceite como orientação para a independência da Namíbia.

A África do Sul, que administra a Namíbia em desafio da ONU, pediu que qualquer acordo seja ligado à retirada de Angola dos militares cubanos ali estacionados.

Os Estados da Linha da Frente alegam que os Estados Unidos, um dos cinco membros do Grupo de Contacto das nações ocidentais envolvido nas negociações, apoiam a pretensão sul-africana.

A cimeira contou com a participação dos presidentes Eduardo dos Santos, de Angola, Samora Machel, de Moçambique, Quett Masire, de Botswana, Julius Nyerere, da Tanzânia, e o primeiro-ministro Robert Mugabe, do Zimbábue.

O comunicado acrescenta que os dirigentes discutiram durante a reunião uma série de questões relacionadas com a África Austral, mas sublinha que foi dada particular atenção às recentes consultas sobre a Namíbia realizadas em Nova Iorque, bem como as alegadas agressões sul-africanas aos Estados vizinhos.

Os Estados Unidos, juntamente com os outros membros do Grupo de Contacto - Reino Unido, França, Alemanha Federal e Canadá, têm mantido em Nova Iorque conversações com os Estados da Linha da Frente, tentando solucionar os problemas que atrasam um acordo.

Rede de traficantes desmantelada em Moçambique

Uma rede de tráfico de droga, pedras semipreciosas, camarão e moeda, foi desmantelada na companhia aérea moçambicana, LAM, anunciaram as autoridades em Maputo.

Alguns dos funcionários envolvidos - outros escaparam-se do país - foram apresentados publicamente, enquanto as investigações prosseguem, tendo em vista o completo esclarecimento do caso.

As autoridades consideram o desmantelamento da rede como uma «purificação de fileiras» na LAM, no âmbito da qual dois comandantes portugueses foram expulsos do país.

Um deles tinha acabado de ser expulso de Angola, quando foi contratado pela LAM e, ao ser conhecido esse antecedente, quando já se encontrava em Moçambique, «deixou de interessar».

O outro foi acusado de «negociante de nacionalidade» porque, apesar de ser moçambicano, aproveitava férias em Portugal para tentar arranjar emprego, identificando-se como português.

Na rede estava envolvido o delegado da companhia em Sófia, Bulgária, que há cerca de dois meses tinha fugido para um país ocidental não identificado, depois de um desvio de fundos.

O delegado em Sófia traficava com estupefacentes que lhe eram enviados de Moçambique, em aviões da LAM.

O comunicado admite que foi conseguido algum progresso em Nova Iorque, mas lamenta que o problema do sistema eleitoral a ser usado nas eleições para a independência continue por resolver.

Os Estados da Linha da Frente e a SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano), o movimento de guerrilha que luta contra o domínio sul-africano sobre a Namíbia, rejeitam as

propostas ocidentais para uma complexa fórmula de votação que proporcionaria escrutínios directos e representação proporcional.

Sam Nujoma, presidente da SWAPO, estava presente na cimeira.

Brasil não enviará tropas

O Brasil não enviará tropas suas para a Namíbia, a fim de participarem no grupo de assis-

tência das Nações Unidas para o período de transição (UNTAG) - anunciou ontem o chefe do gabinete militar da presidência brasileira, general Rubem Ludwig.

O governo brasileiro deverá, dentro de dias, explicar os motivos desta sua decisão. O «UNTAG» encontra-se destinado à supervisão a nível militar e administrativo, do processo de independência da Namíbia, sob a égide da ONU.

Austrália

Repressão contra os clandestinos

As autoridades australianas anunciaram hoje a tomada de medidas repressivas contra cerca de 50 mil imigrantes clandestinos, podendo chegar à deportação.

O governo afirmou que cerca de 40 mil imigrantes ilegais estão a trabalhar no país, roubando emprego aos cidadãos nacionais. O desemprego na Austrália atingiu os 6,6 por cento, o nível mais alto dos últimos anos.

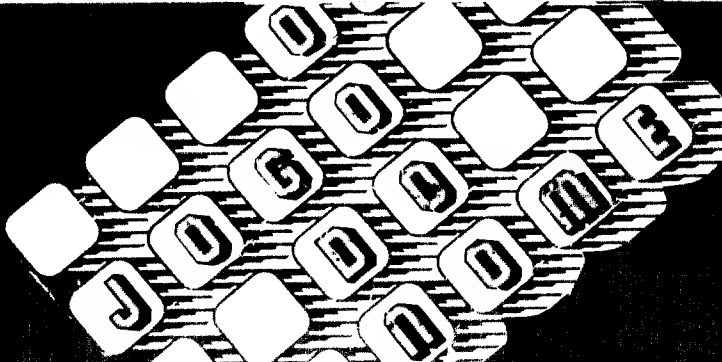
«O governo está decidido a

acabar com uma força de trabalho ilegal que ocupou os empregos de australianos e de imigrantes legais» - indicou o ministro da Imigração, John Hodges.

Entre as medidas anunciadas inclui-se um aumento do recurso às deportações para desencorajar os imigrantes ilegais e a apresentação em tribunal de pessoas que auxiliem os imigrantes ilegais a manterem-se no país.

Sugerimos que envie as suas participações pelo correio, mas se quiser, pode entregá-las pessoalmente nas dependências do «DL» sitas na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa (horas de expediente) até às 17 horas do dia do sorteio de cada jogo.

O leitor para participar no JOGO 4 deverá enviar apenas cupões deste mesmo jogo (e não do Jogo 3, já terminado, ou do Jogo 5, que começará dentro de dias) e indicar bem claramente no exterior do envelope o número do Jogo do Nome a que está a concorrer



LETRAS DOS JOGO 4

Z
J

V

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO

RESUMO DO REGULAMENTO

1. Inscreve o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7X7 quadrados em branco) dentro do cupão - uma única letra manuscrita por quadrado - até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofes, cedilhas, traços de união. (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.

MANUELS
ILVAMAM
VELSILV
AMANUEL
SILVAMA
NUELSIL
VAMANUE

(exemplo 1)

- Manuel Cristóvão
Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA

ANTONIL
LOPESAN
TONILO
PESANTO
NINLOLO
SANTONI
LOPESDA

(exemplo 2)

2. Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de

Lisboa» e as da sua grelha. Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. Quando conseguir completar uma linha de 7 letras, na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa» dentro de um envelope dirigido a O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção: se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família.

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada

a extracção do prémio de menor valor. Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo. Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo. Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo O Jogo do Nome. Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.

8. Em princípio, as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias de semana (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

1975, 1976-Ken Hecht
Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Amanhã, 3 novas letras

Jogo 4

CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA _____

NOME _____

MORADA _____

(TEL.)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone. Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO

SÓ UM CUPÃO
EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

PRÉMIOS

em Marcas que valem ouro!

GRUNDIG

Candy

FAGOR

PROGRESS

Representante

ON

NACIONAL RÁDIO, SARL

Jogo 4 - datas a fixar

INÍCIO	4 de Setembro
TERMO	17 de Setembro
DIA DO SORTEIO	23 de Setembro
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS	24 de Setembro

DESPORTO

Nacional de futebol

Trivial: maiores já no comando

O Campeonato Nacional de Futebol ainda vai na 3.ª jornada, mas os «históricos» (Benfica, Sporting e F. C. do Porto) ocupam já, isolados, os três primeiros lugares. O Benfica, depois do triunfo sobre o Vitória de Setúbal (por 3-1) lidera o campeonato com seis pontos, mais um do que o duo Sporting e F. C. do Porto. Os campeões nacionais venceram (em casa) o Rio Ave (por 4-2) enquanto o Porto arracou precioso triunfo no terreno do Sporting de Braga (por 2-1) num jogo em que o trabalho controbverso do trio de arbitragem concitou as atenções gerais.

O Portimonense estreou-se a ganhar (3-1 ao Amora), enquanto o Varzim alcançou segundo empate consecutivo a zero (em casa) com o Alcobaca. O Boavista também obteve a 1.ª vitória do campeonato (1-0 sobre o Vitória de Guimarães) e Braga e Setúbal, habituais candidatas a um lugar que dê acesso à participação numa competição europeia, disputam por derrotas os jogos contados.

O Sporting de Espinho confirmou o triunfo de há uma semana em Guimarães, vencendo facilmente o Marítimo, por 3-1.

A jornada rendeu 22 golos, mas apenas dois jogadores bisaram: o jugoslavo Filipovic (Benfica) e Oliveira (Sporting).

Dois golos no espaço de um minuto embalarão o Benfica para o triunfo em Setúbal, que abriu o activo aos 14 min. por Fernando Cruz. Mas os lisboetas, em bom momento de forma, viraram o resultado, entre os minutos 31.º e 34.º, com golos de Filipovic e Nené e, aos 67 minutos, o jugoslavo confirmou a vitória dos «encarnados», após cinco anos de insucessos em Setúbal.

O Sporting reencontrou a alegria de jogar e esteve a um passo de «golear» o Rio Ave. Os «leões», depois de uma característica 1.ª parte, surgiram após o intervalo em grande plano, mas nos minutos finais a defesa comprometeu e o Rio Ave aproveitou para marcar dois golos. O brasileiro Uchoa abriu o activo para os «leões» (25) e no 2.º período Oliveira apontou dois golos (53, grande penalidade e 69) e Lito marcou o 4.º tento. O Rio Ave, que sempre mostrou sentido ofensivo, reduziu (aos 80) por Quim e três minutos depois Nhabola estabeleceu o resultado final.

O F. C. do Porto ganhou com golos de Costa (12) e de Gomes (58, grande penalidade), mas foi

na sequência do lance que originou o castigo máximo, que surgiram os problemas, com os jogadores a protestar e o público a arremessar objectos para dentro do rectângulo. A dois minutos do final, o árbitro assinalou outra grande penalidade, desta vez

nalmente) uma vitória: Alinho e Norton de Matos, com dois golos em um minuto, conduziram os algarvios para um êxito difícil sobre o Amora. O brasileiro Caio ainda reduziu a desvantagem (42), mas a sete minutos do final, Alfredo (em lance infeliz) tran-

Resultados

Desfechos da terceira jornada do campeonato: Vitória de Setúbal - Benfica, 1-3 (1-2 ao intervalo); Espinho - Marítimo, 3-1 (3-0); Sporting - Rio Ave, 4-2 (1-0); Braga - FC Porto, 1-2 (0-1); Portimonense - Amora, 3-1 (2-1); Varzim - Alcobaca, 0-0 (0-0) e Boavista - Guimarães, 1-0 (1-0). Descansou o Estoril.

Classificação

Tabela depois da 3.ª jornada:

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	3	3	—	—	7-1	6
2.º Sporting	3	2	1	—	5-2	5
3.º Porto	3	2	1	—	4-2	5
4.º Estoril	2	2	—	—	4-1	4
5.º Espinho	3	2	—	1	5-3	4
6.º Amora	3	1	1	1	3-3	3
7.º Rio Ave	3	1	1	1	5-6	3
8.º Portimonense	3	1	—	2	5-5	2
9.º Varzim	2	—	2	—	0-0	2
10.º Guimarães	3	1	—	2	3-4	2
11.º Marítimo	3	1	—	2	2-4	2
12.º Alcobaca	3	—	2	1	1-3	2
13.º Boavista	3	1	—	2	1-4	2
14.º Braga	3	—	—	3	2-5	0
15.º Setúbal	2	—	—	2	2-6	0
16.º Salgueiros	—	—	—	—	—	—

contra o F. C. do Porto, que Vitor Santos transformou, reduzindo a desvantagem. Na sequência, o portista Frasco foi expulso.

Um golo de Maia (aos 25 minutos) agriu o caminho para o triunfo do Espinho sobre o Marítimo, por 3-1. Pinto da Rocha (33) e Baba (44) apontaram os outros golos espinhenses, enquanto o brasileiro Marineu obteve o tento de honra dos madeirenses (65).

O Portimonense alcançou (fi-

quilizou os algarvios, introduzindo a bola na sua rede.

O campeonato prossegue no fim-de-semana, com a realização da 4.ª jornada a qual incluirá, pela primeira vez, oito jogos, e contará com a presença do Salgueiros, vencedor da liginha. Os jogos são os seguintes: Estoril - Varzim, Benfica - Salgueiros, Guimarães - Setúbal, Marítimo - Boavista, Porto - Espinho, Rio Ave - Braga, Amora - Sporting e Alcobaca - Portimonense.



Vidal Pinheiro: o sonho que veio do céu



Benfica: a festa do comandante

Liguinha

Resultados da última jornada do torneio de subida à 1.ª divisão (liguinha): Salgueiros - Académico de Coimbra, 1-0 (0-0) e Farense - Penafiel, 0-0. Classificação final:

	J	V	E	D	G	P
1.º Salgueiros	6	3	1	2	8-9	7
2.º Penafiel	6	2	2	2	5-4	6
3.º Académico	6	3	—	3	8-11	6
4.º Farense	6	2	1	3	12-9	5

Para a história

Salgueiros: Barradas; Costeado, Mariano, Carvalho e Peres (Soares aos 85m.); Luis Pereira, Silva, Santos Cardoso (Santos, aos 61m.) e Jorginho; Constantino e Jo. Marcador: Santos (aos 83m.).

Académico: Jacinto João; Tomás, Parente, José Freixo e Germano; Freitas, Rosado, Marconi e Aquiles (Paulo Ferreira, aos 68m. e Redondo, aos 84m.); Eldon e Camegim.

Árbitro: Lopes Martins, de Lisboa.

Cartão amarelo a Parente, Mário Wilson (treinador do Académico), Luis Pereira, Silva, Jacinto João e Tomás.

Farense: Jorge; César, Leonardo, Meneses e Vilaça; Óscar, Alinho (Skoda, aos 45m.) e Mário Ventura; Joel, Paulo Campos e Vital.

Penafiel: Aníbal; José Manuel, Paulo César, Fernando (Maia, aos 46m.) e Esmoriz; Ferreira da Costa, Branco e João; Jairo (Chico Faria, aos 61m.), Meirelas e Sanhá.

Árbitro: Amândio Silva, de Setúbal.

Atenção, Sporting!

O Dinamo de Zagreb, adversário do Sporting na «Taça dos Campeões Europeus», manteve o comando do campeonato jugoslavo de futebol, ao vencer (em casa) o Radnicki, por 2-1.

Atenção, Benfica!

O Bétis de Sevilha, adversário do Benfica na «Taça UEFA», perdeu com o Saragoça, no campo deste, por 2-0, na jornada inaugural do campeonato espanhol de futebol da primeira divisão. O paraguaio Pedro Amarilla foi o autor dos golos (30 e 85) que derrotaram o adversário dos portugueses nos dias 15 e 29.

TOTO BOLA a chave

Setúbal-Benfica		2
Boavista-Guimarães		1
Espinho-Marítimo		1
Braga-Porto		2
Sporting-Rio Ave		1
Portimonense-Amora		1
Varzim-Alcobaca		x
Salgueiros-Académico		1
Farense-Penafiel		x
Arsenal-Liverpool		2
Birmingham-Stoke		2
Everton-Tottenham		1
Southampton-Aston Villa		1

Previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem de 120 a 150 apostas com 13 resultados certos no concurso. Os mesmos serviços calculam que o número de «dozes» oscila entre as 5600 e as seis mil apostas.



Filipovic: dois tentos



Nené: um golo

Setúbal, 1 — Benfica, 3

“Team” rubro segura direcção

Impecável em matéria disciplinar, com direcção primorosa do mais prestigiado juiz santarenense, foi bonito de ver (especialmente enquanto Alves e Filipovic estiveram no palco) aquele duelo que Manuel de Oliveira prometia vencer e, afinal, acabou por ser belo peculio para Eriksson, o técnico sueco que, como todos os cidadãos do mundo, tem uma mania: pôr sempre em acção os seus onze melhores jogadores e, construídos os êxitos, sortear entre Alves, Filipovic e Nené qual será a dupla que larga para repouso antecipado para que entrem Padinha e Diamantino, qualquer deles a modos que um Pereirinha nos bons tempos de Mortimore, também um técnico com a suas inexplicáveis adopções de berço.

Verdade que o Vitória, que cedo se adiantou com um tento bem esculpido por Cruz e melhor permitido por um total desconchavo da defensiva vermelha, teve o pássaro por um breve momento ao alcance do disparo: mas, deixando o infernal meio-campo da Luz abrir o leque e forçar a rapidez, veio por ali abaixo como um balão sem ar, especialmente porque Cerdeira não mostrou qualquer aptidão para a tarefa (dura) de «libero» que o seu técnico lhe confiara e, bem pior ainda, foram tantas as falhas, os deslizes, os travões nos pés como as saídas a destempe de Trindade que só pasmou o Benfica não ter chegado à meia dúzia o que (convenhamos com justiça) seria demasiado castigo para uma ponta final setubalense em que Octávio e grande maioria dos seus pares tentaram para um menor desnível no «placard», forçando então Bento (que estivera muito nervoso na abertura) a duas soberbas intercepções para vinte valores. E a dar quase tanto nas vistas como Carlos Manuel, Alves, Filipovic, Chalana, Veloso e Pietra, os senhores reis da formação de Humberto Coelho e Nené.

Os setubalenses têm ate-

nuantes: Francisco Silva continua convalescendo de uma intervenção cirúrgica. Reis ficou «tocado» no último treino, o brasileiro Da Silva espera regularização de ficha, o compatriota Torres lá anda à experiência e Fernando Cruz (o mais promissor produto da «cantera» do Bonfim) está mais vezes fora-de-jogo num só encontro que todos os «teams» nacionais ao longo do campeonato. Depois, aconteceu a imperícia de Cerdeira e o azar de Trindade: tudo isto, junto com a incontestável superior classe benfiquista, reduziu rapidamente a silêncio uma plateia predisposta para ver uma realidade nos miríficos sonhos de Manuel de Oliveira, o excelente prosador quotidiano.

Por seu lado, sem qualquer problema, fazendo de Delgado o seu interprete o sueco que comanda o emblema da águia lá continua (à custa de um óptimo conjunto de vedetas) a disfarçar a maior crise directiva de sempre no emblema de Domingos Claudino e Manuel da Luz. Alfonso, José Gomes Machado e Ilídio Fulgêncio, Manuel Barbosa e Jorge Brito, já para não falar em dissidentes ou sobreviventes de uma lista de comandantes que ninguém afortunadamente pode adiantar em termos numéricos, tantas as situações imprevistas que vão nascendo. Só o «team» de futebol é que não admite conversas: zumba na borracha, adversário e zuge, ainda que o adversário de ontem tivesse (para além do soberbo Octávio) gente fina como Brito e Nunes, Cruz, e Pinto, Narciso e Mota (problema é que, contra afactos não há argumentos e o Benfica, mesmo dando de barato aquela loucurazinha de implantar Sheu na ponta direita e mandar Carlos Manuel como um galgo para o meio da pista, possa qualquer dia render menos no erário de Eriksson, o apostador na juventude de Padinha e Diamantino. Deus sabe se com alguma razão nos dez anos mais próximos.

Neves de Sousa

Com magnífica arbitragem de Alder Dante secundado por Marcos Pais e Baptista Fernandes (Santarém), actuaram:

Benfica: Bento; Pietra, Humberto, Bastos Lopes I e Veloso; Shéu, Carlos Manuel, Alves (Diamantino, 60) e Chalana; Nené e Filipovic (Padinha, 75). Suplentes: Delgado, Alvaro e Bastos Lopes II.

Setúbal: Trindade; Cerdeira (Rui Lopes, 63), Mota, Brito, Nunes e Artur; Nascimento, Octávio e Pinto (Jesus, 60; Fernando Cruz e Fernando. No banco: Padrão, Aloísio e João Cardoso.

Tentos; Cruz (14 minutos), Filipovic (32 e 67) e Nené (32).



DESPORTO



Portimonense: bola à flor da relva, dominada por Norton de Matos

Portimonense, 3—Amora, 1

Dois tiros de rajada

Dois golos de rajada, um de Alinho e outro de Norton de Matos, asseguraram a vitória do Portimonense sobre o Amora, por 3-1. Os locais entraram de rompante, jogando ostensivamente ao ataque, mas a defesa do Amora não permitiu que o resultado sofresse alteração no decorrer do primeiro quarto de hora de jogo. A insistência ofensiva do Portimonense viria a resultar (aos 28 minutos) quando Alinho, de cabeça, apontou o tento inaugural, depois de concretizar da melhor forma um canto apontado por Quaresma. Animados com o golo, os locais afoitaram-se mais ao ataque e, no minuto seguinte, Norton de Matos (numa recarga a um remate mal defendido por Botelho) atirou o esférico para o fundo das redes.

Os visitantes reagiram e Caio Cambalhota (aos 41 minutos) reduziu para 2-1, ao aproveitar da melhor forma um desentendimento entre o defesa Rodrigues Dias e o guarda-redes Damas. No período complementar,

os visitantes entraram com a disposição de alterar o rumo da partida, mas seria o Portimonense a apontar o único golo do 2.º tempo, num lance infeliz em que Alfredo, tentando desviar um centro, meteu o esférico na sua própria baliza. Já sob o apito final, o Amora desperdiçou uma ocasião soberana de marcar quando, num livre directo, Alberto atirou o esférico ao poste direito da baliza à guarda de Damas.

Com arbitragem de António Ferreira (de Lisboa) as equipas alinharam:

Portimonense: Damas; Coelho (Barros, aos 7 minutos), Alinho, Rodrigues Dias (Murça aos 45) e Quaresma; Carlinhos, Paulo Rocha, e Tião; Norton de Matos, Raul Águas e Dário.

Amora: Botelho; Babalito, Emanuel, Nelson e Ribeiro; Alfredo, Jaime e Valter; Caio Cambalhota, Alberto (Jorge aos 45) e Baltasar (José Rafael aos 65).

Cartão amarelo: Quaresma (11 minutos), Jaime (38) e Alfredo (60).

Boavista, 1—Guimarães, 0

Graça Oliva: uma desgraça

Um golo de Palhares, incontestável grande penalidade (aos 23 minutos), deu, no Estádio do Bessa, o triunfo do Boavista sobre o Vitória de Guimarães, por 1-0. Os «axadrezados» conquistaram a 1.ª vitória no campeonato depois de nas jornadas anteriores terem perdido com o Estoril (em casa) e com o Benfica (fora) por 0-1 e 3-0, respectivamente.

Os locais entraram de rompante, com vontade de jogarem na ofensiva e, aos 16 minutos, Jorge Silva desperdiçou uma ocasião soberana de inaugurar o marcador num remate dentro da área, a que Amândio se opôs com oportunidade sobre a linha de golo.

Com as equipas a proporcionarem um bom futebol, fortemente apoiado em rápidos contra-ataques, coube aos boavistas apontarem o tento da vitória, na transformação de «penalty», a castigar uma hipotética falta de Amândio sobre Xavier. Os visitantes reagiram e,

aos 31 minutos, Joaquim Rocha, num livre directo, rematou à trave da baliza à guarda de Matos, depois de a bola embater na barreira defensiva.

No período complementar, o Vitória de Guimarães procurou o empate, mas a falta de inspiração dos seus avançados e a defesa axadrezada não permitiram que o resultado sofresse alteração, para além do árbitro ter feito vista grossa a um castigo máximo em que incorreu o Boavista.

Sob péssima arbitragem de Graça Oliva (Lisboa) as equipas alinharam:

Boavista: Matos; Queiró, Adão, Artur e Alberto; Almeida, Xavier, Zé Manel e Palhares; Jorge Silva (Barbosa 1 aos 86 minutos) e Coelho (Álvaro aos 88).

Guimarães: Silvino; Gregório, Amândio, Murça e João Gouveia (Flávio aos 80); Paquito, Nivaldo, Abreu e Laureta (Ivanir aos 32); Fonseca e Joaquim Rocha.

Cartão amarelo: Nivaldo e Xavier.

Sporting, 4—Rio Ave, 2

Oliveira salvou o espectáculo

O jogador-treinador Oliveira contribuiu com dois golos para o triunfo do Sporting sobre o Rio Ave (4-2). Ao intervalo, o Sporting já vencia por 1-0, golo do brasileiro Uchoa, aos 25 minutos.

O Sporting triunfou com facilidade e na 2.ª parte construiu um triunfo dilatado, com golos de Oliveira (53, grande penalidade, 69) e Lito (73), mas o Rio Ave reagiu e nos minutos finais reduziu a desvantagem por Quim (80) e Nhabola (83).

Oito dias depois do nulo no Estádio das Antas, o Sporting apresentou, paradoxalmente, uma equipa com características defensivas, mas o talento de Oliveira chegou e sobejou para obter um resultado desnivelado. O Rio Ave defendeu-se bem na 1.ª parte, período durante o qual apenas sofreu um golo, de excelente execução técnica de Uchoa (finta curta e remate forte, sem preparação) mas no 2.º tempo o quarteto defensivo desuniu-se e Oliveira aproveitou. Nos últimos minutos, foi a vez da defesa lisboeta evidenciar falta de entrosamento: então, assistiu-se aos golos do Rio Ave, mais com demérito dos defesas do que com sucesso dos avançados.

O Sporting começou mal, afluindo demasiado o jogo e abusando dos passes laterais. Apenas Ademar (com as suas corridas longas) tornava vivo o ataque do Sporting. O Rio Ave respondia com esporádicos con-

tra-ataques e, num deles, aos seis minutos, Pires obrigou Meszaros a defesa «in-extremis».

No tempo complementar, tudo foi diferente. O 2.º golo do Sporting, (muito cedo, de grande penalidade, a castigar falta de Santos sobre Lito), embalou os «leões» para o triunfo. Aos 24 minutos, Oliveira, (a culminar jogada individual), ampliou a vantagem e volvidos quatro minutos foi a vez de Lito apontar o 4.º golo. O Rio Ave, que nunca baixou os braços, aproveitou os erros defensivos do Sporting, para nos últimos dez minutos, escapar à goleada.

A dez minutos do final, Quim, após uma fuga pela esquerda, isolou-se, rematou contra o corpo de Meszaros e captou o raso, para (junto ao poste) fazer o golo. Três minutos depois, na sequência de um pontapé de canto, o suplente Nhabola, sem adversários à ilharga, rematou, fazendo golo.

Sob má arbitragem de Albino Rodrigues (Funchal), que mostrou o cartão amarelo a Cabumba (31) e Tô-Zé (84) e ao técnico Quinho, alinharam:

Sporting: Meszaros; Virgílio, Venâncio, Zezinho e Barão; Ademar, Uchoa, Nogueira (José Eduardo, 46) e Lito; Oliveira e Jordão (Freire, 38).

Rio Ave: Alberto; Sérgio, Santos, Santana e Duarte; Saura, Adérito (Tô-Zé) e Quim; Cabumba (Nhabola, 61), Pires e Casaca.



Grande penalidade contra os homens de Vila do Conde e Oliveira a não perdoar



Outro remate do «astro»

Espinho, 3—Marítimo, 1

Funchalenses à deriva

Um golo de Móia, aos 25 minutos, abriu caminho para a vitória por 3-1 do Espinho sobre o Marítimo. Pinto da Rocha (aos 30) e Babá (aos 44) marcaram os restantes golos do Espinho, vindo o brasileiro Marineu a reduzir a diferença aos 64 minutos.

O jogo, disputado em S. João

da Madeira devido ao facto de o Campo da Avenida (em Espinho) estar a ser beneficiado com relva, mostrou um claro ascendente do Sporting de Espinho que, antes de sofrer o único golo do Marítimo, poderia já ter ampliado significativamente o resultado. O Marítimo, que jogou

a maior parte do tempo acantonado no seu meio-campo, apenas após a marcação do seu golo logrou acercar-se com algum perigo da grande área espinhense.

Sob a arbitragem de Adélio Pinto (Porto) as equipas alinharam: Espinho: Mendes; Diniz,

Balacó, Serra e Raul; Carvalho, Salvador e Pinto da Rocha; Babá, Móia (João Carlos, aos 73) e Vitorino (Salvado aos 86).

Marítimo: Quim, Olavo (Humberto, 57), Oliveira, Arnaldo (Luís Filipe 45) e Cacheira; Quim Manuel, Águas e Albertino; Marineu, Eduardinho e Metralha.

Varzim, 0—Alcobaça, 0

Zero absoluto



Varzim: futebol de pé em riste

apresentado no relvado, os espectadores não tiveram oportunidade de ver actuar Folha por-

que (segundo declarou o presidente varzinista Lúcio Marques), a Associação de Futebol do

Porto se atrasou na entrega dos documentos daquele jogador na Federação Portuguesa de Futebol.

Sob arbitragem de Aventino Ferreira (Braga), que mostrou o cartão amarelo a Alfredo e Jorge Oliveira, do Ginásio de Alcobaça (aos 27 e 32 minutos) respectivamente) e a Vítor Manuel, do Varzim (aos 64 minutos), as equipas alinharam:

Varzim: Lúcio; Vitorino, Washington, Lima Pereira e Torres; Vilaça (Óscar, 69), Pinto e José Albino; Valdemar, André (Vitor Manuel, 64) e Jarbas.

Ginásio de Alcobaça: Domingos; Modas, Russo, Varela e Alfredo; Lelo (Cavungi, 69), José Rui e Jorge Oliveira; João Cabral, Nelito (Romão, 79) e Corinto.

Ténis de mesa: fuga ao conformismo

A selecção portuguesa de seniores de ténis de mesa inicia hoje o primeiro período de estágio e preparação, com vista à participação na Liga Europeia da II Divisão, defrontando a Turquia no próximo dia 15, no Pavilhão dos Desportos, a partir das 21 horas.

Para cumprirem o plano de trabalho já programado, foram con-

vocados os seguintes atletas: Ivanoele Moreira, José Marques, Pedro Miguel, José Alvoeiro, Diamantino Pinto, Elmano Monteiro, Anabela Fernandes, Odete Cardoso, Olga Menezes e Maria Alexandra.

A concentração tem lugar em Paço de Arcos, onde a selecção treina às 10, às 15 e às 20 e 30,

estando as refeições marcadas para o Centro de Estágio da Cruz Quebrada.

O próximo período de trabalhos realiza-se a partir do dia 10, também em Paço de Arcos, mas apenas com seis atletas, que serão orientados, tal como os dez primeiros, pelo seleccionador Virgílio Nascimento. Essa segun-

da fase de preparação termina no dia 14, véspera do jogo com a Turquia.

Portugal realizará o segundo encontro da competição no dia 9 de Outubro, defrontando a Escócia em Dingwall, naquele país, para no dia 8 de Novembro o seleccionado português jogar na Suíça, finalizando a primeira par-

te da «Liga» com o encontro com o Luxemburgo, este em Portugal no dia 11 de Dezembro.

A Escócia deverá ser novamente opositora no dia 19 de Janeiro do próximo ano, período em que se disputa o Grande Prémio Internacional do País de Gales, entre 20 e 22, e que poderá ser aproveitado pelos portu-

ses para uma participação individual e colectiva.

Outros jogos terão de ser cumpridos, mas ainda sem datas oficiais. Certas são as datas dos Jogos Ibero-Americanos, na República Dominicana, entre 15 e 25 de Abril, e nos quais Portugal deverá estar presente.

DESPORTO

Hoje em Atenas

Lopes, Carvalho e Cabral correm para a Europa

Carlos Lopes é um dos principais favoritos à vitória na final da prova dos 10 000 metros hoje no 'europeu' de atletismo, em Atenas. A final que se deveria disputar 5.ª feira foi antecipada para hoje em face do reduzido número de inscrições.

Lopes estará na linha de partida para as 25 voltas às 20.30 horas locais (18.30 em Lisboa) e é o primeiro homem a abater pelos outros 22 adversários. Vice-campeão olímpico em Montreal (1976), antigo recordista da Europa, Lopes possui a segunda marca mundial (27.24.39) do ano, atrás do seu compatriota Fernando Mamede, ausente por lesão. Do lote dos atletas que lhe farão oposição Werner Schildbauer (RDA), é sem dúvida aquele que parece reunir igualmente uma dose de favoritismo.

Creditado com 27.33.66 m este ano (quarto resultado na Europa) o corredor da RDA é um atleta que imprime à corrida ritmos muito fortes, tendo um «finish» notável, sendo mais rápido que Lopes.

Para além de Schildbauer, o finlandês Martti Vainio fará todos os possíveis para defender o título ganho brilhantemente em Praga, mas não parece na forma de há quatro anos. O alto e longilíneo finlandês não fez melhor que 28.05.20 minutos (13.ª na Europa), mas é sempre perigoso para as grandes competições.

Outros nomes a considerar: o belga Alex Hagelsteens (27.26.95 m - terceiro na Eu-

ropa), o inglês Jukian Goater (27.34.58 - quinto na Europa), o belga Leon Schots, o galês Steve Jones e o soviético Ivan Parli.

Lopes diz que lhe era indiferente disputar só uma corrida de dez mil metros, enquanto o seu técnico (Moniz Pereira) referiu que uma final directa «só traz vantagens». Seja como for, a tática nesta prova de 10 000 metros deverá ser decisiva, e tudo indica que assim seja, pois o forte calor em Atenas e o já adiantado da época para alguns atletas levará alguns a retraírem-se para no último quilómetro tentarem a sua sorte.

Lopes poderá também ter vantagens neste aspecto, dado que este ano nunca esteve mais rápido que prova em distâncias curtas.

José Carvalho é o primeiro português a entrar em acção, participando hoje na 1.ª eliminatória dos 400 metros barreiras, sendo difícil conseguir a qualificação. São apurados para as meias-finais os quatro primeiros de cada uma das três eliminatórias e mais os quatro atletas que tiverem os melhores tempos.

Carvalho (29.94 segundos) desde os Jogos de Montreal, participa na série mais forte, onde a maioria dos seus adversários tem melhores tempos. Creditado com 50.44 segundos esta época, Carvalho correrá na pista seis e terá na sua eliminação finais conceituados adversá-

rios: o alemão - federal Harald Schmidt e o soviético Vasily Arkhipenko. Schmidt (25 anos) é o recordista europeu (47.85s), tem o segundo melhor tempo europeu deste ano (48.51s) e é o grande favorito para defender o título conquistado há quatro anos, em Praga. Arkhipenko (25 anos) e o terceiro melhor corredor da Europa de sempre (com 48.34 segundos) foi 3.º classificado no «europeu» em Praga e medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Moscovo, tendo este ano o 6.º melhor tempo da Europa, com 49.47 segundos. Outros adversários de valor na série são o búlgaro Toma Temov com 49.74 segundos (oitavo na lista da Europa do ano) e o húngaro Istvan Simoballa com 50.14 segundos (19.º na Europa). A série de Carvalho é a seguinte: 1 - Sege Guillen, França; 2 - Toma Temov, Bulgária; 3 - Georgios Vamvakas, Grécia; 4 - Vasily Arkhipenko, URSS; 5 - Istvan Simoballa, Hungria; 6 - José Carvalho; 7 - Marcelino Ruiz, Espanha; 8 - Harald Schmidt, RFA.

Carlos Cabral dificilmente poderá escapar ao último lugar na eliminatória n.º 1 dos 800 metros a disputar hoje, mas poderá fazer a sua melhor marca. Cabral, recordista nacional dos 800 metros (com 1.47.33) correrá na pista quatro e tem pior tempo que os seus adversários. O inglês Sebastian Coe é (sem dúvida) o grande favorito para o título nesta distância. Recordista



Rosa Mota e Aurora Cunha: estão em Atenas para mostrar o que valem

mundial (1.41.72) Coe possui a segunda melhor marca mundial do ano (1.44.48) e tudo indica que conquistará o título, dado o seu bom momento de forma. Outros adversários cotados na 1.ª eliminatória são o alemão federal Hans-Peter Ferner com 1.45.27 (nono europeu do ano) e o francês José Marajo com 1.45.29 (décimo europeu do ano).

A eliminatória de Cabral é a seguinte: 1, Hans-Peter Ferner (RFA); 2, Anatoliy Reshenyak (URSS); 3, Donato Saba (Itália); 4, Carlos Cabral; 5, Sebastian Coe (Inglaterra); 6, Julien Michiels (Bélgica); 7, José Marajo (França).

Ickx-Mass: os melhores em SPA-Francorchamps

A dupla de pilotos formada pelo belga Jacky Ickx e pelo alemão federal Jochen Mass venceu a clássica competição automobilística «mil Quilómetros de SPA-Francorchamps», disputada na Bélgica. Ickx e Mass, que se renderam mutuamente ao volante do «Porsche 956», percorreram a distância no tempo de seis horas e 47.14 minutos. O par Derek Daly (Inglaterra)-Vern Schoppa (Austria), também em «Porsche 956», foi 2.º classificado, seguido do duo Ricardo Patrese e Theo Fabi (ambos da Itália), em «Lancia». Os belgas Jean-Marie Martin e Philippe Martin, tripulando um «Porsche 956», ocuparam o lugar imediato da competição.

«Motocross» na RFA

A equipa dos Estados Unidos venceu o campeonato das nações de motocross, na categoria de 250 centímetros cúbicos, disputado no círculo de Gaildorf, na Alemanha Federal. Os 2.º e 3.º lugares foram ocupados pela Bélgica e pela Inglaterra, respectivamente. Os Estados Unidos tinham já vencido o campeonato do ano passado.

Motociclismo: títulos

O alemão Toni Mang venceu o «Grande Prémio de San Marino», em motociclismo, na categoria de 250 centímetros cúbicos. Mang manteve um duelo cerrado com o venezuelano Carlos Lavado praticamente durante toda a prova até que, na penúltima volta, o venezuelano se despitou sendo obrigado a abandonar a corrida. Classificação: 1.º Toni Mang (RFA) Kawasaki, 45.59.26 minutos à média de 143.705 km/hora; 2.º Jean Louis Tournadre (França) Yamaha, 46.09.82; 3.º Roland Freymond (Suíça) Yamaha 46.11.45; 4.º Martin Wimmer (RFA) Yamaha 46.21.87; 5.º Massimo Droccoli (Itália) Ya-

maha, 46.32.50; 6.º Lucchi Marcellini (Itália) Yamaha 46.40.41. Classificação do campeonato ao fim de 11 das 12 provas: 1.º Tournadre, 110 pontos; 2.º Mang, 102; 3.º Freymond, 69.

O suíço Stefan Doerflinger tornou-se campeão mundial de motociclismo (categoria de 50 cc), ao ficar no 2.º posto do «Grande Prémio de San Marino», cujo triunfo pertenceu ao italiano Eugenio Lazzarini. Lazzarini percorreu as 13 voltas ao circuito no tempo de 31.32.23 minutos, à média horária de 68.185 quilómetros. Doerflinger, ao arrebatar o posto imediato, passou agora a somar 69 pontos, número que lhe garante o título máximo quando ainda falta disputar um «Grande Prémio» da modalidade. A classificação dos cinco primeiros foi a seguinte: 1.º Eugenio Lazzarini (Itália), com 31.32.23 minutos; 2.º Stefan Doerflinger (Suíça), 31.33.74; 3.º Giuseppe Ascareggi (Itália), 32.35.29; 4.º Marco de Lorenzi (Itália), 33.22.43; 5.º Hans Hummel (Austria), 33.23.65. Geral do mundial: 1.º Doerflinger, 69 pontos (campeão mundial); 2.º Lazzarini, 54; 3.º Ascareggi, 38; 4.º Cláudio Lusuardi, 33; 5.º Hummel, 19.

O norte-americano Freddie Spencer, venceu na categoria de 500 centímetros cúbicos, com o tempo de 52 minutos e 31.76 segundos. O seu compatriota Randy Mamola, foi o 2.º classificado, seguido pelo neozelandês Graeme Crosby, em «Yamaha». O italiano Virginio Ferrari e o holandês Jack Middelburg, ocuparam os lugares imediatos da competição. Após a prova a classificação do mundial ficou assim ordenada: 1.º Franco Uncini (Itália), 103 pontos; 2.º Graeme Crosby (Nova Zelândia), 76; 3.º Freddie Spencer (EUA), 72; 4.º Kenny Roberts (EUA), 68; 5.º Barry Sheene (Inglaterra), 68; 6.º Randy Mamola (EUA), 50.

Ténis

Circuito Satélite sem portugueses

Com o afastamento de todos os jogadores portugueses terminou ontem a terceira ronda da fase de qualificação do 4.º troféu, internacional «Carlsberg», prova que inaugura o «Circuito Satélite «Água do Luso». De facto, tanto Luis Filipe como Pedro Carvalho da Silva que haviam ganho os seus jogos de manhã, foram desta feita amplamente batidos pelos seus adversários. No entanto, o segundo jogo muito abaixo das suas possibilidades ante o belga Brawerman.

Assim, e após a disputa de todos os encontros referentes a esta fase, os resultados globais foram os seguintes: 6-2 6-1; Fdulwood (GB) v. Maasdorp (Af. Sul), 3 - 6 7 - 6 6 - 2; Furniss (USA) v. Cook (Aust), 7 - 5 6 - 0; Levine (Af. Sul) v. Johnsson (Sue), 6 - 1 6 - 3; Giovanni (It) v. Otero (Mex.), 1 - 6 7 - 6 6 - 1; Williams (USA) v. Browne (USA), 6 - 1 6 - 1; Dubins (USA) v. Retief (Af. Sul), 6 - 2 6 - 7 - 6/5; Hughesman (GB) v. Leighton (GB), 7 - 5 6 - 4; Holland (GB) v. Katz (Zim), 6 - 1 6 - 2; Terzi (It) v. Padilha (Br), 6 - 2 4 - 7 7 - 5; Brawerman (Bel) v. Carvalho da

Silva (P) 6 - 1 6 - 0; Graig Tregoning (Aust) v. Apin (Aust), 6 - 4 7 - 5; Guinness (GB) v. Tregoning (Aust), 6 - 2 7 - 5; Olmedo (Arg) v. Samuelson (Sue), 5 - 3 e desistência.

Em encontros interrompidos por falta de luz, que serão hoje concluídos Igor Flego (Jug) venceu Todd Nelson (Sul) por 6 - 4 4 - 5 e Michael Weinberg batia Henk Du Bruyn (Af. Sul) por 6 - 4 2 - 4. Disputa-se hoje a ronda de qualificação devendo estar apurados os oito jogadores que entrarão no quadro final.

EUA: «open»

John Mcenroe confirmou no «court» de Flushing Meadows, o seu bom momento de forma, ao vencer Van Patten por 6 - 3, 6 - 2 e 6 - 3 em partida do «open» de ténis dos Estados Unidos. Mcenroe, cabeça de série da prova e vencedor da sua última edição, evidenciou uma nítida subida de rendimento em relação aos jogos anteriores, acabando por triunfar nos três «sets» por margens folgadas.

Por seu lado, o argentino Guillermo Vilas, quarto cabeça de série e outro dos sérios candidatos à final, eliminou o norte-



O norte-americano Marck Buckley

-americano Mike de Palmer, pelos parciais de 6 - 3, 7 - 5, 4 - 6 e 6 - 1. O norte-americano Elliot Teltscher, oitavo cabeça de série, justificou também o seu favoritismo, ao superar o neozelandês Chris Lewis pelos parciais de 4 - 6, 7 - 5, 6 - 3 e 6 - 0.

Em femininos, a grande surpresa da jornada residiu na eliminação da alemã-federal Bettina Bunge, (nona cabeça de série) frente à norte-americana Elise Burgin, uma jovem tenista amadora (20 anos), com pouca rodagem internacional. Bunge averbou derrota nos dois «sets» por 7 - 6 («tie break»), rodeando a partida de grande emoção até aos momentos finais.

A australiana Wendy Turnbull, (oitava cabeça de série), viu-se em sérias dificuldades para afastar a alemã-federal Cláudia Khode, necessitando disputar três «sets», que forneceram os parciais de 7 - 5, 5 - 7 e 6 - 3. Por último, a quarta cabeça de série, a norte-americana Andrea Jaeger, apontada como uma das prováveis finalistas, provou a sua categoria ao derrotar a húngara Andrea Temesvari, pelas margens de 6 - 3 e 6 - 2.

Secretário de Estado vai percorrer Coimbra

Os primeiros cinco dias de Outubro vão ser dedicados pelo secretário de Estado da Juventude e Desportos a visitas oficiais no distrito de Coimbra. O dr. Serra de Moura reúne, na altura, com os directores de todos os jornais da região.

De 1 a 5 de Outubro, aquele membro do governo deslocar-se a 12 dos 17 concelhos do distrito

para contactos com as colectividades que neles se dedicam a práticas desportivas. Em Coimbra, Serra de Moura faz entrega a Marques Bom da Medalha de

Mérito Desportivo e inaugura um ciclo de conferências promovido pela delegação distrital da DGD denominado «Sr. Desportivismo».

Santarém: ginástica cresce

De acordo com a escritura da constituição da Associação de Ginástica de Santarém, realizou-se a primeira Assembleia Geral da nova entidade, a que assistiram o director-geral dos desportos (por delegação) o delegado distrital da Direcção-Geral dos Desportos e o presidente da Federação Portuguesa de Ginástica. Na nossa primeira assembleia geral foram eleitos por unanimidade os principais corpos gerentes da nova Associação de Ginástica, cujo nomes passamos a indicar:

Assambleia Geral: professor José Teodoro Gameiro, professor Manuel Guerra da Silva e Jorge Oliveira

Direcção: eng. Albertino F. Lopes, Pisca Eugénio, António Manuel Lopes, Francisco Henriques; —José Clemente Ferreira; António José da Graça Serra Fernandes; eng. Armando Morgado e Álvaro Joaquim Raposo Ribeiro.

Conselho Fiscal: Manuel Moreno Luís; Manuel Maria de Castro S. Costa e Joaquim Bernardes Duarte.

Como é evidente, a Associação de Ginástica tem por finalidade fomentar o desenvolvimento da Ginástica no Distrito de Santarém, no âmbito do Planeamento Nacional o que é da competência da Federação Portuguesa de Ginástica. Por tanto, espera (para além das competições ginásticas distribuídas de acordo com o Calendário Nacional), apoiar e realizar outras manifestações de carácter ginástico desportivo no âmbito do desenvolvimento da modalidade

Placard

Moura Joga

Os II Jogos Municipais organizados pela Câmara de Moura, distrito de Beja, estão a decorrer até ao dia 9, englobando as modalidades de atletismo, xadrez, futebol e andebol infantil, voleibol, halterofilia, ténis de mesa, damas e judo.

Xadrez: nacional

Concluiu-se a quarta jornada do campeonato nacional absoluto de xadrez (fase preliminar). Os resultados dos principais tabuleiros foram os seguintes: António Luís Ferreira - Pedro Palhares e João Sequeira - António

Antunes (empates), Joaquim Durão - Manuel Serra (1-0), António Horta - Silva Pereira (empate), Alves Santos - Vítor Moraes (1-0), João Cordovil - Manuel Coelho (1-0), Pedro Palhares (do Futebol Clube da Foz) e Luís Ferreira (de Estarreja), mantêm-se no 1.º lugar com 3,5 pontos, seguidos de Joaquim Durão e João Sequeira (ambos da Equipa Tróia), António Antunes (Benfica) e Alves Santos (Atlético Clube de Moscavide) todos com três pontos.

«Windsurf» no Algarve

António Viegas, do GNC Faro, foi o vencedor do II Torneio Inter-

nacional de Verão de Prancha à Vela («windsurf»), disputado ao largo da marina de Vilamoura. Vencedor das duas primeiras provas (Euro-Fun Board e Slalom), o concorrente algarvio garantiu, praticamente, o seu triunfo final na competição, como aconteceu.

No segundo lugar classificou-se Bernardo Costa Macedo, do GD Paço de Arcos, que foi o primeiro classificado no Triângulo Olímpico e na prova de longa distância, seguindo-se-lhe Francisco Salgado (Cimav), Miguel Galvão e Rui Reis (GCNF).

Assembleia do Desporto Africano

A X Assembleia Geral dos Conselhos Superiores dos Desportos Africanos foi definitivamente transferida de Maputo para Yaounde, nos Camarões, depois de as autoridades moçambicanas terem condicionado a realização da assembleia no seu país a uma prévia satisfação de compromissos financeiros, por parte dos países participantes.

Como alguns países continuavam em falta, as autoridades desportivas decidiram solicitar a mudança do local da realização da assembleia.



DESPORTO

Salgueiros na primeira divisão: Santos de casa fez o "milagre"

Um gol do suplente Santos, obtido aos 80 minutos, permitiu ao Salgueiros o regresso à 1.ª Divisão do futebol português. Vinte anos depois de ter abandonado o escalão maior do futebol nacional, o Sport Comércio e Salgueiros, (fundado em 11 de Dezembro de 1911, cuja equipa vai defrontar domingo no Estádio da Luz em jogo da 4.ª jornada, o clube de que é filial (Benfica) recuperou o direito a ocupar um lugar na 1.ª Divisão mercê da sua vitória sobre o Académico de Coimbra, na última jornada do torneio de competência.

Em seis presenças anteriores no escalão maior do futebol português, o Salgueiros nunca logrou melhor classificação que o 10.º lugar, obtido por duas vezes, nas épocas de 1943/44 e de 44/45.

Conhecedor das restantes Divisões do nosso futebol (39 presenças na 2.ª Divisão e duas na terceira) os «encarnados do Norte» participaram ainda 29 vezes na Taça de Portugal, prova onde chegaram a atingir os quartos de final, nas épocas de 1951/52 e 64/65.

Para vencer este torneio de competência, o Salgueiros (clube que conta apenas oito mil associados) passou por alguns momentos menos bons, nomeadamente quando foi vencido pelo Académico, (em Coimbra) e pelo Farense (em Faro) pela mesma marca: 4-1. Porém, as vitórias obtidas no seu velho campo de «Vidal Pinheiro» frente ao Penafiel (2-0), ao Farense (3-1) e, finalmente, ao Académico (1-0) guindaram-no ao lugar cimeiro do torneio em que participou devido ao seu 2.º lugar na Zona Norte do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão da última temporada.

O treinador salgueirista Henrique Calisto manifestou o seu apreço pela aplicação e genero-

sidade com que os jogadores se empenharam na subida à 1.ª Divisão: «Sinto-me feliz por estes jogadores a trabalhar comigo» — disse o técnico. Calisto considerou o «plantel» do Farense o mais completo dos quatro clubes participantes no torneio de competência.

Adianta que a equipa do Salgueiros vai agora lutar pela permanência no escalão maior do futebol português, com humildade, é certo, mas também com ambições e com grande capacidade de trabalho.

Mário Wilson, treinador do Académico de Coimbra mostrou-se resignado no final do encontro decisivo com o Salgueiros: **Temos que aceitar o resultado (disse) porque lutámos com esperança e determinação e fizemos tudo o que nos foi possível.**

Wilson atribui à massa associativa do Salgueiros (que designou por **décimo segundo jogador**) parte do triunfo que proporcionou ao clube português o sucesso neste encontro e no torneio e a consequente subida à divisão de honra.

Seis jogadores foram submetidos ao controlo anti-«doping» no termo do encontro Salgueiros-Académico de Coimbra. Sujeitaram-se a este exame Jorginho, Luís Pereira e Santos Cardoso (Salgueiros), Hélder, Rosado e Redondo (Académico).

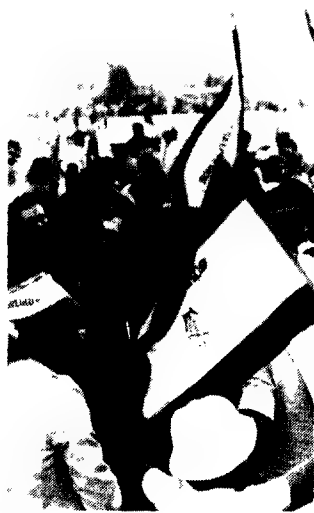
Madrugada dentro, a população (na baixa portuense) festejava como que as Festas da cidade. O Salgueiros, horas antes, acabara de vencer o Académico de Coimbra e assim regressar ao convívio dos grandes do nosso futebol. Não é um mito a popularidade dos «encarnados» do Norte O Campo eng. Vidal Pinheiro **cedeu** pelas frágeis costuras. Encheu-se por completo.

nhola, exibindo a sua excelente classe. A turma portuguesa (do Norte) levou a Basileia somente três dos jogadores que participaram na equipa campeã da modalidade. Apesar disso, ganhou os sete encontros em que participou.

MICROSCÓPIO

Hóquei: Portugal ganhou

Uma equipa portuguesa de hóquei em patins venceu o Torneio Internacional de Basileia, ao derrotar por 9-3 a equipa espa-



Festa salgueirista

Cá fora, a população da freguesia de Paranhos estava «preparada» para festejar a vitória do **nosso Salgueiros, irmão do meu Benfica**. Jogo terminado, foi o delírio. Dentro e fora do campo. Em todas as artérias da freguesia. Que ligam ao «pelado» do «Salgueiral» e mais tarde, com cortejos a pé e de automó-

vel, pelas diversas ruas da cidade até próximo dos Paços do Concelho. Praça Humberto Delgado (um lutador de estirpe) e Almeida Garrett ficaram povoadas de vermelho. Mas, não só: a popularidade do Salgueiros não se confina apenas ao nível dos seus associados. Há nos «sócios de campo» dos outros clubes da cidade, muitos simpáticos do «Salgueiral» e por essa razão apareceram, no meio de milhares de bandeiras de encarnado vivo, outras «azuis e brancas», outras «axadrezadas», ainda de mais colectividades da cidade, que quiseram associar-se e festejarAm com o mesmo entusiasmo a proeza do Salgueiros, um dos mais velhos clubes da cidade, treinado por um dos mais jovens técnicos da praça nacional: o professor Henrique Calisto.

Madrugada dentro, bandeiras ao alto, silvos das buzinas de automóveis a tocar incessantemente, cortejos de automóveis e a pé, o centro da cidade e a baixa portuense estavam «vestidos» de vermelho. Era a festa do Salgueiros, era um festival norte-



Salgueiros: vinte anos depois novamente no seu lugar



Muito tempo com o resultado incerto

Braga, 1—Porto, 2

Árbitro divertiu-se à grande!

Sete vezes apresentado o cartão amarelo (o vermelho a Frasco) definem (com expressão negativa, é claro) a anarquia que reinou neste jogo entre bracarares e portistas. Não foi (porém) devido a jogu à margem das leis entre os protagonistas que as duas cartolinas foram tão exibidas: a amostragem verificou-se na sequência dos dois penalties assinalados (mal) pelo juiz escalabitano.

Com efeito, António Rodrigues foi a «figura» do espectáculo, mas no sentido negativo. Há uma margem de erros que terão de desculpar-se em pequenas faltas, mas o escalabitano falhou em 90 por cento das suas intervenções e em lances que influíram decididamente no resultado. O «penalty» assinalado ao Braga após uma falta de Gomes que passou em claro; um livre indirecto dentro da área portista que, a ser falto, teria forçosamente que ser transformado em «penalty»; e o «penalty» assinalado

ao Porto foram lances capitais do jogo e em todos eles o árbitro falhou. Aliás, ao longo do encontro, António Rodrigues denotou uma insegurança pasmosa e uma intranquilidade inadmissível num juiz de 1.ª divisão. Em repetidos lances o comandante do trio esteve em cima das jogadas mas deixou que os auxiliares «interferissem», num lavar de mãos só possível pela sua falta de categoria, pelo nervosismo e autêntico desnoite que se apossou do homem de negro.

No fim do jogo, Pedroto afirmava que o Porto continua a ser vítima da perseguição dos árbitros e Juca denunciava a **perturbação do árbitro que estragou o espectáculo**. «E que a sua equipa tinha sido a **mais prejudicada**». Em suma: António Rodrigues e auxiliares não tinham agradado nem a gregos nem a troianos.

Claro que também os jogadores foram afectados pelos constantes deslizes dos homens de

preto equipados, por vezes incorrendo em lances quezilentos (embora não violentos) revelando apavorante falta de discernimento, quer na defesa quer no ataque. Num período ainda morno, enquanto António Rodrigues deixou jogar, Costa marcou o único gol «legal», com um toque hábil junto ao poste direito de Hélder. De resto, os dois guarda-redes estiveram seguros mas Frasco e Romeu (no Porto) e Vitor Oliveira (no Braga) foram os únicos intérpretes com nota

alta. O jogo em si foi de uma pobreza técnica pasmosa, insípido, apenas emotivo pelo «suspense» das decisões do trio de arbitragem. Um encontro para esquecer. Venceu o Porto e diga-se com algum mérito, especialmente pela força física que a equipa revelou e por contar com dois jogadores de talento no meio-campo (Frasco e Romeu) a desequilibrar para o seu lado o volume de jogo desenvolvido pelas duas equipas.

António Abel

Jogo no Estádio 1.º de Maio

Árbitro: António Rodrigues, de Santarém.

Braga: Hélder, Artur, Paris, Guedes e João Cardoso; Serra (Duarte), Vítor Oliveira e Vítor Santos; Malheiro, Jorge Gomes (Fontes) e Manoel.

Porto: Amaral; Gabriel, Simões (Eduardo Luís), Eurico e Inácio; Frasco, Jaime Pacheco e Sousa (João Pinto); Gomes, Romeu e Costa.

Marcadores: Costa (13 m), Gomes (58 de grande penalidade) e Vítor Oliveira (86 de grande penalidade).

Cartão amarelo: Jaime Pacheco, Costa, Frasco, Serra, Vítor Oliveira e João Pinto; Cartão vermelho: Frasco, aos 89 minutos.

ponta esquerda

Hipismo mortal

O cavaleiro suíço Ernst Baumann morreu, na sequência de um acidente ocorrido numa prova do campeonato mundial de hipismo militar, a decorrer em Luhmuethlen, arredores de Hamburgo (RFA). Baumann (33 anos), encontrou a morte quando, no penúltimo obstáculo da prova, o seu cavalo, evidenciando sintomas de cansaço, embateu violentamente contra uma plataforma de madeira, causando lesões mortais no diafragma do cavaleiro. Um grupo de cinco médicos acudiu imediatamente ao cavaleiro suíço, mas este viria a falecer no trajeto de ambulância para o hospital local.

O cavalo, de nome «Beaujours de Mars», contando 15 anos, pertenceu à selecção helvética, que conquistou a medalha de prata nas competições militares da especialidade, realizadas o ano passado na Dinamarca.

Motociclismo: dois no hospital

O venezuelano Carlos Lavado sofreu um grave acidente no decorrer da prova de 250 centímetros cúbicos do «Grande Premio de Motociclismo» de San Marino, (Itália). Lavado, que disputava o comando da prova com o alemão federal Anton Mang, perdeu o controlo da sua moto, sofrendo várias fracturas na perna esquerda. Os médicos mostraram-se apreensivos sobre a evolução do seu estado de saúde e admitiram a possibilidade de lhe amputarem o pé esquerdo.

Por sua vez, o piloto japonês Takazumi Katayama sofreu fractura do pé direito na prova de 500 centímetros cúbicos e múltiplas contusões em todo o corpo, após um aparatoso des-

Saronni: título mundial de ciclismo

O italiano Giuseppe Saronni tornou-se campeão mundial de estrada, em ciclismo, ao vencer o circuito de Goodwood (em Inglaterra), na distância de 275 quilómetros. A vitória de Saronni foi obtida após um «sprint» iniciado a cerca de 150 metros da meta, altura em que ultrapassou o americano Boyle, que conseguira isolar-se do pelotão a um quilómetro da meta. O francês Bernard Hinault, um dos principais favoritos para a vitória nesta prova, desistiu quando estavam percorridas 11 das 18 voltas do circuito, com problemas no carreto de velocidades da sua bicicleta. Antes de Hinault (campeão do mundo em 1980) desistira já, na 7.ª volta, outro dos favoritos, o campeão mundial do ano passado, o belga Freddy Maertens.

Chegada: 1 — Giuseppe Saronni, Itália, 6h 42m 22s; 2 — Greg Lemond, EUA, a 5 segundos; 3 — Sean Kelly, Irlanda, a 7 segundos; 4 — Joop Zoetemelk, Holanda, mesmo tempo; 5 — Ma-

rino Lejarreta, Espanha, mt; 6 — Michel Pollentier, Bélgica, mt; 7 — Juan Fernandez, Espanha, mt; 8 — Klaus-Peter Thaler, RFA, mt; 9 — Pierino Gavazzi, Itália, mt; 10 — Jonathan Boyer, EUA, mt.

Bernd Drogan (da RDA) conquistou a medalha de ouro do campeonato mundial de ciclismo amador na distância de 183,4 quilómetros. O belga Francis Vermaelen foi medalha de prata e o suíço Jurg Bruggmannof arrebatou a de bronze.

A britânica Mandy Jones conquistou a medalha de ouro do campeonato feminino, ao percorrer a distância de 61,2 quilómetros no tempo de uma hora e 30,01 minutos. A italiana Maria Canins foi medalha de prata (com mais dez segundos que a vencedora) seguida da belga Gerda Sierens, com o mesmo tempo. A alemã-federal Sandra Schumacher e a norte-ameri-

cana Connie Carpenter ocuparam os lugares imediatos da competição com mais 26 e 42 segundos, respectivamente.

Marco Chagas: intocável

Classificação na etapa de ontem da «Volta da Independência» (Brasil): 1.º, Luiz Moyano, Argentina, 2 h 47 m 56 s; 2.º, Maurizio Casadei, San Marino, 2.48.01; 3.º, Fernando Vera, Chile, 2.48.06; 4.º, Laercio Ipojuca, Caloi-«A», 2.48.11; 5.º, Roberto Tomassini, San Marino; 6.º, Loic le Flohic, França, mesmo tempo.

Classificação geral: 1.º, Marco Chagas, Port., 34 h 34 m 57 s; 2.º, Manuel Zeferino, Port., 34.47.22; 3.º, José Carlos de Lima, Caloi-«A», 34.48.30; 4.º, Renan Ferraro, Caloi «A», 34.52.51. José Amaro é 14.º, com 35 h 01 m 42 s; Eduardo Correia desistiu.

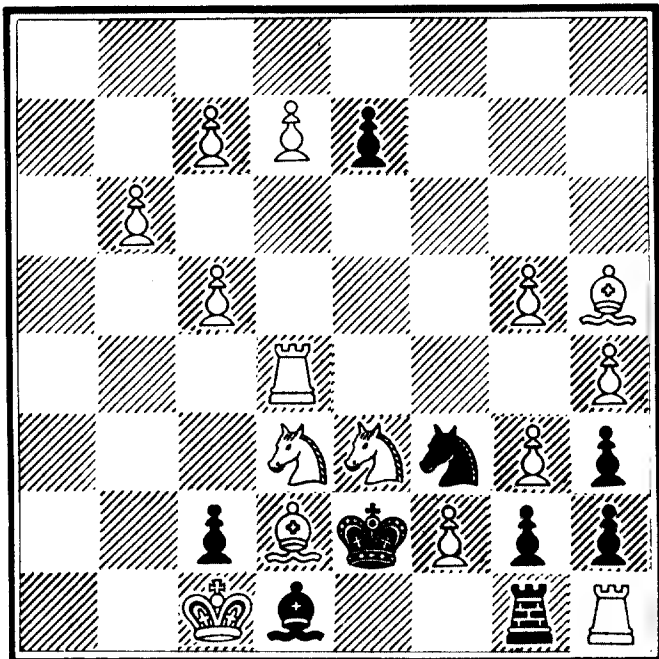
Por equipas: 1.º FC Porto 104 h 16 m 45 s; 2.º, Caloi-«A», 104.44.51; 3.º, Chile, 104.47.12.

Pedalada madeirense

Venceslau Fernandes (da Rodovil/Isuzu) arrebatou a camisola amarela da Volta à Madeira em Bicicleta a Alexandre Rudas, ao vencer a 1.ª etapa da prova com o tempo de 1h, 55m, e 46s. O vencedor, que fez mais 1s do que Alexandre Ruas no prólogo de sábado, tem agora uma vantagem de 2m e 8s sobre António Fernandes, que foi 2.º na tirada de ontem, dentro do Funchal. A etapa de hoje disputar-se-á entre Santa Cruz e Ponta Delgada, numa extensão de 64 quilómetros. A classificação dos cinco primeiros é a seguinte: 1.º, Venceslau Fernandes, 2h 2m, 33s.; 2.º, António Fernandes, a 2m, 8 s.; 3.º, Alexandre Ruas, a 2m, 13s.; 4.º, Manuel Gomes, a 2m, 20s.; 5.º, José Santos, a 2m, 29s.

Problemas de Xadrez

Nos problemas gémeos as posições diferem em relação ao espaço do tabuleiro, ou por terem mais ou menos uma peça, peça deslocada para outra posição, etc. Diferenças mínimas, mas as soluções devem ser diferentes. Os «gatos de Kilkeny» são gémeos, problemas figurativos do grande Loyd. Damos hoje o 1 que tem um ensaio muito curioso. 1. c8=C T xh1 2. Cxe7 g1=C 3. Cd5? pate, por a T esta imobilizada.



S. Loyd
«Os Gatos de Kilkeny»
«Texas Sitings» c. 1888
(4 lances)

SOLUÇÃO
1. C1+R1x2 2. Cxh3-Rxg3 3. Cf5-Rxh3 4. Bg4++ Ou 2...
Re2 3. c8=C D e 4. Da6 --. Notar que há uma coluna livre para a esquerda da posição.

Alack Sinner



Banda Desenhada
de Muñoz e Sampayo

42



© COPYRIGHT Muñoz e Sampayo/Guilpoa/ADS

continua

RN

EXPRESSO «BEIRA ALTA» / «ALGARVE»

Em vigor desde 1 de Abril de 1982

HORÁRIO

07.00 P	WISEU	C 20.10
07.20	Tondela	19.50
07.40	Santa Comba Dão	19.30
07.55	Mortágua	19.15
08.20	Luso	18.50
08.50 C	Coimbra	P 18.20
09.15 P	Pombal	C 17.50
09.55	Leiria	17.10
10.20	Fátima	P 16.45
10.50	Santarém	C 16.40
12.00 C	Coruche	16.10
12.05 P	Montemor-o-Novo	P 15.00
12.45	Torrão	C 14.55
13.30 C	Ferreira do Alentejo	14.15
14.30 P	Aljustrel	P 13.30
15.20	Castro Verde	C 12.30
15.50 C	Ourique	11.40
15.55 P	Ferreiras	P 11.10
16.20	Vilamoura	C 11.05
16.45	Quarteira	10.40
17.00	FARO*	10.15
18.10 C		10.00
18.15 P		P 08.50
		C 08.45
		08.32
		08.25
19.00 C		P 08.00

* ou Albufeira, Vilamoura, Quarteira, Olhão, Tavira, Vila Real Santo António, Monte Gordo, Lagos e Portimão.

Excepto aos Sábados, Domingos e Feriados.

RN

INFORMAÇÕES E VENDA DE BILHETES:
LISBOA - Gare RN - Av. Casal Ribeiro Telf. 577715
PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONSULTE AS AGÊNCIAS E FILIAIS RN

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

APARELHAGEM DE ENDOSCOPIA P/MEDICINA II-C E EQUIPAMENTO CLÍNICO P/TORRINO Conc. Público n.º 10/82-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 as 12 30 horas e das 14 as 17 30 horas na secretaria do Serviço de Aquisições (IE)

A abertura das propostas terá lugar no dia 23 de Setembro as 16 horas, no referido serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 25 de Agosto de 1982

PELO DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

J. d'Almeida Ribeiro



BIG-BEN
BOUTIQUES

50% DESCONTO
Na Boutique da Av. Ressano Garcia, 34-D
POR MOTIVO DE OBRAS

Av. Ressano Garcia, 34-D - Telef. 535720
Rua do Carmo, n.º 51-5.º C.
Centro Comercial Alvalade
Loja-6 - Telef. 804927
Centro Comercial Pão de Açúcar
Loja-1 - Av. 5 de Outubro
Centro Comercial Pão de Açúcar
Loja 8 em Cascais - Telef. 2841519



Victor Garcia o excesso

No passado dia 29 de Agosto morria num hospital de Paris o encenador Victor Garcia. Tinha 47 anos de idade.

Nascido na Argentina, em Dezembro de 1934, numa quinta a dois mil quilómetros ao norte da capital, Victor Garcia passou a infância no meio de mulheres, nove tias e cinco irmãs. Mais tarde foi viver com uma delas, arquitecta, em Buenos Aires, onde cursa a Faculdade de Medicina. Projecta vir a ser psiquiatra, mas as artes atraem-no, desde a arquitectura e a escultura à dança e ao mimo.

Em 1966, cria um grupo de teatro independente e monta **O Malefício da Falena**, de Garcia Lorca com grande êxito. Depois vai ao Brasil, viaja, sonha com a Europa e embarca para Espanha, terra de origem da sua família. Mas é em Paris que está a sua família espiritual: Baudelaire e sobretudo Genet.

Em Paris, leva uma vida material miserável e pitoresca mas acaba por entrar na Universidade do Teatro das Nações e vir a conhecer Jean-Marie Serreau e André-Louis Perinetti. Encena o **Retábulo de Don Cristóbal**, que lhe vale um prémio. Depois, Serreau, que organizou um festival de Verão no pavilhão de Marsan, encomenda-lhe um espectáculo e vem **A Rosa de Papel**, de Valle Inclán.

No meio teatral, toda a gente fica a conhecer aquele nomezinho exaltado e a sua magnificência barroca de uma violência sacrilega. Victor Garcia em 1956, apresenta ao Concurso das Jovens Companhias **O Rei Ubu** com actores negros em esplêndidos figurinos de miséria. O espectáculo está inacabado e o júri não perdoa, mas nem por isso Garcia deixa de ser convidado para vários festivais, nomeadamente o das Noites de Borgonha, onde no ano seguinte irá criar **O Cemitério dos Automóveis**, de Arrabal.

A fama

Encontro fulgurante cujo resultado é um cerimonial decrépito numa amalgama de bidões ferrugentos e de carcaças amolgadas. Remontado em 1967 no Théâtre des Arts (que logo a seguir desapareceu) o espectáculo garante a Garcia um público, prestígio internacional e o primeiro prémio no Festival Internacional de Belgrado (BI-TEF).

Depois Victor Garcia parte para Portugal, onde com os estudantes de Coimbra põe em cena os **Autos Sacramen-**

tais de Calderon, espécie de ópera bárbara sobre um grande estrado nu. Duas representações desse espectáculo soberbo serão dadas na Bienal de Paris, então com uma secção teatral dirigida por Jean-Albert Cartier. Peter Brook acaba de fundar o Centro Internacional de Investigação Teatral e convida Victor Garcia. Entretanto, acontece Maio de 68: Brook parte para Londres e Garcia para o Brasil, depois de ter montado na Cidade Internacional, por encomenda de André-Louis Perinetti, um poema de Claudel **A Parábola do Festim**.

Em São Paulo, uma amiga, Ruth Escobar, torna-se sua produtora e facultar-lhe os meios de construir uma espécie de ascensor no qual faz representar **Le Balcon** de Genet. Volta a Espanha, encontra Nuria Espert e leva-a a Paris, à Cidade Internacional, para representar **As Criadas**, inolvidável recordação de três mulheres em combinação e meias negras, equilibradas sobre altos coturnos.

Em 1977, dá escândalo no Old Vic com **O Arquitecto e o Imperador da Assíria** de Arrabal: dois homens quase nus em desequilíbrio sobre uma plataforma estreita... Victor Garcia remonta **As Criadas** em francês no Espaço Cardin e volta a trabalhar com Nuria Espert, para quem encena **Yerma** e **As Divinas Palavras**.

Mas trabalhar é-lhe cada vez mais difícil. Dizer que se sente mal na sua pele ou que não se entende com o mundo, é dizer pouco ou nada. É como se se devorasse a si próprio, contemplando com arrepios de horror fascinado a sua imagem de artista maldito. Sente-se demasiado único, demasiado isolado em si mesmo, dilacerado entre a sua lucidez sensível e a dor inconsolável de uma puerilidade de poeta. Remonta os **Autos Sacramentais**, **O Cemitério dos Automóveis**, em Espanha, começa **As Quatro Gêmeas**, de Copi, em Portugal, trata-se, tenta escapar aos seus excessos, em particular os alcoólicos, e tem um grande encontro consigo próprio quando apresenta **Gilgamesh** em Chaillot, em 1979.

Etémera remissão. **Bodas de Sangue**, em Israel, de novo os **Autos Sacramentais**, em Chaillot (1981), como se fechasse a porta na cara de todos os que queriam salvá-lo, a modos que zombando deles e de si mesmo. A sua decisão estava tomada: sofrer até se lhe acabar a sede.

Colette Godard (Le Monde)

14— Um Molière renovado

Foi a primeira vez que a companhia norte-americana «American Repertory Theatre», de Boston, se deslocou à Europa. Trata-se de um dos raros agrupamentos de teatro dos Estados Unidos que mantêm um elenco estável e se apresentam como teatro de repertório. Tendo iniciado as suas actividades em 1966, sob o nome de «Yale Repertory Theatre», o seu fundador e principal animador foi Robert Brunstein, conhecido ensaísta, crítico e historiador de teatro de quem alguns livros importantes foram editados no Brasil.

A companhia apresenta-se normalmente no teatro da Universidade de Harvard, «Loeb Drama Center», e é constituída por professores de teatro e respectivos alunos que, mais tarde, virão a ser professores. O seu repertório está virado para o clássico, antigo e moderno, interpretado de acordo com os meios e gostos de hoje, ou seja, adaptados para o público americano do nosso tempo. O grupo não dispõe de encenadores permanentes, pelo que convida grandes encenadores, nacionais ou estrangeiros, para dirigir os espectáculos de acordo com os propósitos enunciados, convida ainda companhias externas a apresentar as suas criações. Além de autores clássicos, o grupo produz espectáculos com textos inéditos, e obras pouco conhecidas dos americanos, antigas ou recentes. Os textos são normalmente escolhidos em função da sua acessibilidade. Entre os encenadores ultimamente contratados contam-se o polaco Andrzej Wajda, o romeno Andrei Serban e o norte-americano Lee Breuer. Valerá a pena lembrar que do repertório da companhia fazem parte «Os Possessos», que vimos em Avinhão, na versão de Denis Llorca, e «Casamento Branco», peça polaca que Fernanda Lapa encenou para a Companhia Nacional - Teatro.

É interessante sublinhar o facto da coexistência de professores e alunos (que ali facilmente admitiríamos), sendo que dois terços dos actores foram formados na própria companhia. Muitos alunos seguem depois outras carreiras no teatro ou no cinema, tendo passado pelo ART alguns nomes célebres do espectáculo norte-americano, entre eles o de Meteyl Streep («A Amante do Tenente Francês»), nome que garantiria, se necessário fosse, a qualidade do trabalho desenvolvido.

O ART luta com dificuldades financeiras, agravadas pelo facto de Reagan ter cortado 50% dos subsídios para as actividades culturais. Normalmente os subsídios são pequenos, sendo necessário todos os anos procurar dinheiro que pode chegar através do apoio de grandes firmas, como aconteceu com a vinda à Europa só possível graças a um subsídio de 250 000 dólares do «American Express». Um elemento do grupo chamou a atenção para o facto de na Europa normalmente se conhecer apenas o teatro que se faz em Nova Iorque, ignorando-se o trabalho feito por companhias da província, ligadas às Universidades e outras. A vinda do ART foi também para mostrar o seu trabalho e para estabelecer contactos com o teatro europeu. Países visitados: Holanda, Irlanda, Jugoslávia, Israel. Uma das bases financeiras do grupo é constituída pelas assinaturas dos espectáculos, a próxima temporada conta já com 55% do orçamento pago por assinantes.

Um ponto focado foi o que diz respeito ao facto de todos os elementos do ART pertencerem ao Sindicato de Actores que, na opinião deles, protege mais os artistas do que o Sindicato francês congénere. Os espectáculos levados a Avinhão pelo ART foram encenados por Lee Dreuer

(«Lulu») e por Andréi Serban, de quem vimos em Paris duas encenações de trágicos gregos fabulosos. Comentei já «Lulu», e vou referir-me nesta crónica a «Sganarelle». É de notar o facto destes dois espectáculos obedecerem a linhas extremamente diversificadas, para não dizer opostas. Uma de vanguarda, «Lulu», utilizando agressivamente uma linguagem codificada de «mass-media», a outra, embora de indiscutível modernidade, procurando reinventar a farsa molieresca numa linguagem tremendamente simples e linear, na qual o actor tem uma função essencial. O espectáculo teve um grande sucesso nos Estados Unidos, tendo dado cerca de 300 representações. O grupo procurou fazer uma investigação textual e cénica da obra de Mo-

talvez aquele que mais se aproximou da perfeição.

Há uma cena realmente indescritível e agarra-a como momento sublime de um espectáculo maravilhoso. É uma cena célebre do «Médico Voador» em que «Sganarelle» é obrigado a fingir que é ele mesmo, um médico e um irmão gêmeo deste. O intérprete (Thomas Derrah, jamais o esquecerei), absolutamente genial, consegue fazer acreditar não só Gorgibus, a personagem que tem que enganar, como o próprio público, desdobrando-se nas três personagens, conseguindo estar em vários sítios ao mesmo tempo, como se tivesse o dom da ubiquidade. Para isso utiliza recursos de mimica, de gestualidade, de voz, perfeitamente extraordinários. Há um momento em que

Commedia dell'arte com pouca arte

Uma das realizações do Festival a que ainda não me referi tem a ver, precisamente, com a «commedia dell'arte». O Festival convidou Carlos Boso, ex-assistente de Strehler, no «Pícolo», para dirigir, durante um mês um atelier sobre a «commedia dell'arte», no que foi coadjuvado por vários especialistas, de máscaras, guarda-roupa, pantomima, acrobacia, duelos e cenografia. O «Atelier» compreendia a criação de fatos e máscaras, cursos de mimica e de interpretação. Participaram vinte e cinco actores franceses e estrangeiros. O público tinha acesso às próprias aulas e no desfecho do festival foi apresentado, em espectáculos de rua, o



Uma cena de «Sganarelle» pelo «The American Repertory Theatre»

lière no sentido da redescoberta dos seus valores fársicos. Aproveitou para isso quatro peças curtas do grande dramaturgo, todas centradas na personagem de «Sganarelle», que quatro actores diferentes interpretavam.

«Sganarelle»: a perfeição

Cenário extremamente simples de maneira a poder ser apresentado em qualquer espaço (aqui nos jardins da Faculdade de Ciências). A fachada de uma casa (que parece de brincar) com aberturas que funcionam como portas e janelas; além disso, a parede tem pequenas saliências que funcionam como escadas. De cada lado, um biombo, atrás do qual os actores mudam de fato. Cada peça é precedida por uma breve e hilariante cena de apresentação, cantada (música francesa e inglesa do século XIV) e com letreiros. Os fatos são uma mescla de clássico e moderno, sem preocupações de fidelidade e tendo em conta apenas o jogo proposto, e na parte moderna com coisas tipicamente americanas (caso, por exemplo, de uma personagem feminina com calças, camisa e suspensórios).

Mais próximo da «commedia dell'arte» do que do Molière tradicional, o espectáculo é um divertimento soberbo, um prodígio de graça de ritmo, de invenção cénica, de qualidade interpretativa.

Embora europeu, Serban deixou-se imbuir pelo cinema americano dos anos 20 e 30 e o resultado foi um espanto: Um Molière entre a «commedia dell'arte», como escrevi, e os irmãos Marx, qualquer coisa sem paralelo a não ser com o «Arlequim» de Strehler. Estiveram no Festival espectáculos mais importantes, com mais interesse, mais polémicos, mas este «Sganarelle», na área do teatro, foi

vemos a uma janela os dois gémeos abraçados, graças à maneira como o actor utiliza os braços, a cabeça, a voz! Prodígio. Entre a terceira e a quarta peça, o grupo consegue criar um espectáculo extra através do simples acto de mudar os fatos, gozando com as formas deformantes que utilizam (por exemplo, os enormes seios de uma das actrizes). A quarta peça é dada como em cinema mudo. Há um aparelho que funciona como uma máquina de desenrolar papel higiénico movimentada por um auxiliar, e no papel estão inscritas em francês, legendas relacionadas com as cenas mimadas no palco. Um outro achado.

Espectáculo que se situa entre o cinema burlesco a «commedia dell'arte» e o circo, este «Sganarelle» foi uma lição para os franceses para quem Molière está ainda na idade da pedra lascada, isto é, da «Comédie». A não, mas numa perspectiva completamente diferente, através de concepções que procuram outros valores que aqui os americanos totalmente desprezaram. Basta lembrar, nessa linha, os trabalhos de Planchou e Vitez.

Na linha de um Molière burlesco, de puro divertimento, este Molière norte-americano é um espectáculo inesquecível.

resultado final com a interpretação de actores de várias nacionalidades.

Um dos aspectos curiosos do F.d'A. consistia no aproveitamento de espaços desafectados, nomeadamente igrejas, não só para apresentar espectáculos como para outros trabalhos. Numa delas, fomos encontrar vários artistas a costurar o guarda-roupa o que constituía um espectáculo surpreendente com o altar-mor, todo em dourados, pejado pelos fatos que iam sendo feitos.

O espectáculo não foi tão interessante como isso. Na verdade foi menos «commedia dell'arte» do que o «Sganarelle» de que falei acima. Salvo um ou dois intérpretes, em especial e o de Arlequim, os restantes não conseguiram dar às figuras tradicionais do género a verba, a energia a graça que as define, e o espectáculo não tinha nem o humor nem a força gestual que o justificariam. Concorreu para isso a extensão do texto, por vezes literariamente belo, por vezes pretensioso, o que parece estar em contradição com um dos principais pressupostos da «commedia dell'arte».

Carlos Porto

Vitor Mendes: quatro orelhas

Vitor Mendes cortou quatro orelhas no último fim-de-semana em Espanha.

O «diestro» português triunfou nas corridas de Mérida e de Saragoça, sendo ainda o melhor matador que esta época passou pela Feira de Mérida, que decorreu naquela cidade da Extremadura espanhola entre quinta-feira e ontem. Na praça de Raul Lopez («Recuerdo») passaram,

entre outros, este ano, Dámaso Gonzalez, José Mari Manzanarres, Emilio Muñoz, Tomás Cam-puzano (que no dia 15 estará com Vitor Mendes na Moita) e Pedro Castillo.

Vitor Mendes cortou três orelhas, no sábado, em Mérida, e uma em Saragoça, levando este ano 24 corridas no país vizinho, nas quais cortou 26 orelhas e um rabo.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Pobres ventos sopraram de Trujillo...

O dr. Fernando de Pádua apareceu, no sábado, mais dinâmico, mais natural, como hei-de dizer: mais TV. Sem o habitual lacinho, sem a habitual composição a condizer, enfim, sem esse formalismo que pode, de qualquer modo, criar uma distância, uma «confrontação», com os telespectadores.

Ele só, esgaioado e brilhante no manejo do apagador e do giz, ele só diante do quadro negro da nossa infância: cenário paupérrimo, artesanal, é certo, mas não agressivo, mais perto de nós, da nossa verdade, da nossa realidade terceiro-mundista. Ele só, cavaleiro indómito contra a gordura, o sal, o açúcar, o tabaco, o álcool, a tensão alta. Cruzada pela qual distinções várias já merece. A mais preciosa: a gratidão e a simpatia dos telespectadores.

E no entanto, como dói ver este homem na corrida contrarelogio, como se fugisse depois de ter assaltado o quintal do vizinho. Não pode ser. Esta acção é muito importante e não pode estar condicionada por tão estreitos limites. «Aprender saúde» tem de contar com muitas e muitas semanas à sua frente. Não se defende a saúde contando os minutos à Harpagão, pesando-os em balança de farmácia.

Ontem, domingo, recordemos

a telemissa e a notável homilia. Muitas das palavras ali escutadas me recordo eu de ter ouvido ao padre Abel Varzim que, em certos meios, mais parece sepultado no silêncio do que na terra...

Com o apelo à acção social da Igreja, como seu destino e sua vocação natural. Todos os cristãos estarão de acordo. Mas devemos reconhecer que a Igreja em Portugal existe não como um corpo, como uma comunidade, mas como um conjunto de fórmulas, de ritos, de práticas que não interferem com a consciência social dos seus assistentes e comungantes.

Aliás quer-me parecer que a função social da Igreja tenderá cada vez menos para uma acção supletiva do Estado nos domínios da assistência. Estamos cada vez mais longe da Idade Média e aquilo que se obtinha apenas por caridade, exige-se agora como um direito, como uma retribuição natural. A medida que a Igreja for libertando de responsabilidades materiais, ficará mais livre para um acompanhamento no plano espiritual e humano. A fome, a miséria, o medo, o desemprego, a ignorância, desaparecerão. Mas os medos, as solidões, as tensões, as razões pessoais? Aí terá a Igreja muito campo por lavar.

Em tempo de crise aguda na luta de classes, que posição deve ser a da Igreja? Palavras do sacerdote, ontem: **Cristo nunca adulou os poderosos do dinheiro, os poderosos do poder humano. Mas nós, sim. E essa é que é a grande diferença...**

A Igreja não pode, pois, à semelhança de Cristo, apoiar os exploradores. Esta verdade essencial vai cada vez mais ganhando a consciência dos católicos.

E o domingo lá foi andando, ou melhor, lá se foi arrastando. Eu cá danado comigo mesmo, fechado entre quatro paredes enquanto lá fora há sol, há praia, ar livre, sem esta poluição electrónica. Fechado - para nada.

«Berros e bocas» valeu pela presença, falada e cantada, de Rui Veloso. Sem tudo o mais passaríamos bem.

O meus senhores, pela vossa rica saúde, deixem-se lá dessas entrevistas históricas que descem ao nível dos cueiros, género daquela a que submeteram João David Nunes e mais a sua vocação para chefe. Por favor, não sejam ridículos. Já sabemos que a Mocidade Portuguesa foi formidável nessa coisa dos radiolismos, havia oportunidades, etc., etc., mas nada de perguntas de turmas, de liceus, de curri-

culo. Porque é desnecessário, só por isso. Quem quiser saber, não tem mais que consultar a Enciclopédia Britânica ou a Collecção das Figuras Imortais. Entendido?

Para o fim do serão chegou a primeira cooperação Luso-Hispânica: emissão de variedades transmitida de Trujillo onde (que feliz coincidência!) e segundo Nuno Martins - colega de João David Nunes desde o Velho Testamento - também havia «Luna llena»...

Com excepção de Júlio Pereira, foi uma parada de nacional-iberismo. Nesse aspecto, e ajuizar pelo que vimos ontem, Portugal e Espanha andam ela por ela. Se alguém merece destaque, pela sua coragem, é o fadista Rodrigo. Este, apesar de se encontrar entre espanhóis, não deixou de se referir aos camareiros.

Foi tudo para entreter, explicou o Nuno Martins, muito solene, muito grave, muito enxundoso, muito Lucas Pires. Lisboa ficou contente, Trujillo também. Supõe-se que terá sido este o primeiro passo para a geminação das duas povoações.

Mau o som, péssima a imagem. A locutora diz que a RTP não teve culpa, como quem diz! a culpa foi da TVE. Queixinhas...



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje



Na RTP-1 realiza-se a 6.ª sessão do concurso «Retrato de Família»

- 16.00 Eurovisão - Campeonato da Europa de Atletismo. Transmissão directa de Atenas.
20.00 Tempo dos Mais Novos - «Pinóquio».
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal - notícias do País e do estrangeiro.
21.05 Telenovela - «Vila Faia».
21.35 Concurso «Retrato de Família» - 6.ª sessão.
23.45 Último Jornal - último serviço noticioso.



Na RTP-2, para os mais novos, mais um episódio de «Sítio do Picapau Amarelo»

- 19.32 Agricultura, Projecto de Sobrevivência
20.00 «Sítio do Picapau Amarelo» - «Quem Quiser que Conte Outra».
20.30 Informação/2 - noticiário nacional e estrangeiro.
21.00 «Country Matters» - crónicas da vida do campo (1.º episódio).
21.55 No Grande Mundo do Desporto

Amanhã



13.00: Primeiro Jornal; 13.30: «Cidade de Pedra» - episódio n.º 145; 14.00: Espaço Arquivo; 14.45: Eurovisão - Campeonato da Europa de Atletismo; 19.30: Desenhos Animados; 19.55: O Homem e a Terra; 20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal; 21.00: Vamos Jogar no Tórcola; 21.10: «Vila Faia»; 21.40: «O Mordomo Ideal»; 22.10: Série Sobre Economia; 23.00: Último Jornal

19.30: Misecaqui - com «GNR» Grupo Novo Rock; 20.00: «Sítio do Picapau Amarelo»; 20.30: Informação/2; 21.00: Cineclube - com o filme «Madigan»

PAPÉIS DE PAREDE

A MELHOR MANEIRA DE DECORAR O SEU AMBIENTE, NUMA COMBINAÇÃO DE COR E DESIGN VARIADOS. COM PREÇOS ACESSÍVEIS A QUALQUER BOLSA

BARROS & BARROS, LDA.

R. JOSÉ DURO, 22-B (Alvalade) 1700 LISBOA - T. 892057



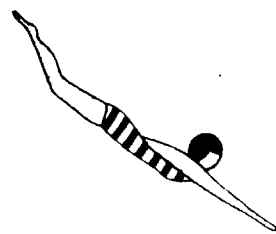
Horácio Batista Russo

FALECEU

A Administração da Soc. Comercial e Industrial de Automóveis Francisco Batista Russo & Irmão, SARL, participa o falecimento, ontem, dia 5, do fundador da empresa, senhor Horácio Batista Russo, e que o seu funeral teve lugar hoje, pelas 15.00, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica.



NÃO tome banho sem ter feito a digestão



NÃO dê saltos em locais que desconhece

Ciclo Preparatório

(EXAMES 2.º ANO - PARA ADULTOS)

Preparamos por correspondência e propomos a exame homens e senhoras com a idade mínima de 14 anos. Lisboa e Província; exames ainda no corrente mês e no próximo ano lectivo de 1982/83.

Dirija-se pelo Correio ou pessoalmente, ao professor Simões Neves, expondo o seu problema, Rua Poço dos Negros, 23-4.º - LISBOA Telf. 60 41 10

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-G - 1300 LISBOA

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Retrato de Família» (21.35)



«Country Matters» (21.00)



21.35
Concurso «Retrato de Família» - 6.ª sessão

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Exposições

Luciano e Erga são artistas emigrados nos EUA, o primeiro, siciliano, e a segunda, palestina, expõem pintura em Óbidos, no Solar da Praça de Santa Maria, até ao próximo dia 15. Luciano teve exposições individuais em Nova Iorque, Itália, e desde 1980 em Portugal. Muitos dos seus quadros estão espalhados por coleções particulares na Europa, América e Japão. Erga estudou com George Grosz e com o pintor e escultor americano Harvey Dash.

Melício e A. Cardenas vão expor escultura no atrió do Palácio Foz. A mostra é inaugurada amanhã às 17 horas.

António Lino e Israel Macedo expõem pintura no Palácio dos Coruchêus (Alvalade), em Lisboa. A mostra é inaugurada hoje, às 17 horas, e ficará patente ao público até 17 de Setembro, de 2.ª a 6.ª-feira, das 15 às 17 horas e 30. António Lino nasceu em Guimarães e possui o curso superior de pintura pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto, tendo estudado em França e Itália e percorrido a

Europa e parte da Ásia, África e América do Sul. Professor de tecnologias de vitral e mosaico na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tem-se dedicado à pintura mural (fresco, vitral, mosaico, azulejo e tapeçaria) e realizado grandes composições murais em Portugal, Síria e Israel. Israel Macedo é natural de Braga e possui o curso de arquitectura e pintura pela Escola do Porto. Expôs individualmente em 1953 e 1956 em Luanda, 1967 no Lobito e participou ainda em várias exposições colectivas desde 1940 tendo obtido 18 prémios e 6 menções. Participou no Salão de Outono da Galeria de Arte do Casino Estoril e no I Salão de Arte Moderna de Faro em Dezembro de 1981.

Trabalhos de 24 pintores portugueses e 15 espanhóis estão patentes ao público até dia 20 no II Salão Ibérico de Pintura Naïf, recentemente inaugurado na Galeria de Arte do Casino Estoril. A exposição, que está integrada no âmbito do intercâmbio cultural existente entre Portugal e Espanha, partiu de uma iniciativa do Casino e contou com a colaboração da Galeria espa-



Dois emigrados nos EUA expõem em Óbidos: Luciano (siciliano) e Erga (palestina)

nhola Ramon Duran e da Embaixada de Espanha em Portugal. Da parte espanhola estão representadas na exposição obras de, entre outros, Pepa Clavo, Rosário, Graça Riusuño e Marta Vierna. Dos pintores «naïves» portugueses, enviaram quadros Hipólito Clemente, Augusto Pinheiro, Rosa Passos, Eduardo Alarcão, Albino José

Moreira e Silvana, entre outros. Integrada no grupo de pintores portugueses participantes, está a mulher do cônsul da Argentina em Portugal, Susana Llorente, com quatro pinturas de temática portuguesa.

Solidariedade com a ANOP

Realiza-se na próxima

sexta-feira, às 21 horas, no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, um espectáculo sob o lema «Solidariedade com a ANOP pela liberdade de informação», no qual alguns nomes destacados do nosso meio artístico vão manifestar o seu apoio à luta dos trabalhadores daquela agência de notícias.

Organizam o espectáculo as cooperativas Cantarabril e Eranova e os Sindicatos dos Jornalistas, Telecomunicações, Gráficos, dos Trabalhadores na Imprensa e Trabalhadores de Espectáculos.

Artistas com a presença já confirmada: José Afonso, Simone de Oliveira, Paco Bandeira, Carlos Paredes, José Mário Branco, Luís Cília, Samuel, Carlos Moniz e Maria do Amparo, Nuno Gomes dos Santos, Helena Isabel, José Jorge Letria e José Manuel Osório.

O espectáculo será dirigido por Pedro Osório e a sua apresentação estará a cargo de Carlos Cruz e do actor Santos Manuel. Bilhetes à venda nos sindicatos organizadores, na ANOP, no Coliseu dos Recreios e nas agências.

Cinema

Boas fitas para ver em Lisboa: «A Tragédia de um Homem Ridículo», de Bernardo Bertolucci, no Quarteto; «Missing» (O Desaparecido), no Alfa e no Apolo 70; «Uma Mulher é uma Mulher», de Godard, no Estúdio; «Em Busca da Verdade», de Bergman, no Satélite.

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

AVISO

RENOVAÇÃO DA VIA ENTRE ENTRONCAMENTO E ABRANTES

A fim de melhorar as condições de circulação na Linha do Leste a C.P. vai proceder a trabalhos de renovação de via no troço Entroncamento-Abrantes, a partir de 1/9/82.

Por esse motivo a via estará interrompida durante parte do dia, sendo nesse período as circulações suspensas substituídas por um serviço rodoviário.

A C.P. agradece a compreensão dos seus utentes para os eventuais incómodos daí resultantes.

Para informação mais detalhada aconselham-se os senhores passageiros a dirigirem-se às estações e Secções de Informação.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DAS NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	60\$80	65\$80
ALEMANHA FED. (marco)	34\$40	35\$50
AUSTRIA (xelim)	4\$80	5\$00
BELGICA (franco)	1\$624	1\$824
BRASIL (cruzeiro)	\$148	\$398
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	68\$25	70\$25
(notas de 5 a 1000)	68\$75	70\$75
DINAMARCA (coroa)	9\$80	10\$20
ESPAÑA: A (peseta)	\$725	\$825
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	84\$50	86\$50
(notas de 5 a 1000)	85\$00	87\$00
FINLÂNDIA (marka)	17\$90	18\$50
FRANÇA (franco)	12\$20	12\$90
HOLANDA (florim)	31\$40	32\$40
INGLATERRA (libra)	147\$50	151\$50
IRLÂNDIA (libra)	11\$800	123\$00
ITALIA (lira)	\$055	\$065
JAPÃO (iene)	\$300	\$335
NORUEGA (coroa)	12\$70	13\$20
SUECIA (coroa)	13\$80	14\$40
SUIÇA (franco)	40\$50	41\$60
VENEZUELA (bolivar)	17\$50	18\$50

Observações:

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR
TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00 Ovo de Colombo; 17.15: Beber sim, mas devagar; 17.30: A década prodigiosa; 18.30: Exportar é estar no Mundo; 19.00: Música; 20.00: Programa da noite; 20.15: «O Retrato de Ricardo»; 21.00: Toda a gente é pessoa; 22.00: Música em diálogo; 23.00: Actualidade - travessia; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Bailado; 17.00: Música portuguesa; 18.10: Música de câmara; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.35: Interpretes portugueses; 20.10: Música sinfónica; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Os caminhos do homem; 22.55: Música de câmara; 23.30: Música de órgão; 00.00: Música sinfónica; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

17.03: Ora hora; 20.03: Tempo de espectáculos; 20.30: Quando o telefone toca; 22.15: Religiosos - hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Rock em stock; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Discoteca; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto; 24.00: Rolls rock. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.20: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.03: Programa da LAR; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Dé no vinte; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Discos LAR; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.05: Confronto; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Todos a uma; 21.00: O que fica do que passa; 21.30: Discos LAR.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

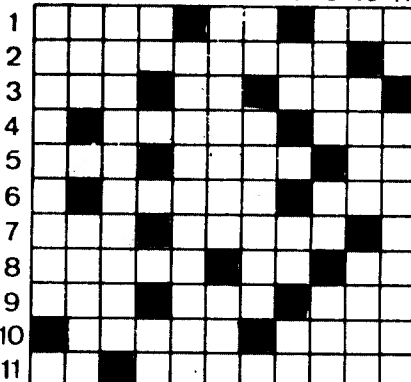
HORIZONTAIS:

1. Debanda. Contracção da preposição de com artigo o. Um cento.
2. Disporão.
3. Macere. Antigo Testamento. Patrão.
4. Aventure. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
5. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Doutoras. Nota musical.
6. Ilusões. Magoa.
7. Rema para trás. Critico invejoso e mordaz (fem.).
8. Divida em ruas. Cobalto (s.q.). Céno (s.q.).
9. Patrão (inv.). Recusa. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
10. Peixe do género siluro. Acrescentando uma vogal é choupana (bras.).
11. Post scriptum. Sobrasse.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio neie inscrito.

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 520

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

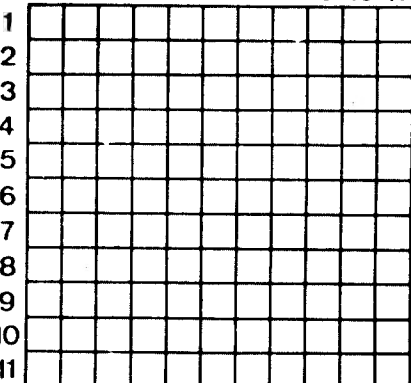


VERTICAIS:

1. Freguesia do concelho da Guarda.
2. Rezo. Manas.
3. Moveras-te (à roda ou para determinado ponto) por efeito da gravitação.
4. Pronome pessoal. Sufixo que designa estado.
5. Difamador.
6. Porção data em. Preposição e artigo (pl.).
7. Letra grega (inv.). Relativo a oásis.
8. Autores. O lado do vento. Centiare.
9. Lago de Itália. Concede. Conjunção.
10. Metal precioso de cor amarela. Tombas.
11. Mulo. Pessoa pérfida.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9380

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



VERTICAIS:

1. Nome de um companheiro de Eneias e de Diomedes. Cauda (do cavalo) (bras.).
2. Género de palmípedes que compreende o pato amiscarado da América do Sul. Prefixo que designa ar.
3. Rol.
4. Pequeno quarto de vestir. Érbio (s.q.).
5. Prefixo de privação. Restaurara.
6. Navios. Estavam.
7. Amónio (s.q.). Nota musical.
8. Gente de baixa categoria.
9. Deusa do casamento e da família, irmã e esposa de Osiris e mãe de Hórus. Ouro (s.q.).
10. Prefixo de negação. Niquel.
11. Transpirávamos. Érbio (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 519

HORIZONTAIS:

1. NUNCA. FALTA.
2. Anas. Aba.
3. VA. Osaca. VS.
4. Ena! Apartou.
5. Lontras. Asa.
6. Arar. Bo.
7. Tosar.
8. Mac. Atrai.
9. Tranque. Dr.
10. Arau. Gari.
11. Musa. Ecarea.

VERTICAIS:

1. Navelim. UM.
2. Urano. Mt.
3. Ni. Anataras.
4. Cão. Trocara.
5. Assaras. Na.
6. Aparar. QUE.
7. Facas. Rau.
8. Abar. Batega.
9. La. Tão. Ar.
10. VOS. LADRE.
11. Assuão. Iris.

Provérbio: Nunca falte um cão que vos ladre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9379

HORIZONTAIS:

1. Xénon. Xarau.
2. Avisadas. Am.
3. Na. Nó. las.
4. Atacara.
5. Vi. Amarar.
6. Élio. Si. Osa.
7. As. Ga.
8. Zio. Atacais.
9. Seródios.
10. Cu. Limos. Ah!
11. Oiros. Cró.

VERTICAIS:

1. Xangué. Zuco.
2. Eva. Lai. Uil!
3. Ni. Avisos.
4. Os. Tio. Elo.
5. Nana. Paris.
6. Docas. Tom.
7. Xá. Amigados.
8. Asira. Ácis.
9. Aaro. Ao.
10. Aas. As. Isar.
11. Um. Orais. Ho.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 24
- Int. men. 13 a
OS AMIGOS DA ONÇA

SALA B

Às 14.45, 17.30, 21 e 23.45
- N. ac. men. 18 a
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

FESTIVAL DISNEY DE VERÃO
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24

- Int. men. 13 a

MISSING**(DESAPARECIDO)**

c/ Jack Lemmon, Sissy Spacek e Melanie Mayron

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
As novas peripécias dos jovens conquistadores e suas garotas do rock dos anos 50!

GELADO DE LIMÃO III

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a

CÉLEBRES E RICAS

Um filme de George Cukor

15.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para todos

Walt Disney Productions apresenta

FESTIVAL DISNEY DE VERÃO

Technicolor

2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O OUTRO LADO DA MEIA-NOITE

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30

- Int. men. 13 a

ESPLendor NA RELVA

5.ª Semana

Às 24

- Int. men. 18 a

A FÚRIA DE UM HERÓI

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a

CALORES DE MULHER

Às 24 - Int. men. 13 a

HOMENS DE AÇO

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

Às 24

DILLINGER

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

O MILAGRE DA FÉ

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a

A RAINHA AFRICANA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a

MANAOS

Às 24

MÚSCULOS DE AÇO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

UMA MULHER É UMA MULHER

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24

- Para todos

OS GUERREIROS DA FÓRMULA 1

IMPÉRIO 555134.5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

FUNNY LADY - UMA MULHER ENDIABRADA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

A CASA DO LAGO

9.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Int. men. 18 a

OS FRUTOS DA PAIXÃO

2.ª Semana

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

BRIGADA ANTICRIME

c/ Burt Reynolds e Vittorio Gassman

Som Dolby Stereo

Projeção do filme 5 minutos após o início das sessões

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a

A SEMEINHA DA INOCÊNCIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 18 anos

O DRAGÃO ATACA

Obra-prima em artes marciais

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

AMOR E BALAS

c/ Charles Bronson, Jill Ireland e Rod Steiger

Colorido

«Os Repetentes em Férias» estão no Roma.
Vá vê-los!



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- Int. men. 13 a

OS NOVOS MONSTROS

de Monicelli-Scola-Risi

Às 00.45 - N. 18 a

MISTERIOS DO DR. FU MANCHU

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- Int. men. 13 a

TRAGÉDIA DE UM HOMEM RIDÍCULO

de Bernardo Bertolucci

Às 00.45 - N. 18 a

A ILHA DO DR. MOREAU

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

- Int. men. 13 a

ATLANTIC CITY, USA

de Louis Malle

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

O CLARIM DA REVOLTA

Às 00.45 - N. 18 a

UMA QUESTÃO DE HONRA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a

Os repetentes estão de volta! Desta vez

e em continuação

Mais um grande êxito de gargalhada e

juventude!

OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a

A TURMA DOS MALANDROS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a

ROCKY III

c/ Sylvester Stallone e Talia Shire

S. JORGE SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45

- N. ac. men. 13 a

A AMANTE DO TENENTE FRANCÉS

c/ Meryl Steer e Jeremy Irons

37.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15

- N. ac. men. 18 a

REDS

c/ Warren Beatty e Diane Keaton

23.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a

EM BUSCA DA VERDADE

3.ª Semana

Às 24

OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24

- N. ac. men. 13 a

ROCKY III

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30

- N. ac. a M. 13 anos

UNS E... OS OUTROS

46.ª Semana

Às 01.00

O ÚLTIMO HERÓI DO APOCALIPSE

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

BRIGADA ANTICRIME

- N. ac. men. 18 a

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

PORKY'S

Int. men. 13 anos

7.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 18 a

Os grandes senhores da aventura - 4

Óscar da Academia

DOIS HOMENS E UM DESTINO

c/ Paul Newman e Robert Redford

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a

INFERNO

Às 23.45

A MONTANHA DO DEUS CANIBAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Porky's», às 21.30 (13 anos)**ALFA 2** - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)**ALFA 3** - «Missing», às 21.30 (13 anos)**MUNDIAL** - «Malícia», às 21.30 (18 anos)**CAPITÓLIO** - «Sexo Oriental», às 21.30 (18 anos)**OLIMPIA** - «Sexo Fora da Lei», sessões permanentes (18 anos)**POLITEAMA** - «O Meu Nome é Ninquém», às 21.30 (13 anos)**CITY CINE** - «O Fantasma do Paraíso», às 21.30 (18 anos)**2000** - «Apocalypse Now», às 21.00 (18 anos)**RETELO** - «Banana Joe», às 21.30 (13 anos)**OLIVIA** - «Casamento de Mary Brown», às 21.30 (18 anos)**PROMOTORA** - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)**ROYAL** - «Perseguição Sem Regresso», às 21.30 (13 anos)**PATRIA** - «Torre de Babel», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - «Casino» - «Teerão 43», às 17 e 21.15 (13 anos)**CASCAIS** - «Impala» - «Um Chui de Blue Jeans», às 21.30 (13 anos)**CASCAIS** - «Oxford» - «Bye, Bye, Brasil», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - «Incrível» - «Um Toque de Classe», às 21.15 (13 anos)**ALMADA** - «Academia» - «Repetentes em Férias», às 21.15 (13 anos)**ALMADA** - «Cine-Estúdio» - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)



DL



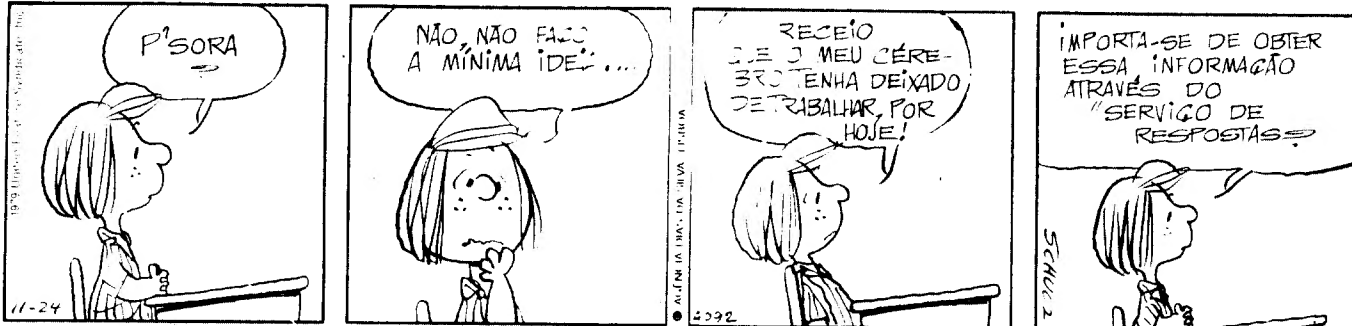
PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico: DIBOA
 Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2º - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5



O TEMPO	
MARES DE HOJE	
PREIA-MAR BAIXA-MAR	
5.40 3,9 m	11.16 0,9 m
17.57 4,3 m	23.37 0,9 m
Dia 7	
6.16 3,9 m	11.54 1,0 m
18.33 4,0 m	24.16 1,0 m
TEMPERATURA DO AR	
AS 9 HORAS	
VIANA DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	14°
VILA REAL	16°
PORTO	17°
P. DOURADAS	17°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	19°
ÉVORA	18°
BEJA	19°
SAGRES	22°
FARO	26°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	22°

últimas

A DEFLAGRAÇÃO DE UM CILINDRO de alta pressão, localizado nas águas-furtadas do prédio n.º 215 da Rua da Alegria, no Porto, provocou o destelhamento quase total do imóvel e pânico na zona. Só por um feliz acaso os moradores do andar (António José Baía da Silva, a sua mulher Maria Deolinda, funcionária bancária, e uma filha do casal) nada sofreram para além do susto e dos prejuízos materiais.

INTITULANDO-SE MULHER-POLÍCIA, uma jovem fez uma «corrida» de táxi desde a Avenida dos Aliados no Porto até Lixa, onde afirmou ao motorista ir encontrar-se com o delegado do Ministério Público. Já frente à esquadra local avisou o taxista de que tinha necessidade de ir ali buscar um saco, só que nunca mais voltou. Nessa altura o taxímetro marcava a apreciável quantia de 2380 escudos.

A EMBAIXADA POLACA EM BERNA está ocupada por um comando que se reclama do «Exército dos Patriotas Polacos Revoltados», soube-se hoje na capital federal helvética, de fonte oficial. Segundo as primeiras informações, parece que a ocupação começou às primeiras horas da manhã de hoje. Reuniu-se um estado maior de crise do Departamento Federal da Justiça e da Política, enquanto as forças da ordem montavam uma operação cuja natureza não é indicada. Segundo o serviço de Imprensa da cidade, os ocupantes, cujo número se ignora, pedem que seja dada uma vasta publicidade à sua acção na Rádio e na Televisão.

Horácio Batista Russo

Faleceu ontem Horácio Batista Russo, fundador da Sociedade Comercial e Industrial Francisco Batista Russo & Irmão. SARL, tendo o seu funeral lugar às 15 horas de hoje, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para o cemitério de Benfica. A família enlutada, o «DL» apresenta sentidas condolências.

BENELUX

Paris — Vale do Reno
 Partida 11 Setembro

Visitando: Bélgica — Holanda
 Alemanha — (Cruzeiro no Reno)
 Luxemburgo e Paris
 Últimos lugares

EXCLUSIVO TOURS
 ORGANIZADORA TURÍSTICA
 CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Almaraz contra funcionamento a 50 por cento

Dois mil espanhóis exigiram paralização da central nuclear

Duas mil pessoas manifestaram-se ontem em Naval Moral de la Mata (Cáceres) contra a actividade da central nuclear de Almaraz, localizada no rio Tejo, a cerca de 200 quilómetros da fronteira portuguesa.

Convocada pelos ecologistas, partidos políticos e associações cívicas da região, a manifestação teve como finalidade apoiar a reivindicação de paralisação total da central, que se encontra presentemente a funcionar a 50 por cento da sua capacidade, em virtude de avarias detectadas no passado mês de Novembro nos tubos geradores de vapor.

Segundo os promotores da manifestação, a central reco-

meçou a trabalhar, após ter sido encerrada por duas vezes, sem que haja garantias absolutas de segurança para a população da área.

Recorde-se que o Conselho de Segurança Nuclear considerou recentemente que «a central nuclear de Almaraz pode funcionar com as limitações de alimentação e potência estabelecidas, sem que isto represente um risco para a população, um risco para a população», no parecer elaborado a pedido da Junta Regional da Estremadura.

Este organismo, que inicialmente fez coincidir a sua posição com a do Conselho de Segurança Nuclear, decidiu debater em próxima reunião a posição a adoptar em relação

à referida central, tendo decidido na passada sexta-feira que esta não deve funcionar enquanto não estejam concretizadas as operações de correcção das anomalias de desenho da construção.

A Junta Regional da Estremadura exige ainda que a central de Almaraz só entre em funcionamento quando estiver garantida a segurança total de funcionamento a cem por cento, esteja criado o Conselho Regional de Segurança Nuclear e Meio Ambiente e foi aplicada, na sua totalidade, a legislação vigente em matéria de segurança nuclear, especialmente no que se refere aos planos de emergência.

Pinto Balsemão no Norte

Governo escolherá nova data para as autárquicas

«O Presidente da República, depois de muito tempo de meditação, entendeu não aceitar a proposta do Governo no que respeita à data de 5 de Dezembro para realização das eleições autárquicas, assumindo assim, mais uma vez, a inteira responsabilidade», declarou ontem, em Vila Nova da Cerveira o Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão. O chefe do Governo indicou a esse propósito que o executivo se reunirá na próxima quinta-feira para escolher outra data.

No decorrer da sua deslocação ao concelho de Sabrosa e a Vila Nova de Cerveira, onde presidiu a uma série de inaugura-

ções, Pinto Balsemão teve a ocasião de explicar a razão e significado da sua presença naquelas localidades: «A realização destes empreendimentos

contraria a politiquice palavrosa que por aí pulula, da qual os democratas, **sallentou**, estão saudavelmente a ficar fartos», começou por dizer.

UMA SEMANA NA RDA*

Um programa dedicado aos jovens
 Preço: 19 900\$00

OPORTUNIDADE ÚNICA!

* Por ocasião da Festa Nacional da RDA
 2 a 9 de Outubro

Berlim, Leipzig, Dresden

Alojamento em hotéis de 1ª classe
 c/ banho privativo em regime de pensão completa.

Limite de idade para inscrição: 35 anos

CONSULTE-NOS:

GITUS

GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL

Av. da Liberdade, 73-3º Dtº 1200 Lisboa • Tel. 320070-320556-364303

Rua Santa Catarina, 922-1º 4000 Porto • Tel. 313496

Rua António Granjo, 6 3000 Coimbra • Tel. 29938

2 semanas na URSS

Moscovo, Smolensk, Minsk,
 Leninegrado, Moscovo

Partida 14/9 64 400\$00

Moscovo, Kiev, Minsk,
 Leninegrado, Moscovo

Partida 21/9 64 400\$00

COMEMORAÇÕES DO 7 DE NOVEMBRO

Moscovo, Kiev, Minsk,
 Leninegrado, Moscovo

Partidas 26/10 e 2/11 57 500\$00

TUDO INCLUÍDO

CONSULTE-NOS:

GITUS

GRUPO INTERSINDICAL DE TURISMO SOCIAL

Av. da Liberdade, 73-3º Dtº 1200 Lisboa • Tel. 320070-320556-364303

Rua Santa Catarina, 922-1º 4000 Porto • Tel. 313496

Rua António Granjo, 6 3000 Coimbra • Tel. 29938